

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

FLÁVIA CRISTINA SOARES

“PIXADORES DE ELITE”: DUAS DÉCADAS DE UMA GRIFE

**Belo Horizonte, MG
2013**

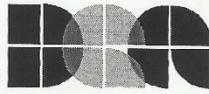
FLÁVIA CRISTINA SOARES

“PIXADORES DE ELITE”: DUAS DÉCADAS DE UMA GRIFE

Dissertação, como requisito parcial, para obter o grau de mestre em Sociologia, submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Área de Concentração: Gestão Urbana e Criminalidade
Orientador: Prof. Dr. Renan Springer de Freitas, UFMG

**Belo Horizonte, MG
2013**



Departamento de Sociologia
e Antropologia - UFMG

Programa de Pós-Graduação em Sociologia

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE

FLÁVIA CRISTINA SOARES

Aos 23 (vinte e três) dias do mês de dezembro de 2013 (dois mil e treze) reuniu-se a banca examinadora da dissertação de mestrado, intitulada "**Pixadores de elite: duas décadas de uma grife**". A banca foi composta pelos professores doutores **Renan Springer de Freitas** (Orientador - SOA-UFMG), **Ludmila Mendonça Ribeiro** (SOA-UFMG) e **Marcus Vinicius de Freitas** (FALE-UFMG). Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da banca examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação (X)

Aprovação com recomendações ()

Reprovação ()

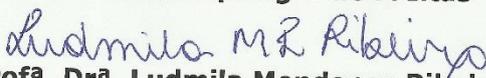
da dissertação.

Para constar foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 23 de dezembro de 2013.

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Renan Springer de Freitas


Prof^a. Dr^a. Ludmila Mendonça Ribeiro


Prof. Dr. Marcus Vinicius de Freitas



Pichação realizada na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa localizada na Praça da Liberdade.

Qual será o futuro do Brasil?

PE – “Pixadores de Elite”

Dedico este trabalho aos meus pais: Vicente e Marlysia.
E aos meus irmãos: Ana Paula, Carlos Henrique e Patrícia.

AGRADECIMENTOS

Em especial, agradeço aos meus pais por me incentivarem à pesquisa de campo com os “pixadores”, sempre dispostos a escutar as minhas descobertas em relação à prática. Aos meus irmãos, principalmente, à Patrícia Soares, que destinou dias para me motivar nos momentos mais difíceis.

Meus sinceros agradecimentos ao Dr. Carlos Cateb, a primeira pessoa que confiou em mim e me ofereceu a oportunidade para trabalhar com os jovens de Belo Horizonte. Ao me estender a mão, ele abriu meu caminho para realizar sonhos. Com certeza, toda a minha experiência só foi possível graças à sua confiança.

Ao Professor Renan Springer de Freitas, pela orientação, pela dedicação em relação ao tema e pelo afeto. O mais importante não foram os seus ensinamentos, mas o aprendizado que levarei durante o meu percurso acadêmico.

Aos Professores Marcos Vinícius e Ludmila Ribeiro, pelas sugestões pertinentes durante a banca de qualificação.

À Professora Ana Marcela Ardila Pinto e ao grupo de Sociologia Urbana, pelas discussões sobre a prática de “pixação” na cidade de Belo Horizonte.

Ao Alexandre Barbosa Pereira, Rodrigo Amaro de Carvalho e Rodrigo Guedes - pesquisadores do tema -, pelas referências bibliográficas, oportunidades e pelas conversas para a realização desta pesquisa.

Meu profundo agradecimento à Júnia Moraes, que, sem motivo algum, confiou na minha pessoa e me apresentou aos “pixadores” de Belo Horizonte. Logicamente, sem a sua presença, este trabalho não seria iniciado, pois foi ela que me inseriu no campo e se tornou um exemplo de amizade e sinceridade.

Ao DJAN CRIPTA e NUNO DV pelas informações sobre a prática de “pixação” nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Longas conversas pela internet e pessoalmente me fizeram entender que a “pixação” possui a sua própria particularidade em cada Estado e, primordialmente, em cada grupo.

Às minhas amigas e companheiras que escutaram as minhas angústias e me motivaram, estando ao meu lado durante todo o processo de pesquisa: Aline Santos, Eliana Duarte e Juliana Fontes.

Aos meus grandes amigos que me incentivaram e comentaram as páginas escritas: Victor Neiva e Glaucete Viegas.

Aos “Pixadores de Elite” pela oportunidade de vivenciar o cotidiano do grupo. Uma experiência fantástica e inesquecível que levarei para sempre no coração. Nos encontros, fiz grandes amigos e me senti realizada e completa. Em especial, agradeço ao AIR, BONI, CASACO, CLAF, COBRA, FREK, FUGA, GAMBÁ, GG, MORROW, OSKA, RODOX, SABRE, SKILO, SKITER, STON, SUÍNO, SUSU e YES pela disponibilidade em oferecer o máximo de informações pertinentes à pesquisa.

Também agradeço aos jovens: AFRICA, BETA, BOGUS, GAGO, GRAPE, PAVOR, REDOK, ROI, SLIPK, LORA, LIKS e Léo CPG pela circulação na cidade, pelas entrevistas e pelas longas conversas para compreender a prática de “pixar”.

Finalmente, agradeço à CAPES pela bolsa de mestrado que possibilitou a realização desta pesquisa.

RESUMO

Nas cidades, encontramos estampados nos muros pichações com frases que expressam sentimentos ou revolta a um determinado regime político e, tais mensagens, são compreensíveis aqueles que circulam pela cidade. No entanto, também existem pichações que não transmitem mensagem alguma, ou seja, são incompreensíveis aos olhos dos cidadãos. Essas pichações somente possuem significado aos membros que pertencem a um determinado grupo de pichadores que realizam a prática. As inscrições feitas nos muros são assinaturas ou alcunhas criadas pelos próprios pichadores e reconhecidas como “detonas”. As pichações ininteligíveis são um fenômeno recente e surgiram a partir dos anos 1980 na cidade de Belo Horizonte. Esta pesquisa analisa a dinâmica das relações estabelecidas entre os membros de um desses grupos de pichadores existentes na metrópole, a saber: os “Pixadores de Elite”. A partir de um trabalho de campo desenvolvido junto a este grupo é desvelada a sua história, os momentos de interação entre os membros, a circulação pela capital mineira para marcar as “detonas”, o estilo das letras e os conflitos dos pichadores com a polícia e órgãos governamentais.

Palavras – chave: “Pixadores de Elite”, liderança, pichação e grupo.

ABSTRACT

Wall spraying can be seen stamped on the walls of cities with phrases that express feelings or insurgency to a particular political regime and such messages are understandable to those who walk in a particular city. However, there is also wall spraying which does not convey any message or is unintelligible to the eye of the citizens. This kind of wall spraying means something only to members of a certain group of taggers which perform this practice. Entries made in the walls are signatures or nicknames created by taggers themselves and recognized as "detonas". Unintelligible wall spraying is a recent phenomenon and in the city of Belo Horizonte, it was originated in the 1980 decade. This research analyzes the dynamics of the relations between the members of a group of taggers in the metropolis of Belo Horizonte, called "Pixadores de Elite". Their story is unveiled with a field study carried out with this group. Some moments of interaction among members and their strolling around the capital of Minas Gerais are described and capital and mark the "detonas", the style of the letters and conflicts of taggers with police and government institutions.

Keywords: Wall spraying, "Pixadores de Elite", leadership and group.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - FOTO MOSTRANDO UMA PICHANÇA COM UMA MENSAGEM DE AMOR.	16
FIGURA 2 - FOTO MOSTRANDO UMA PICHANÇA COM UMA MENSAGEM POLÍTICA.	16
FIGURA 3 - FOTO MOSTRANDO UMA PICHANÇA COM A SEGUINTE MENSAGEM: + PLATÃO – PROZAC.	16
FIGURA 4 – MENSAGEM ESCRITA NOS TRONCOS DE ÁRVORES.	17
FIGURA 5 - FOTO MOSTRANDO PICHANÇÕES PAULISTAS.	18
FIGURA 6 - FOTO MOSTRANDO PICHANÇÕES CARIOCAS.	18
FIGURA 7 - FOTO MOSTRANDO PICHANÇÕES MINEIRAS.	18
FIGURA 8 - FOTO DA ASSINATURA DO GOMA.	20
FIGURA 9 – “PIXANÇA” DO VINGA REALIZADA NO RELÓGIO DA CENTRAL.	26
FIGURA 10 – À ESQUERDA, FOTO DA FRENTE DA CARTEIRINHA DE ASSOCIAÇÃO DO JOVEM AOS “PIXADORES DE ELITE” E, À DIREITA, ESTÃO REGISTRADOS: A SIGLA DO GRUPO, O NOME “PIXADO”, O NÚMERO DA ESCALA E O NOME DO BAIRRO EM QUE O JOVEM RESIDE.	28
FIGURA 11 – ALCUNHA DO INXS.	31
FIGURA 12 – CAMISETAS UTILIZADAS PELOS JOVENS MEMBROS DO GRUPO “PIRATAS DO SUBÚRBIO” – “GALERA” DA “QUEBRADA” DO COBRA.	32
FIGURA 13 – COBRA “PIXANDO” O ALTO DE UM PRÉDIO.	33
FIGURA 14 – “PIXANÇA” DO COBRA REALIZADA NO OBELISCO DA PRAÇA SETE.	35
FIGURA 15 – COBRA NA CAPA DE UM JORNAL.	37
FIGURA 16 – À ESQUERDA, TATUAGEM DE UMA LATA DE SPRAY REALIZADA POR COBRA. À DIREITA, TATUAGEM REALIZADA PELO GG - ATUAL PRESIDENTE DA PE - DO MASCOTE TAZ-MANIA COM O NOME DO GRUPO.	38
FIGURA 17 – ASSINATURA DE UM ANTIGO “PIXADOR” NA CARTEIRA DE MOTORISTA.	39
FIGURA 18 – ASSINATURA DO COBRA NOS MUROS DA CIDADE.	39
FIGURA 19 – NO BONÉ DO DESENHO, OBSERVA-SE A SIGLA PE ESCRITA PELO GRAFITEIRO GAMBÁ.	43
FIGURA 20 – FOTO MOSTRANDO A “PIXANÇA” DA SUSU - JOVEM INTEGRANTE DA PE FEMININA.	43
FIGURA 21 – “GRAPIXO” REALIZADO PELO BONI NA AVENIDA AMAZONAS EM BELO HORIZONTE.	44
FIGURA 22 – “GRAPIXO” REALIZADO PELO SABRE.	44
FIGURA 23 – ASSINATURA DE GG – ATUAL PRESIDENTE DA PE.	45
FIGURA 24 – À ESQUERDA, DEMONSTRA-SE A ALTURA DA ESCALADA ATÉ O RELÓGIO DA PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. À DIREITA, A “PIXANÇA” DE SKILO NO MESMO LOCAL.	47
FIGURA 25 – À ESQUERDA, DEMONSTRA-SE O RELATO DO ARREPENDIMENTO DO SKILO EM RELAÇÃO ÀS “PIXANÇÕES”. À DIREITA, O RELATO DO GG RESSALTANDO QUE AS “PIXANÇÕES” EM PRÉDIOS PÚBLICOS SÃO REALIZADAS POR FALSOS “PIXADORES”	50
FIGURA 26 – REPORTAGEM FEITA COM AIR PARA QUEM “PIXAR” PERDEU STATUS, ESTRATÉGIA PARA DIZER QUE ABANDONOU A PRÁTICA.	52

FIGURA 27 – REPORTAGEM SOBRE A “PIXAÇÃO” REALIZADA NO TÚMULO DO EX-GOVERNADOR OLEGÁRIO MACIEL, NO CEMITÉRIO DO BONFIM.	53
FIGURA 28 – “PIXAÇÃO” REALIZADA POR PACO NO TÚMULO DO PADRE EUSTÁQUIO NO CEMITÉRIO DO BONFIM.	53
FIGURA 29 – “PIXAÇÃO” REALIZADA POR FREK EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BH E TRANSMITIDA POR JORNAIS TELEVISIVOS.	55
FIGURA 30 – CALENDÁRIO DE UM ESTABELECIMENTO COMERCIAL EM IBIRITÉ – REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE.	56
FIGURA 31 – REPORTAGEM: “OS PICHADORES DE BH MERECEM MESMO É UMA BOA SURRA”. ..	57
FIGURA 32 – “PIXAÇÕES” REALIZADAS NA PORTA DA IGREJA MATRIZ DE SANTA LUZIA PELOS MEMBROS DA PE COM A SEGUINTE FRASE: “DEUS ME PERDOE”.	57
FIGURA 33 – FOTO COM O MASCOTE DA PE PARA A CONVOCATÓRIA DE REUNIÕES.	61
FIGURA 34 – ASSINATURAS DOS INTEGRANTES NAS “FOLHINHAS” NA REUNIÃO DOS “PIXADORES DE ELITE”.	62
FIGURA 35 – ASSINATURAS DOS INTEGRANTES NAS “FOLHINHAS” NA REUNIÃO DOS “PIXADORES DE ELITE”.	62
FIGURA 36 – ASSINATURAS DO SUÍNO E SUSU – MEMBROS DA PE – AO CIRCULAREM PELA CIDADE.	65
FIGURA 37 – LATAS DE SPRAY NOS ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS DE BELO HORIZONTE. ..	68
FIGURA 38 – À ESQUERDA, FLYER DO LANÇAMENTO DO DVD CHAMADO “FODA-SE”. À DIREITA, CONVITE PARA A COMEMORAÇÃO DE UM ANO DA LOJA, COM SORTEIOS E EXPOSIÇÃO DE “PIXOS”	68
FIGURA 39 – À ESQUERDA, “BICOS” OU “PINOS” UTILIZADOS NAS LATAS DE SPRAY PELOS “PIXADORES”. À DIREITA, A ESPESSURA DE CADA CAP VENDIDO EM UM ESTABELECIMENTO COMERCIAL.	69
FIGURA 40 – “ROLÉ” REALIZADO POR TRÊS MEMBROS PERTENCENTES A GRUPOS DISTINTOS. ..	70
FIGURA 41 – LATA DE SPRAY BEM PEQUENA UTILIZADA PELOS “PIXADORES” PARA ESCREVEREM AS SUAS ALCUNHAS NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL. CONSTATA-SE QUE A LATA DE SPRAY É UM POUCO MAIOR QUE UM ISQUEIRO PEQUENO.	72
FIGURA 42 – À ESQUERDA, “PIXAÇÃO” REALIZADA PELO AIR E À DIREITA, “PIXAÇÃO” REALIZADA PELO OSKA NO ESTILO CARIOCA, AMBOS MEMBROS DA PE.	75
FIGURA 43 – “PIXAÇÃO” DO ESTILO BRASILIENSE REALIZADA PELO COBRA – O SEGUNDO PRESIDENTE DA PE.	75
FIGURA 44 – À ESQUERDA, “PIXAÇÃO” DO ESTILO MINEIRO REALIZADA PELO SUÍNO E PELO SABRE. À DIREITA, “PIXAÇÃO” REALIZADA PELO OSKA. MEMBROS DOS “PIXADORES DE ELITE”.	76
FIGURA 45 – “PIXAÇÃO” DO ESTILO PAULISTA REALIZADA PELO STOCK.	77
FIGURA 46 – “PIXAÇÃO” REALIZADA PELO NOK, SABRE E SUÍNO EM “MUROS DE PASTILHA”.	78
FIGURA 47 – À ESQUERDA, OBSERVA-SE A “PIXAÇÃO” DO MORROW, YES, RINCO E FUGA. À DIREITA, A “PIXAÇÃO” REALIZADA PELO YES, MORROU, FUGA E GG. AMBAS REALIZADAS EM “MUROS DE PEDRA”.	78

FIGURA 48 – “AGENDA” REALIZADA EM UM “MURO DE PEDRA”.....	79
FIGURA 49 – “AGENDA” REALIZADA EM UM “MURO DE PEDRA”, LOCALIZADO À AVENIDA DO CONTORNO.....	79
FIGURA 50 – À ESQUERDA AS “RELÍQUIAS” DAS “PIXAÇÕES” DO SANGRÔ E POISON, MEMBROS DA PE, REALIZADA NA REGIÃO HOSPITALAR NOS ANOS 90. À DIREITA, AS “RELÍQUIAS” DAS “PIXAÇÕES” DO COBRA E SANGRÔ REALIZADAS À AVENIDA ÁLVARES CABRAL NOS ANOS 90.	80
FIGURA 51 – “PIXAÇÕES” REALIZADAS PELOS MEMBROS DA PE NOS PORTÕES DE AÇO DOS ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS.	81
FIGURA 52 – A TÉCNICA “JEGUERÊ” INFLUENCIADA PELOS “PIXADORES” PAULISTAS.....	81
FIGURA 53 – À ESQUERDA, “PIXAÇÃO” REALIZADA PELO GAROTO HOMENAGEANDO O COBRA. À DIREITA, “PIXAÇÃO” REALIZADA PELO SNIL E BONI HOMENAGEANDO TODA A FAMÍLIA PE.	82
FIGURA 54 – “PIXAÇÃO” DE SACK NO SEGUNDO ANDAR DE UM PRÉDIO ATRAVÉS DA TÉCNICA “ESCALADA”.	83
FIGURA 55 – “PIXAÇÃO” REALIZADA PELA SUSU EM UM VAGÃO DE TREM.....	85
FIGURA 56 – À ESQUERDA, FREK SERRANDO O CADEADO PARA ACESSAR O TERRAÇO DO EDIFÍCIO COMERCIAL. À DIREITA, A SUA ALCUNHA ESCRITA NO ALTO DO PRÉDIO.	86
FIGURA 57 – À ESQUERDA, A ALCUNHA REALIZADA PELO FREK. À DIREITA, A ALCUNHA REALIZADA PELA SUSU. AMBAS DE “PONTA-CABEÇA”.	86
FIGURA 58 – Pixação realizada pelo Sack com borrifador.	87
FIGURA 59 – “PIXAÇÃO” DO FREK NO LAVABO DE UMA FESTA.	88
FIGURA 60 – “ATROPELO” OU “RASURA” POR CIMA DE VÁRIAS “PIXAÇÕES” NO CENTRO DA CAPITAL MINEIRA.	90
FIGURA 61 – NOTA-SE A EXPRESSÃO “OS MAIS ABUSADOS” POR CIMA DE ANTIGAS “PIXAÇÕES”, CHAMADOS DE “ATROPELO” OU “RASURA”.	90
FIGURA 62 – OBSERVAM-SE OS CARTAZES AFIXADOS POR CIMA DO “GRAPIXO” REALIZADO POR BONI (PE), CONSIDERADO COMO “ATROPELO”.	92
FIGURA 63 – NOTA-SE A EXPRESSÃO “PROIBIDO FIXAR CARTAZES” EM UM “GRAPIXO” REALIZADO POR BONI, MEMBRO DA PE.....	93
FIGURA 64 – “QUEBRA-QUEBRA” EM UM EDIFÍCIO DE BELO HORIZONTE. CLAF – MEMBRO DA PE – ALCANÇOU O TOPO DO LOCAL.	94
FIGURA 65 – BOATES TRASH E ESCAPE FREQUENTADAS PELOS “PIXADORES” DOS ANOS 90..	98
FIGURA 66 – À ESQUERDA A BOATE ARENA, TAMBÉM FREQUENTADA PELOS “PIXADORES” DOS ANOS 90. À DIREITA, UM DISCO DE VINIL DO DJ ALBERTO COM A SELEÇÃO DE MÚSICAS COM O ESTILO <i>FLASH HOUSE</i>	98
FIGURA 67 – FLYER DO DUELO DE MCS EM COMEMORAÇÃO AOS 5 ANOS DE APROPRIAÇÃO DO LOCAL.	100
FIGURA 68 – FLYER DE CONVOCAÇÃO DOS “PIXADORES” PARA A REÚ DO “PIXO”.....	101
FIGURA 69 – FLYER DO “MOVIMENTO RESPEITO POR BH”, REALIZADO PELA PREFEITURA DE BELO HORIZONTE.....	106

FIGURA 70 – REPORTAGEM DA CRIAÇÃO DA DELEGACIA ESPECIALIZADA PARA COMBATER A PICHANÇA.....	108
FIGURA 71 – REPORTAGEM DE UMA DAS FRENTE DE ATUAÇÃO DO MOVIMENTO RESPEITO POR BH: DESPICHE.	110
FIGURA 72 – FRASE DE UM MEMBRO DA PE, DEMONSTRANDO O CONFLITO EXISTENTE ENTRE O “PIXADOR” E O ÓRGÃO MUNICIPAL.	110
FIGURA 73 – FRASE DE UM “PIXADOR”: “AÍ PROMOTOR O PESADELO VOLTOU”, REFERINDO-SE À ATUAÇÃO DOS ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS QUE ENQUADRARAM OS “PIXADORES” POR FORMAÇÃO DE QUADRILHA.	110
FIGURA 74 – “PIXADORES” LIMPANDO AS SUAS “DETONAS”.....	112
FIGURA 75 – “PIXAÇÕES” REALIZADAS NO TRIBUNAL DE JUSTIÇA.	113
FIGURA 76 – PROCESSO JUDICIAL INSTAURADO CONTRA UM “PIXADOR”.....	114
FIGURA 77 – “PIXAÇÕES” REALIZADAS NOS DISPOSITIVOS DA POLÍCIA MILITAR.....	114

LISTA DE SIGLAS

CMA	Comando Máfia Azul
CPG	Comando Piratas do Gueto
FEB	Força Expedicionária Brasileira
MDP	Morro do Papagaio
NAU/USP	Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo
PE	Pixadores de Elite
RM	Rebeldes da Madrugada
TOG	Torcida Organizada Galoucura
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
OS CAMINHOS DA PESQUISA	22
1 – “PIXADORES DE ELITE”: FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.....	25
1.1- PE DO INXS	25
1.2- PE DO COBRA.....	31
1.3- PE DO GG	39
2- A UNIDADE DO GRUPO	46
2.1- REUNIÕES DOS “PIXADORES DE ELITE”	57
2.2- A PRESENÇA DA PIXADORA NO GRUPO: SUSU	63
CAPÍTULO 3 – DAS REUNIÕES ÀS RUAS: A ATUAÇÃO DOS “PIXADORES DE ELITE” PELA CIDADE DE BELO HORIZONTE.....	67
3.1- O SPRAY E OS ESTILOS DE LETRAS	67
3.2- “DETONAS”: ETERNIDADE, TÉCNICAS E TÁTICAS	77
3.3- AS “TRETAS”	88
3.4 – OS POINTS.....	95
CAPÍTULO 4 – OS PIXADORES DIANTE DA LEI	102
4.1- CONFLITO ATENUADO	102
4.2- O RECRUDESCIMENTO DO CONFLITO.....	105
4.3- A ILEGALIDADE COMO FONTE DE IDENTIDADE	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118

INTRODUÇÃO

Ao caminhar pelas ruas de qualquer cidade do mundo, as pessoas se deparam com o fenômeno da pichação, seja em Nova Iorque, Londres, Amsterdã, São Paulo, Rio de Janeiro ou em Belo Horizonte. Pela paisagem urbana, observam-se expressões ou frases compreensíveis pelos cidadãos que expressam algum tipo de sentimento: declaração de amor, revolta contra um regime político e as mais diversas escritas que transmitem alguma mensagem àqueles que as leem. Como exemplo dessas pichações, observam-se as figuras 1, 2 e 3.



FIGURA 1 - Foto mostrando uma pichação com uma mensagem de amor.

Fonte: Página “Porque nem as paredes da rua são portas fechadas” no Facebook.

FIGURA 2 - Foto mostrando uma pichação com uma mensagem política.

Fonte: Site Vila do Amor

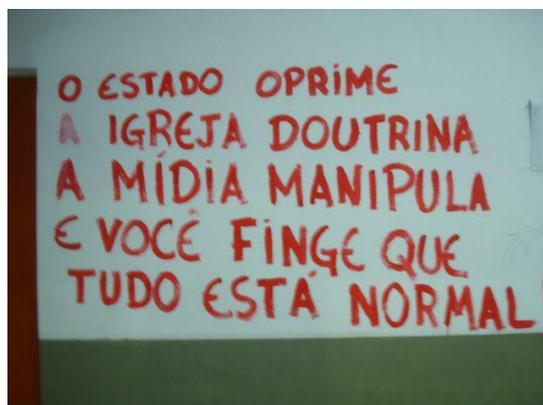


FIGURA 3 - Foto mostrando uma pichação com a seguinte mensagem: + Platão – Prozac.

Fonte: Site Alberto Mesquita



O ato de expressar sentimentos marcando paredes, portões, rochedos, árvores ou o que mais possa ocorrer ao leitor existe, talvez, desde tempos imemoriais. Pichações como as ilustradas nas figuras 1 a 3 exemplificam marcações dessa natureza e, por essa razão, não são objeto de interesse do presente trabalho. Elas não diferem em natureza de uma marcação como aqui ilustra a figura 4, que, nem mesmo, requer o uso de piche.



FIGURA 4 – Mensagem escrita nos troncos de árvores.

Fonte: Site Etsy.

Um quadro bem diverso se coloca diante de nós quando nos deparamos com pichações como as expostas nas figuras 5 a 7. Nota-se que, ao lermos essas marcações, sequer somos capazes de saber se elas exprimem alguma coisa. Elas parecem nada mais que rabiscos sem sentido, entretanto elas fazem muito sentido para quem as produz. Por exemplo, o leitor certamente não terá ideia do que possa estar escrito nas marcações à esquerda da figura 7. Ali está escrito ASCO, que é uma alcunha (de um pichador). À direita dessa marcação, ou “detona”, como os pichadores dizem, está escrito COBRA, alcunha de outro pichador. No meio dessas “detonas”, leia-se Léo CPG e SNIL, e, ainda mais à direita, MORROW e GG. Dependendo do lugar onde são feitas, essas marcas ou “detonas” são fonte de menor ou de maior prestígio e reconhecimento.



FIGURA 5 - Foto mostrando pichações paulistas.

Fonte: Foto cedida pelo DJAN CRIPTA.

FIGURA 6 - Foto mostrando pichações cariocas.

Fonte: Página “100 Comédia Brasil” do facebook.



FIGURA 7 - Foto mostrando pichações mineiras.

Fonte: Foto cedida pelos “pixadores” de Belo Horizonte.



Uma segunda diferença em relação às pichações ilustradas nas figuras 1 a 3 é que essas, a que agora nos referimos, são um fenômeno relativamente recente. No caso específico de Belo Horizonte, tem um pouco mais de vinte anos e, se hoje a vemos disseminadas por toda parte, é porque certos grupos se estabeleceram com o objetivo de produzi-las e disseminá-las. Mais que isso, esses grupos criaram um modo próprio de se referir a elas: essas marcações, agora, não são mais pichações, mas “pixações”, com “x”.

Neste trabalho, concentro-me no estudo de um desses grupos, o primeiro deles e o mais importante da cidade, os autodenominados “Pixadores de Elite”. Descrevo o modo como esse grupo se formou, o modo como ele se desenvolveu ao longo das suas décadas de existência e as transformações pelas quais teve que passar para manter a sua unidade.

Até onde se sabe o primeiro trabalho a abordar a pichação como a prática de um grupo organizado foi o de Andrei Isnardis em 1995. No decorrer da pesquisa, Isnardis apontou uma relação entre os “pixadores” de Belo Horizonte e as Torcidas Organizadas de Minas Gerais.

A literatura sobre esse tema é escassa, mas se move em várias direções. Assim, em 2005, no primeiro trabalho em que se usou o termo “pichação” com “x”, Alexandre Barbosa Pereira examinou o modo como os “pixadores” se apropriaram do espaço urbano de São Paulo. Ele defende a tese de que, embora os grupos se formem em bases territoriais, as “pixações” de cada grupo se espalham por toda a cidade. Chamou-lhe particularmente a atenção o caso dos jovens radicados nos bairros de periferias, por exemplo, “Os marginais”. As marcações desses jovens denunciam a forma pela qual são mencionados pela sociedade, afirmando tal postura.

Semelhantemente a Alexandre Barbosa Pereira, o trabalho de David Souza (2007) mostra que os grupos são constituídos pela proximidade de moradia. Os jovens da cidade do Rio de Janeiro criam uma sigla para designar cada bairro e, cada vez que marcam as suas alcunhas pelos muros da metrópole, essa sigla é marcada ao lado. Há uma clara competição pela quantidade de marcações. Souza defende a tese de que essa competição pode ser vista como uma “sublimação da violência”, caso seja comparada ao que ocorre entre os jovens pertencentes às torcidas organizadas e aos grupos rivais em bailes funks.

Em 2009, Sérgio Miguel Franco também se ocupa desse tema investigando o modo como os “pixadores” de São Paulo se esforçam para tornar a “pichação” uma ortodoxia no campo da arte.

Por último, em um trabalho de 2012, Rodrigo Amaro de Carvalho procurou compreender o modo como as marcas exprimem alianças ou rivalidades entre grupos. Observa-

se a marca do GOMA, por exemplo, ilustrada na figura 8. Ao lado da alcunha GOMA, nota-se a sigla BN – Banca Nervosa – que se refere ao grupo de “pixador” ao qual ele pertence em Belo Horizonte. Abaixo da assinatura, ao lado esquerdo, há um círculo com o símbolo “mais” e a letra “F”. Esse símbolo significa “Círculo Forte” – uma aliança entre dois grupos de “pixadores” de São Paulo conhecidos por “Os + Fortes” e “Círculo Vicioso”. Esses grupos se aliaram com o propósito de espalhar a “pixação” pelo Brasil. O trabalho de Carvalho mostra que hoje existem “pixadores” representantes do “Círculo Forte” nas cidades de Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Campina Grande, Vitória e Berlin. Por ser uma aliança consagrada entre os “pixadores”, qualquer jovem, ao transitar por essas metrópoles, reconhece que o “pixador”, por exemplo, GOMA se aliou ao “Círculo Forte” o que proporciona a esse último prestígio entre os pares.



FIGURA 8 - Foto da assinatura do GOMA.

Fonte: Foto cedida pelo pixador.

Embora todos esses trabalhos mostrem dimensões importantes da atividade de pixação, em nenhum deles se vê um estudo a respeito do modo como grupos específicos se formam e se desenvolvem ao longo do tempo. O presente trabalho busca preencher essa lacuna. Meu foco recairá sobre o já citado grupo “Pixadores de Elite”. Para além do que até aqui já foi dito sobre esse grupo, cabe por ora adiantar que ele é formado por membros oriundos das mais diversas regiões da cidade e diferentes níveis socioeconômicos, não estando portanto radicados em bairros de periferia como os pixadores estudados por Pereira e Carvalho.

No Capítulo 1, será descrito o processo de formação dos “Pixadores de Elite” e o seu desenvolvimento através das principais lideranças. O segundo capítulo examina os critérios para a inserção dos membros no grupo e as práticas por meios das quais a unidade do grupo

tem sido mantida. No capítulo 3, examinam-se os recursos e as habilidades necessárias para a marcação dos equipamentos urbanos. Destaca-se a preocupação com o estilo da letra a ser usada. No quarto e último capítulo, examina-se as relações do grupo com o poder o público com o destaque para as estratégias utilizadas para se contrapor a repressão policial.

OS CAMINHOS DA PESQUISA

Para realizar a pesquisa de campo, contactei a J.M., uma jovem admiradora da pixação, que se dispôs a me acompanhar até os locais de encontro dos pixadores: o Duelo de MC's¹ - "MC" significa Mestre de Cerimônias que improvisam rimas com conteúdos políticos e eleitorais. Nas primeiras incursões, os jovens me trataram com estranheza por não compartilhar dos mesmos valores concebidos entre eles e, principalmente, por ser uma pessoa sem referência para os mesmos. Em poucas semanas, eles me identificaram como P2 (policial à paisana) com o propósito de colher provas da pixação na metrópole e enquadrá-los no crime de formação de quadrilha. Nesse momento, verifiquei o quanto o "Movimento Respeito por BH" e a implantação da Delegacia Especializada para combater a Pixação – temas que serão abordados no quarto capítulo – impactaram as relações dos pixadores com a prática. Como havia me transformado em alguém que possivelmente poderia colocá-los em risco, optei por recuar do campo e repensar estratégias para reaproximar dos pixadores.

Diante disso, alguns jovens me procuraram para expressar indignação em relação à desconfiança desses pixadores. Assim, eles passaram a me acompanhar até o local para que eu pudesse ser reconhecida no meio. Além do Duelo de MC's, frequentei festas para o lançamento de DVD's, lojas em que os materiais de pixações são vendidos e exposições voltadas para os próprios pixadores. Aos poucos, fui me aproximando dos jovens pertencentes aos "Pixadores de Elite" e observei que o grupo se constituiu por membros com diferentes níveis socioeconômicos e, principalmente, com uma liderança significativa. Um dos integrantes da PE estabeleceu contato com o atual Presidente do grupo, conhecido por GG, solicitando à ele que encontrasse comigo. A reunião foi marcada na "Sede da PE" para que eu explicasse os objetivos da pesquisa. Devo esclarecer que a sede não é propriamente uma sede, isto é, não é um prédio ou uma edificação - é apenas um posto de gasolina no bairro Floresta. Ao dizer que poderia comprovar o meu vínculo com a universidade, ele disse que não acreditava em papéis e, sim nas minhas palavras. A partir daí, passei a frequentar as reuniões mensais dos "Pixadores de Elite", acompanhei as inscrições de assinaturas realizadas pela madrugada, estabeleci contatos com os antigos membros e fiz vinte entrevistas com os integrantes do grupo.

As entrevistas foram realizadas no centro da capital mineira, praças públicas e na "Sede da PE". Dezesete membros autorizaram a gravação das entrevistas. A princípio o primeiro

¹ Durante o ano de 2012, o Duelo de MC's era realizado às sextas-feiras no horário das 20 horas.

Presidente, conhecido por INXS, não se prontificou a encontrar comigo por motivos pessoais. Como algumas dúvidas foram surgindo em relação à constituição do grupo e os símbolos da PE, ele passou a me escrever cartas que foram entregues pelos próprios pixadores.

Após verificar que os membros desejavam obter notoriedade no cenário da pixação, adquirei uma filmadora para registrar a prática e compartilhar os vídeos com o propósito de divulgarem as suas atuações pela cidade. No entanto, eles demonstraram preocupação com fato de me verem sozinha nas ruas da cidade portando uma filmadora e expressaram que eu estava vulnerável a assaltos. Assim, passei a circular pela metrópole na companhia de alguém conhecido ou pelos próprios pixadores.

Em junho de 2013, recebi um convite para palestrar sobre pixação na Universidade Federal da Bahia² (UFBA). Neste local, conheci o DJAN CRIPTA (pixador de São Paulo) e o NUNO DV (pixador do Rio de Janeiro) que se tornaram os meus principais interlocutores em relação às diferenças regionais. Além disso, a PE carioca influenciou a constituição dos “Pixadores de Elite” em Belo Horizonte. Como NUNO DV conhecia os integrantes da PE do Rio de Janeiro, foi possível contactá-los, através das redes sociais, para colher informações sobre a constituição do grupo carioca o que possibilitou verificar que os “Pixadores de Elite” foram formados a partir da imagem e semelhança da Tropa de Elite da Polícia do Exército.

Como me aproximei dos membros, passei a compreender que o sucesso da minha inserção no grupo só foi concebido pela oportunidade de obterem fama no cenário da pixação. Após a palestra na UFBA e a publicação de um artigo³ pela NAU/USP⁴, os pixadores me enviaram fotos das suas “detonas” permitindo que fossem utilizadas nos diversos trabalhos realizados por mim. As fotos utilizadas para demonstrar a prática de pixação na cidade foram cedidas pelos próprios pixadores com o intuito de obterem notoriedade em relação aos demais grupos.

Como proporcionei certo reconhecimento para os “Pixadores de Elite”, eles passaram a me referir como pertencente à PE. Tal fato me deixou receosa, uma vez que eu não poderia continuar acompanhando o cotidiano do grupo após a finalização da pesquisa. Então, disse aos membros que eu era apenas uma pesquisadora e não poderia integrar o grupo. Eles concordaram

² O convite foi realizado por Sérgio Miguel Franco, organizador do Seminário *Derivas e Memórias Contemporâneas na Pixação* na UFBA.

³ Pixação em Belo Horizonte: identidade e transgressão como apropriação do espaço urbano.

⁴ Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo.

e disseram que eu era “Pesquisadora de Elite”, demonstrando satisfação por contribuir com a pesquisa.

Através dessa busca pela notoriedade concedida pelas reportagens em jornais e revistas, fui até a Biblioteca Pública de Belo Horizonte para buscar informações dos pixadores nos anos de 1990. Mais um fato me chamou a atenção para esse atributo, uma vez que as reportagens foram arrancadas dos jornais e das revistas para a “coleção de ibopes” – expressão que será descrita no segundo capítulo. Assim, as reportagens utilizadas na dissertação foram cedidas pelos próprios integrantes do grupo e não foi possível encontrar as devidas referências, pois eles obtêm apenas a parte das quais lhes interessavam.

Através da pesquisa de campo, percebi que os membros do grupo também integravam as principais torcidas organizadas de Belo Horizonte: Galoucura e Máfia Azul. Nas reuniões dos “Pixadores de Elite”, além da prática de pixação, outro tema extremamente comentado entre os membros se referia ao futebol. Ao me indagarem qual a minha preferência, respondi Clube Atlético Mineiro, que havia conquistado o Campeonato Mineiro e estava se destacando na Copa Libertadores. É bem verdade que eu nunca acompanhei os jogos até eles perceberam e me convidarem a ir aos estádios. Assim, frequentei alguns jogos dos campeonatos com os pixadores para obter informações sobre a prática.

Por último, destaco que existem os antigos membros que ainda pixam a cidade (adultos), novos membros (jovens) e os pixadores que abandonaram a prática. Para realizar as entrevistas, os antigos membros e àqueles que abandonaram a pixação demonstravam maior interesse em encontrar, responder às perguntas ou dúvidas. No entanto, a percepção da atividade é bem diferente entre àqueles que vivenciam a pixação dos outros que se aposentaram. Já, os jovens demonstraram receio em relação às entrevistas o que não impossibilitou de observar as relações estabelecidas entre os membros, uma vez que frequentava as reuniões dos “Pixadores de Elite”. Também, destaco que as palestras e artigos publicados sobre a PE, despertou o interesse da primeira liderança em me conhecer e dizer sobre a formação do grupo. Por fim, o sucesso da pesquisa se deu a partir dos contatos já estabelecidos, antes mesmo do início deste campo, pois já havia realizado um trabalho com os pixadores do Conjunto Taquaril, uma comunidade localizada na periferia de Belo Horizonte⁵.

⁵ SOARES, Flávia Cristina. A pichação dos jovens no Conjunto Taquaril. 2010. 60f. Monografia (Especialização em Administração Pública, Gestão Social) – Escola de Governo da Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2010.

1 – “PIXADORES DE ELITE”: FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

1.1- PE DO INXS

Os “Pixadores de Elite” foram estabelecidos, primeiramente, no Rio de Janeiro, a partir da imagem e semelhança de um grupo famoso e bem sucedido: a Tropa de Elite da Polícia do Exército. Essa polícia foi formada para atuar na II Guerra Mundial com o propósito de escoltar, proteger e realizar o policiamento em áreas de conflito. Tendo em vista a eficiência dos soldados, esse agrupamento foi incorporado pela Força Expedicionária Brasileira - FEB. A particularidade que os distinguia em relação a outros pelotões se referia aos atributos de identidade, tais como o uso de uma braçadeira preta com as letras PE escritas em branco e o símbolo localizado na gola do uniforme representando “duas garruchas cruzadas”. Além disso, os soldados eram reconhecidos por “números de identificação”⁶. A inserção dessa corporação na Polícia do Exército, mesmo em tempos de paz, possibilitou o surgimento de uma associação chamada “Uma vez PE, sempre PE”. Constatou-se que um dos membros dos “Pixadores de Elite”, da cidade carioca, pertencia à Polícia do Exército, o que permitiu relacionar os símbolos desse agrupamento com a constituição do grupo de “pixadores” investigado.

Nos primórdios da formação dos “Pixadores de Elite” carioca, conhecido pela sigla PE, verificou-se a presença de cinco jovens pertencentes ao grupo os quais eram conhecidos por 01 (zero um), 02 (zero dois), 03 (zero três), 04 (zero quatro) e 05 (zero cinco). Além de “pixadores”, os membros eram integrantes da torcida organizada Jovem Fla, representando o Clube de Regatas do Flamengo. As torcidas organizadas se agrupam por alianças estabelecidas com as mais diversas torcidas do território brasileiro. Nesse caso, a Jovem Fla possui uma aliança com o Comando Máfia Azul, torcida organizada que representa o Cruzeiro Esporte Clube. Apesar de a formação do grupo ser inspirada na Tropa de Elite da Polícia do Exército, foi a presença dos jovens “pixadores” integrantes da Torcida Jovem Fla que possibilitou a formação dos “Pixadores de Elite” em Belo Horizonte.

Em função da proximidade entre as torcidas organizadas, um jovem de vinte e um anos, cuja escolaridade se limitava ao Ensino Médio completo, morador de um bairro de classe média baixa, localizado a noroeste da Regional Pampulha, em Belo Horizonte, integrante da Máfia Azul, conhecido por INXS, criou os “Pixadores de Elite” na capital mineira. Essa

⁶ Informações retiradas da página: <http://chicomiranda.wordpress.com/tag/policia-do-exercito/>

particularidade de pertencer à torcida organizada fez toda a diferença para a consolidação do grupo, uma vez que as torcidas cultivam amizade e respeito por outros clubes de futebol. As associações de torcedores promoviam viagens a outras cidades do território brasileiro para que os membros pudessem assistir aos jogos nos estádios e participar de eventos promovidos pelas torcidas. A união entre as torcidas Jovem Fla e Máfia Azul possibilitou o vínculo de amizade estabelecido entre o INXS (integrante da Máfia Azul) com os “Pixadores de Elite” da cidade do Rio de Janeiro (membros da Jovem Fla). A pedido dos jovens cariocas, INXS constituiu a PE em Belo Horizonte com algumas distinções. Um membro da PE ressalta: “(...) acho que o INXS tem muita amizade com o VINGA, que, se eu não me engano, devia ser o 01 (zero um) da PE de lá, que foi um dos maiores “pixadores” do Rio. Em 1991, VINGA se tornou conhecido pela “pixação” realizada no “Relógio da Central”, localizado no topo de um dos edifícios mais altos do Rio de Janeiro, conhecido como Central do Brasil.



FIGURA 9 – “Pixação” do VINGA realizada no Relógio da Central.

Fonte: Foto cedida por um “pixador” do Rio de Janeiro.

Além do vínculo estabelecido entre os jovens, a repercussão midiática dessa “pixação” no Brasil também motivou INXS a constituir os “Pixadores de Elite” na capital mineira com a finalidade de obter reconhecimento social. Em 1992, ele configurou o grupo diferentemente da PE carioca, incluindo dez integrantes. INXS se automeou como Presidente ou 01 (zero um) e convidou mais nove membros que deveriam pertencer a cada uma das regionais de Belo Horizonte⁷. Essa é uma característica importante que diferencia os “Pixadores de Elite” de

⁷ Belo Horizonte possui nove regionais: Barreiro, Centro-sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova.

outros grupos, já que não foi formado pela proximidade de moradia, mas pela “dispersão territorial”, cujo traço característico é a presença de jovens oriundos de diferentes regiões (bairros) de Belo Horizonte, e de “pixadores” que mais se destacavam no cenário da “pixação”. O relato de um jovem aponta para a distinção da PE: “(...) os “Pixadores de Elite” é porque, é um grupo que identifica, tipo assim, você pega uma pessoa aqui do Centro, você pega uma da Serra, tipo assim. Os “Pixadores de Elite” é assim, não é um grupo de pessoas só de uma comunidade, só de um lugar não, é de vários lugares, escolhe os dez mais”.

O principal objetivo do grupo era obter uma quantidade expressiva de “pixações” nos muros da cidade, principalmente em locais arriscados, em patrimônios públicos, em estádios de futebol, em avenidas movimentadas, em igrejas e, até mesmo, em cemitérios. O objetivo dessas ações era torná-los reconhecidos como os mais famosos “pixadores” de Belo Horizonte. De acordo com a inserção do membro na PE, tema que será abordado no próximo capítulo, os jovens recebiam um número que os identificava como pertencente ao grupo; ou seja, 02 (zero dois), 03 (zero três), 04 (zero quatro) e assim por diante. O “número de identificação” de cada membro se remete à estrutura da Tropa de Elite da Polícia do Exército. Os mais reconhecidos no cenário da “pixação” ocupavam as três primeiras posições de destaque (01, 02 e 03), conhecidas como a “linha de frente” do grupo. Verifica-se que as torcidas organizadas também possuem a configuração “linha de frente”, as quais se destacam pela presença de jovens que possuem disposição para brigar com os rivais, quando necessário.

Os atributos de identidade da Tropa de Elite da Polícia do Exército incorporada pelos “Pixadores de Elite” e, posteriormente, a proximidade dos jovens com as torcidas organizadas foram significativos para a permanência do grupo durante vinte anos na capital mineira. O “número de identificação” dos membros e a regra estabelecida através do lema “Uma vez PE, sempre PE” foram uma das principais identificações dos jovens que favoreceram a permanência do grupo durante longos anos nessa cidade. Um dos membros ressalta que “(...) o sonho do “pixador” era virar PE”. Então, INXS se apoderou de outras estratégias influenciadas pelas torcidas organizadas para fortalecer o grupo, como, por exemplo, a confecção de carteirinhas com a numeração de cada integrante – de 01 (zero um) a 10 (dez) – e a fabricação de camisetas com o lema da PE. Além disso, ele adequou o termo mascote utilizado nas torcidas organizadas⁸ para o grupo, criando o mascote da Taz-mania – um personagem de desenho animado – como

⁸ Como exemplo, citam-se o mascote do galo da torcida organizada Galoucura e a raposa da Máfia Azul, que representam os clubes de futebol Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube, respectivamente.

o símbolo da PE. Nota-se que “uma vez PE, sempre PE” é uma marca tão importante na identidade dessas pessoas que o jovem, ao abandonar a prática, continua integrando o grupo eternamente. Um “pixador” ressalta que “(...) aí ia saindo, entrando outro, mas sempre quem foi PE continuou marcando PE, mesmo tendo saído da sua numeração. Tendo parado, depois voltou, uma vez PE, sempre PE”.



FIGURA 10 – À esquerda, foto da frente da carteirinha de associação do jovem aos “Pixadores de Elite” e, à direita, estão registrados: a sigla do grupo, o nome “pixado”, o número da escala e o nome do bairro em que o jovem reside.

Fonte: Foto cedida por um membro da PE.

Com o passar do tempo, o Presidente da PE inaugurou uma nova maneira de constituir os “Pixadores de Elite”, a fim de se manterem reconhecidos no cenário da “pixação”. Até então, o grupo era formado por um integrante de cada regional da capital mineira, desde que fosse membro da Máfia Azul. Com a fluidez do grupo devido ao abandono da atividade por alguns jovens e apreensões de outros, INXS decidiu reconfigurar os “Pixadores de Elite”. O convite passou a ser feito aos jovens das mais diversas regiões da cidade, mesmo que não fossem representantes das regionais de Belo Horizonte. No ano de 1993, a PE se desvinculou da torcida organizada, uma estratégia que representou um novo momento para o grupo. Os membros admiravam e respeitavam o líder sem questioná-lo, uma vez que ele era considerado um exemplo de valentia e de determinação em relação à prática de “pixar”. Sendo assim, ele propôs mais um lema, que foi incorporado pelos membros da PE, como estratégia de identidade do grupo para permanecer na paisagem citadina: “A torcida organizada em prol do pixo”. Essa

nova regra apresentada pelo INXS ao grupo foi mais uma tática utilizada pelo Presidente para manter esses “pixadores” como os mais famosos da cidade, uma vez que muitos jovens renomados da torcida organizada Galoucura⁹ foram surgindo nesse período.

Ao integrar os dez “pixadores” mais reconhecidos no cenário da “pixação”, formar a “linha de frente” do grupo, estabelecer um número de identificação para cada integrante, confeccionar carteirinhas e camisetas com o símbolo do Taz-mania e com o lema “uma vez PE, sempre PE” e, por último, desvincular os “pixadores” das torcidas organizadas, a PE se consagrou como o grupo mais famoso de “pixadores” na paisagem urbana. Com todos esses atributos, a PE atraiu o interesse de grande parte dos “pixadores” da cidade para serem membros dessa “galera”¹⁰. Esse fato resultou numa dificuldade para o próprio grupo, uma vez que o Presidente e os integrantes sofreram pressão por parte de outros jovens para que a PE fosse reestruturada, e o número de vagas, aumentado.

Ressalta-se que a constituição e a organização do grupo foram estrategicamente pensadas apenas por INXS. Nas reuniões realizadas nos espaços da cidade, tema que será tratado no próximo capítulo, INXS informava aos participantes as estratégias desenvolvidas por ele. INXS solicitava opiniões para os amigos mais próximos, mas tinha o poder de decidir o que lhe convinha para manter os “Pixadores de Elite” como um grupo coeso. Se os membros estivessem insatisfeitos em relação à organização proposta por INXS, eles poderiam abandonar o grupo sem maiores consequências. No entanto, a facilidade do Presidente em ocupar uma posição de liderança e de manter os jovens unidos fazia com que os membros avaliassem se era viável perder a sua posição no grupo. Como bem ressalta um “pixador”, “(...) o 01 (zero um) assina termo de compromisso pela galera. Você é o cabeça da galera, uai. No caso dos anos 90, tudo que acontecia, o INXS tinha que dá conta”. O Presidente era considerado como o responsável pelo sucesso e o fracasso do grupo.

Até os dias atuais, notam-se as estratégias propostas por INXS na organização do grupo, mesmo após o abandono da atividade. Cabe ressaltar que a carreira do Presidente nos “Pixadores de Elite” era tão efêmera, em função da repercussão pública e midiática das “pixações” e da pressão dos policiais, que, em poucos anos de atuação, o pixador se deparou com a inviabilidade de prosseguir com tanta assiduidade, “pixando” os muros da cidade. No

⁹ Torcida organizada do clube de futebol Clube Atlético Mineiro - rival à Máfia Azul.

¹⁰ Termo utilizado pelos pixadores para expressarem grupo.

caso do INXS, em apenas três anos, ele repassou a presidência a outro pixador. O fato crucial para essa decisão foi a “pixação” realizada na Igreja Matriz de Santa Luzia, em 1995. Um jovem que não era reconhecido entre os “pixadores” escreveu no muro da igreja os seguintes dizeres: “Eduardo Azeredo¹¹ e Santos Moreira¹², nós perdemos a batalha, mas não perdemos a guerra. Adoro romper os limites” e dedicou o protesto ao INXS. Essa provocação, em conjunto com a quantidade de “pixações” realizadas em locais arriscados, em patrimônios públicos, em avenidas movimentadas e em estádios de futebol, despertou o interesse do Secretário de Segurança Pública para erradicar essa prática de “pixação”. Logo em seguida, apreenderam o INXS por longos dias. Então, para se proteger de constrangimentos e processos judiciais, ele repassou o comando para COBRA. Um membro dos “Pixadores de Elite” fez o seguinte relato: “(...) a polícia começou a ficar demais em cima dele, né? Tudo que acontecia era ele, aí ele foi e passou a presidência pra COBRA”.

Vale destacar que os jovens eram trabalhadores de empresas ou autônomos. Com a probabilidade do INXS perder o emprego por liderar um grupo de “pixação”, ele convocou uma pessoa de sua confiança chamado COBRA – o 03 (zero três) dos “Pixadores de Elite” – para comandar a “galera”. O 02 (zero dois) se encontrava impossibilitado de assumir a presidência na época, devido aos processos judiciais instaurados contra ele por diversos motivos. A legitimidade do líder por parte dos membros, além da obediência e do respeito em relação às suas decisões possibilitavam a troca da presidência sem conflitos, uma vez que o temor de ir contra as suas determinações dificultava qualquer discussão com o líder. Em seu local de trabalho, INXS contactou COBRA e disse que, a partir do ano de 1995, a PE estava sob o seu comando. Mesmo com outra liderança, INXS não abandonou a posição totalmente, pois, em alguns momentos, ele pressionava COBRA a exigir dos membros uma atuação mais qualificada. Por respeito e admiração, o novo Presidente não questionava essa postura do INXS em relação às sugestões propostas, afinal ele ocupara a posição mais almejada entre os “pixadores” dos anos 1990, devido à confiança do primeiro Presidente. Apesar da incidência em inviabilizar a ocupação do INXS, o grupo permaneceu sem nenhum problema na paisagem urbana, mas houve uma mudança no interior da “galera” a partir da nova liderança.

¹¹ Eduardo Azeredo foi Prefeito de Belo Horizonte entre os anos de 1990 a 1992. Em 1994, foi eleito Governador de Minas Gerais e assumiu o cargo em 1995.

¹² Santos Moreira foi Secretário de Segurança Pública na gestão do Governador Eduardo Azeredo entre os anos de 1995 a 1998.

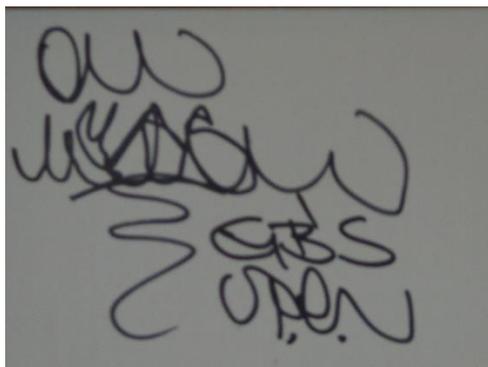


FIGURA 11 – Alcinha do INXS.

Fonte: Créditos da autora

1.2- PE DO COBRA

O novo Presidente da PE residia em um bairro com baixa infraestrutura, habitado por moradores de classe baixa e localizado na região leste de Belo Horizonte. Tratava-se de um jovem autoritário, branco, alto e considerado pelos demais como exemplo de valentia e bravura. Com dezenove anos, ele ainda cursava o Ensino Médio com dificuldades, pois era expulso das escolas públicas, onde estudava, em função do mau comportamento e das “pixações”. COBRA trabalhava para arcar com algumas despesas da residência, pois sua família não possuía boas condições financeiras. Ele foi um dos jovens que passou vários meses “pixando” a cidade, para ser convidado a inserir na PE. Primeiramente, ele ocupou a posição 09 (zero nove) e, aos poucos, foi ascendendo na escala hierárquica proposta pelo primeiro Presidente. Em apenas dois anos, passou a ser o “01” da PE.

Alguns “pixadores” procedem de bairros considerados pobres, com altos índices de violência denominados de “quebradas”, a exemplo do que ocorre com os “pixadores” estudados por Pereira (2005). No entanto, esse traço característico não pode ser relacionado diretamente aos “Pixadores de Elite”, uma vez que a sua maioria é proveniente de bairros de classe média baixa ou até mesmo de classe média. Posto de outra forma, os “Pixadores de Elite”, pelo menos sob liderança de INXS, não se consideravam membros de “quebradas” específicas - essa concepção, no entanto, mudou com a ascensão da liderança de COBRA. Sendo ele próprio oriundo de um bairro periférico e violento - a “quebrada” - denominada “Piratas do Subúrbio” -, fazia questão de estampar essa marca pela cidade.

Com efeito, para fazer parte dos “Pixadores de Elite”, COBRA criou, em primeiro lugar, a “quebrada” - “Piratas do Subúrbio” (PS). Como um PS, ele liderou “pixações” a órgãos públicos como, por exemplo, as Secretarias do Governo de Minas Gerais, localizadas ao redor da Praça da Liberdade, Fóruns e órgãos da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. COBRA buscou inspiração para a criação dos “Piratas do Subúrbio” em um filme que retrata o comportamento de jovens em gangues dos Estados Unidos, dirigido por Walter Hill, chamado *The Warriors*. Estrategicamente, ele se apropriou de alguns atributos dos “Pixadores de Elite”, tais como o símbolo, o lema e a confecção de camisetas, pois já sabia que era um recurso para o fortalecimento da identidade do grupo. Então, a “caveira” passou a ser o símbolo dos “Piratas do Subúrbio”, e o lema “PS não morre, vai para o inferno atormentar o diabo” foi proposto pelo líder da “galera” da “quebrada” para demonstrar terror no cenário da “pixação”, com o propósito de ser temido entre os pares e impor respeito. Até a escolha do nome “pixado” se refere a uma pessoa de má índole, ou seja, uma “COBRA”.

Além da constituição da PS, a cada ano, ele transformava a estética da letra “pixada” para renovar a sua marca e obter notoriedade no cenário da “pixação”. Depois de longos anos de planejamento para ser reconhecido como o melhor “pixador” da cidade, ele foi convidado a integrar a PE. Mesmo após a sua inserção nos “Pixadores de Elite”, ele não abandonou os “Piratas do Subúrbio”, e escrevia nos muros além do seu nome, a sigla da sua “quebrada” – PS – e a sigla dos “Pixadores de Elite”- PE.



FIGURA 12 – Camisetas utilizadas pelos jovens membros do grupo “Piratas do Subúrbio” – “galera” da “quebrada” do COBRA.

Fonte: Foto cedida por um “pixador” dos anos 90.



FIGURA 13 – COBRA “pixando” o alto de um prédio.

Fonte: Foto cedida por um “pixador” dos anos 90.

Durante a presidência de COBRA, ele exigia que os membros da PE escrevessem frases de apelo político, principalmente nas Igrejas Católicas, para afrontar os representantes dos órgãos governamentais. Isso porque ele acreditava que esses templos mantinham uma relação com o Estado, por isso eles se tornaram um local de destaque para “pixar”. Como exemplo dessa atuação, é possível destacar a frase “pixada” nas Igrejas de São Francisco de Assis e de Nossa Senhora das Mercês localizadas em Sabará, “Eduardo Azeredo: não nos leve a mal, “pixar” não é nada, num país onde roubar e matar não é crime”. Como o jovem buscava reconhecimento por parte dos “pixadores” da cidade, ele telefonava para a Polícia Militar denunciando a sua própria “pixação”, e, logo após, contatava o *Jornal Estado de Minas e Diário da Tarde* para que as frases pudessem ter uma repercussão pública. Um dos “pixadores” expressa a sua insatisfação com o poder público:

(...) já coloquei *foda-se pro sistema*. Porque, na verdade, o sistema que leva a gente a fazer isso tudo. Pela falta de oportunidade de criar centros educativos para grafiteiros, pras pessoas assim. Aí isso leva a gente a colocar essas frases. Essas frases é... entre aspas, porcos né... mas que entre a gente gera uma polêmica e mostra pra sociedade que a gente num tá morto, que a gente tá vivo e levando na fé mesmo (...).

Ao assumir a posição de Presidente, COBRA aumentou o número de vagas da PE para quinze membros¹³, em função da pressão por parte de outros jovens, que pretendiam se inserir

¹³ Alguns membros relatam que a reestruturação da PE para quinze integrantes foi realizada nos últimos meses de atuação do Presidente INXS. Outros jovens ressaltam que esta estratégia foi imposta por COBRA.

no grupo. A sua passagem da posição 03 (zero três) para 01 (zero um) se deu sem maiores conflitos, conforme mencionado anteriormente, pois o fundador da PE possuía autoridade para repassar o comando a quem havia capacidade para liderar. COBRA acredita que poucos integrantes foram contra a nova presidência, mas, em momento algum, isso lhe foi dito pessoalmente. No entanto, em pouco tempo, reestruturou a PE e convocou membros considerados por ele como os melhores “pixadores” da cidade, desde que fossem da sua confiança. Além disso, alguns “pixadores” foram retirados dos “números de identificação”, já que estavam “devagar” com a atividade – esse termo designa que o jovem não “pixava” os muros da cidade com tanta frequência. A princípio, àqueles que estavam “devagar” não queriam deixar de fazer parte de um grupo tão notório, mas, consentiam que os “Pixadores de Elite” continuassem a ser o grupo mais renomado da metrópole. Os empregos e os compromissos com outras atividades sociais propiciavam a diminuição ou abandono da prática pelos jovens. Além disso, COBRA mantinha as estratégias propostas pelo INXS durante a sua presidência. Assim, quem era retirado da lista dos melhores “pixadores” de Belo Horizonte, ou seja, dos “números de identificação”, poderia continuar escrevendo a sua alcunha e a sigla da PE pelos muros da cidade, pois “uma vez PE, sempre PE”.

COBRA aprendeu a comandar o grupo através de uma característica pessoal do INXS: uma boa articulação. Além dessa característica, COBRA se via como um líder autoritário, que não discutia estratégias com os membros e que impunha aos jovens a “pixação” dos mais diversos locais da cidade. Além da quantidade expressiva de “pixações” para se tornar um membro do grupo, verifica-se que os laços de confiança passaram a fazer parte da preocupação do Presidente. Ele convidava membros que poderiam lhe fortalecer como líder e, mais propriamente, aqueles que poderiam lhe proteger, uma vez que a presidência propiciava uma posição de destaque entre os “pixadores”. COBRA aponta para uma perspectiva importante no que tange à ocupação do líder: além de convidar os “pixadores” mais qualificados da cidade, ele convocou dois jovens que o respeitavam, mas sem desafiá-lo, que lhe protegiam das ameaças externas e, principalmente, convidou aqueles que não possuíam receio de enfrentar, por meio de lutas corporais, algumas pessoas de quem o próprio líder tinha medo. Esses dois “pixadores” foram denominados de “escudeiros” e, o mais importante, a escolha por esses jovens se deu por que suas qualidades que o fortalecia como Presidente.

Constata-se, também, um número exagerado de “pixações” realizado por COBRA nos anos 1990. Um dos “pixos” mais ousados do Presidente foi realizado no Obelisco da Praça Sete - marco zero do hipercentro da cidade - um monumento construído para comemorar o centenário da Independência do Brasil – localizado no cruzamento entre duas importantes avenidas da capital mineira; ou seja, trata-se um lugar de passagem de automóveis e de transeuntes, o que lhe concedeu reconhecimento entre os “pixadores”. Abaixo, observa-se, na fotografia de um jornal, o nome COBRA escrito no monumento em meados dos anos 90. Mais uma vez, a notoriedade da repercussão pública ou midiática de um “pixo” elevou o jovem a uma posição de superioridade no meio da “pixação”.

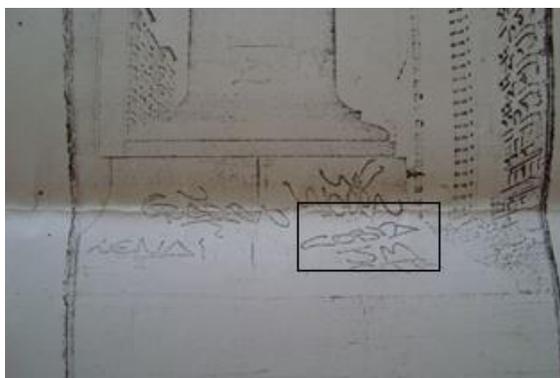


FIGURA 14 – “Pixação” do COBRA realizada no Obelisco da Praça Sete.

Fonte: Foto cedida por um “pixador” dos anos 90.

Entretanto, assim como na liderança do INXS, a fama do grupo inviabilizou a continuidade do COBRA como Presidente. Quatro anos após assumir a liderança, ele abandonou o cargo devido à quantidade expressiva de Oficiais de Justiça, que o procuravam em sua residência, e aos processos judiciais instaurados contra ele por motivo de “pixação”. Além disso, o desejo de seguir uma carreira profissional e de constituir uma família foi se tornando presente na vida desse Presidente. Assim, ele abandonou o cargo sem repassar o comando a nenhum outro membro. Apesar dessa conjuntura, a decisão por não prosseguir com a PE foi uma exigência feita pelos policiais, uma vez que apreenderam cerca de sete integrantes e os fizeram prometer que não escreveriam PE nos muros de Belo Horizonte. Caso houvesse alguma sigla espalhada pela cidade, eles seriam punidos com os processos judiciais. De acordo

com o seu relato: “(...) eu tive que acabar com ela ali mesmo. Vai morrer comigo. Prendeu uns sete ou oito “pixadores” comigo. Num podia aparecer PE”.

COBRA se tornou um dos “pixadores” mais famosos de Belo Horizonte. Na coleção de desenhos realizados em folhas de papel A4 por um grafiteiro da capital mineira, observa-se uma homenagem ao segundo Presidente da PE expressa da seguinte maneira: para o MESTRE COBRA. Ao indagar sobre essa admiração, ele relata: “(...) eu era doido pra conhecer ele também, eu era doido pra sair com ele pra “pixar””. Até os dias atuais, COBRA ainda é considerado um dos maiores e mais qualificado “pixadores” da metrópole.

Como a maioria dos “Pixadores de Elite” se encontrava impossibilitada de realizar a prática, consta que um certo ASTE negociou a compra¹⁴ da vaga de Presidente com COBRA para marcar a sigla após, a apreensão dos membros. No entanto, outros destacam que não houve qualquer liderança entre os anos de 1999 a 2004, apenas quem foi PE poderia continuar escrevendo nos muros da cidade tanto a sua alcunha quanto a sigla do grupo. Inclusive, COBRA enfatiza que não houve qualquer outra presidência após o seu comando.

Mas essa situação permite discutir algumas perspectivas em relação à constituição de um grupo: para pertencer à “galera” é necessária a legitimação do líder pelos membros. Conforme o relato de um “pixador”, “(...) no caso, ninguém gosta do ASTE, ninguém respeitava ele. Quando ele começou a presidência da PE, a PE nem durou muito não, só ele que marcava. Quase ninguém marcava não. Ele é o “pixador” mais odiado da cidade”. Outro membro da PE diz que “(...) ele é um cara muito arrogante, cismado demais”. O que se verifica é que o Presidente deve possuir características peculiares para assumir um grupo. Além de algumas estratégias fundamentais descritas na liderança de INXS, COBRA foi considerado, pelos demais, como digno de respeito, exigindo uma atuação dos membros para que os “Pixadores de Elite” continuassem a ser reconhecidos como o grupo mais famoso da cidade. O fato marcante não se refere à verdade sobre a presidência do ASTE, mas as suas estratégias de liderança e ao reconhecimento entre os membros, pois não houve qualquer impacto na história do grupo após o abandono da presidência por COBRA.

Para se ter uma ideia do quanto a PE impactou a cidade de Belo Horizonte nos anos 1990, COBRA foi convidado a ministrar duas palestras no curso de Comunicação Social do Centro Universitário Newton Paiva, localizado à Avenida Presidente Carlos Luz, cujo objetivo

¹⁴ Alguns relatam que ASTE comprou a Presidência por um valor em dinheiro e, outros, falam que foi através de produtos (camisetas e moletons) do Cruzeiro Esporte Clube.

era explicar quais os motivos que levam os jovens a “pixar”. Como não possuía boas condições financeiras, ele apenas aceitava o convite mediante o pagamento antecipado para debater com os estudantes sobre a “pixação”. Outro aspecto importante a destacar são as entrevistas concedidas aos jornalistas, já que nenhum “pixador” expõe os verdadeiros nomes e identidades pessoais. Mas COBRA aceitou o convite para conceder uma entrevista que se tornou capa de um jornal, não sem antes a realização do pagamento antecipado e em dinheiro. Inclusive, é bom que se esclareça que conseguir o relato de um “pixador” era uma forma de obter status entre os próprios jornalistas.

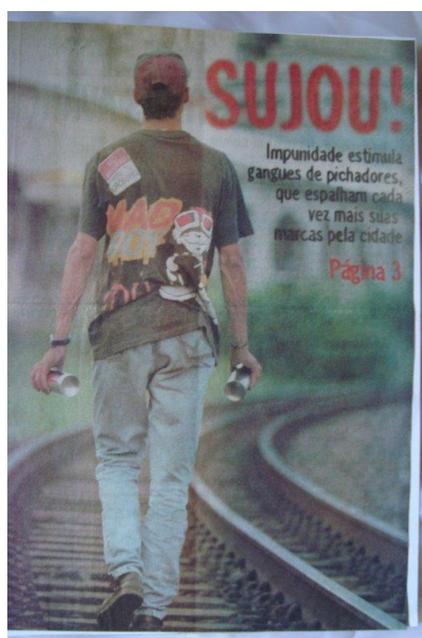


FIGURA 15 – COBRA na capa de um jornal.

Fonte: Foto cedida por um “pixador” dos anos 90.

Cabe ressaltar que a perda de um Presidente forte e autoritário não propiciou a finalização do grupo, pelo contrário, aqueles que haviam se identificado com os lemas “uma vez PE, sempre PE” e “a torcida organizada em prol do ‘pixo’” não deixaram de “pixar” a metrópole e o fizeram durante cinco longos anos sem qualquer liderança significativa, mantendo o grupo na paisagem urbana. Assim, quem quer que circulasse pelas ruas de BH, entre os anos de 1999 a 2004, veriam assinaturas como ASTE, FUGA, JIRAIA, CASACO,

SYSTEM, e, pelo menos mais dez marcas de outros “pixadores”¹⁵, porém com menor frequência em função da ausência de um líder. O grupo “Pixadores de Elite” foi uma marca tão importante na vida dessas pessoas que as lembranças em relação às amizades, à solidariedade e à cooperação foram vivenciadas entre eles após a popularização da internet, principalmente, pela rede social denominada ORKUT. Inclusive, algumas tatuagens são visualizadas no corpo dos membros como a sigla PE, o lema, a lata de spray e o mascote do grupo, conforme imagens abaixo. Além do mais, as assinaturas dos “pixadores” nos muros podem ser visualizadas nas Carteiras de Identidades ou de Motoristas, conforme ilustrado a seguir. A trajetória de vida dos jovens pertencentes aos “Pixadores de Elite” está marcada pelo vínculo com o grupo.



FIGURA 16 – À esquerda, tatuagem de uma lata de spray realizada por COBRA. À direita, tatuagem realizada pelo GG - atual Presidente da PE - do mascote Taz-mania com o nome do grupo.

Fonte: Fotos cedidas pelos Presidentes.

¹⁵ Citam-se, como exemplo, o GG, o SUÍNO e o AIR.



FIGURA 17 – Assinatura de um antigo “pixador” na Carteira de Motorista.

Fonte: Créditos da autora.

Após o enfraquecimento da PE na paisagem citadina sem uma liderança, o vice-presidente dos anos 90, conhecido por GG, estabeleceu contato com os membros do grupo, possibilitando a retomada dos “Pixadores de Elite” com uma nova liderança. Em razão da constituição de famílias e carreiras profissionais, muitos “pixadores” da década de 1990 não quiseram retomar a atividade, mas se motivaram a participar das festas, dos encontros e das reuniões realizadas pela PE. Afinal, “uma vez PE, sempre PE”.



FIGURA 18 – Assinatura do COBRA nos muros da cidade.

Fonte: Foto cedida pelo COBRA.

1.3- PE DO GG

Em 2004, GG, 34 anos, morador de um bairro da classe média em Belo Horizonte, cuja escolaridade se limitava ao Ensino Médio completo, desempregado, convocou alguns “pixadores” renomados da metrópole, no entanto não obteve sucesso, pois os jovens já

pertenciam a outras “galeras”. A recusa dos “pixadores” mais afamados de Belo Horizonte a integrar a PE o deixou profundamente consternado. A partir dos anos 2000, os melhores “pixadores” da cidade pertenciam a outros grupos e não se identificavam com os “Pixadores de Elite”, uma vez que não fizeram parte da história e não havia nenhuma identificação por parte dos jovens com o grupo tão reconhecido dos anos 1990. Um dos “pixadores” de BH expressa:

(...) Por que o GG voltou e com a ideologia antiga?. Quem que tava dominando em Belo Horizonte? Era o GOMA, o GAGO, o PAVOR que na época tava demais, aí o GG foi chamando esses caras para PE. Um erro que eu falei pro GG, eu falei com GG. Que ele ficou assim, eu acho que... eu acho que na época, os caras num conheceram a PE, porque os caras são novinhos, com trinta anos (...).

Observa-se um vínculo extremamente forte do GG com o grupo “Pixadores de Elite”, e, por isso, o objetivo de retomar a “pixação” só poderia ser concretizado, para ele, a partir da sigla PE escrita nos muros da cidade. Além do mais, GG prometeu ao INXS que “(...) nunca iria deixar a PE morrer”. Através dos relatos dos membros do grupo, eles se denominam com fortes laços de amizade, solidariedade e cooperação descritos, por eles, como “família”. Mesmo que os “pixadores” denominassem o grupo como tal, GG afirmou que os “Pixadores de Elite” significa uma “pátria”. Essa palavra enfatiza a grandiosidade da galera para a nova liderança. Nota-se que GG, aos 34 anos, não possuía emprego e nenhum tipo de trabalho informal. Mesmo diante desta configuração, ele provinha de uma família de classe média o que não lhe propiciava uma situação de pobreza. Assim sendo, o único recurso encontrado por ele foi investir na retomada desse grupo como sentido para a sua existência.

Diante de toda a fragilidade do grupo, a partir dos anos de 2004, GG, à época, como líder propõe novas estratégias para espalhar a PE na paisagem cidadina e, além disso, estabelecer relações sociais. Por mais que os líderes dos anos 1990 tenham sido extremamente autoritários e tenham desenvolvido estratégias particulares para a permanência do grupo, o atual Presidente aproveitou das mais diversas singularidades dos “pixadores” para os inserirem na PE – criando subgrupos – com o objetivo de espalhar a sigla na paisagem urbana. Entre os anos de 2004 e 2013, GG necessitava de retomar o grupo enquanto líder, então, incorporou os mais diversos interesses das pessoas. A seguinte formação foi proposta pelo atual Presidente: “velha guarda”, “nova geração”, “conselho”, grafiteiro, “grapixador” e a PE feminina, os quais serão detalhadas a seguir.

A partir do lema “uma vez PE, sempre PE”, GG constituiu a “velha guarda”, formada pelos “pixadores” que fizeram parte da PE nos anos 90. Essa denominação significa que os integrantes fazem parte da história do “pixo” em Belo Horizonte e não necessitam escrever a sua alcunha e a sigla do grupo com assiduidade, pois já foram consagrados no cenário da “pixação”. Eles passaram a juventude “detonando” os muros da cidade e, agora, atingiram uma posição favorável. Por mais que circulem pela metrópole com outros “pixadores” durante a madrugada, a escolha por não “pixar” é livre. A “velha guarda” foi uma forma de retomar os antigos “pixadores” a fazerem parte do grupo, mesmo que não sejam mais jovens e não tenham tanta habilidade e destreza que a prática impõe. Assim, eles não possuem “números de identificação” conforme proposto pela presidência do INXS. Segundo o relato de um membro da “velha guarda”:

(...) Mas tem os que são já são sim da “velha guarda”, por exemplo, igual eu (...) tem alguns que sempre serão PE, que sempre vão ser PE, não vão ser expulsos, não vão sair nunca, sempre vão fazer parte daquele grupo restrito ali, independente de número ou não, onde for “pixar” vai escrever o PE ali. Então, eu me senti honrado, inclusive, quando fui convidado pra entrar. (...) Eu, na verdade, não tenho número exato assim, igual eu tô falando, eu já alcancei um “status”, digamos assim, que eu sempre vou ser PE, hoje em dia tem quinze outros ali, mas eu sou PE do mesmo jeito e sempre vou ser. Uma coisa é o fundador (...) que não “pixa” mais, hoje em dia, mas ele sempre será PE, eternamente, onde ele for, onde alguém comentar, ele é PE (...).

Outro membro ressalta:

(...) eu não tenho aquele ânimo de sair igual eu saía. Ah, vou sair aí e tal. Mas um dia desse pra trás, eu peguei, eu tinha uma lata de tinta preta, eu peguei a moto e saí sozinho. Fui no Barreiro, fui fazendo, fui fazendo e depois voltei pra casa. Eu não tenho aquele ânimo, vamos marcar lá no Centro, pra depois sair do Centro pra ir lá no tal lugar, assim eu desanimado (...).

GG constituiu um órgão máximo dos “Pixadores de Elite” incluindo integrantes antigos da PE com o propósito de consultá-los se novos membros devem ou não fazer parte do grupo. Este subgrupo foi denominado de “conselho”, uma definição similar aos Conselhos Deliberativos propostos pelas torcidas organizadas de futebol. O conselho é formado por jovens que não “pixam” a cidade¹⁶, mas desejam fazer parte do grupo, seja opinando nas estratégias propostas pelo líder ou participando dos encontros e das reuniões promovidas pela PE. Atualmente, OSKA é o Presidente do “conselho”, definido pelo GG como “(...) os fiéis patriotas

¹⁶ Nota-se que muitos “pixadores” abandonam a prática, mas, em alguns momentos, ainda escrevem pelos muros da metrópole.

que honraram o grupo bravamente no passado e que estão de volta”. Um dos integrantes do “conselho” ressalta que “(...) nem quando vai entrar agora, quando vai entrar as pessoas agora na PE, pede opinião pra mim e pro SUÍNO”.

Já a “nova geração” é composta de jovens “pixadores” que surgiram a partir dos anos 2000. Eles buscam reconhecimento no cenário da “pixação” e integram a lista de quinze membros proposta pelo COBRA, nos anos 1990. Eles possuem a função de escrever a sua alcunha nos muros da cidade, bem como a sigla. Como bem expressa GG, “(...) essa sigla deve ser honrada pelos membros”. Hoje, eles postam fotos nas redes sociais com o seu “pixo” e a sigla, para facilitar a divulgação do grupo, tanto no espaço urbano quanto no espaço virtual. Além disso, o atual Presidente incentivava-os através de comentários nas postagens.

Além dessas estratégias do atual Presidente, verifica-se a presença de um grafiteiro no grupo. Esse fato é intrigante no que diz respeito à constituição dos “Pixadores de Elite”, uma vez que a “galera” foi formada apenas para inserir jovens que praticam a “pixação”. O grafite estaria fora de todo o escopo idealizado pelos antigos Presidentes, mesmo porque essa intervenção urbana é completamente distinta da “pixação”: os desenhos coloridos realizados pelos grafiteiros são perceptíveis aos olhos dos cidadãos e considerados pela população como arte urbana. Além disso, os grafites possuem um caráter de legalidade e de produção artística desvinculada da prática de “pixação”. Em contrapartida, o “pixo” advém da escrita e deve ser realizado de maneira rápida em função da natureza transgressiva. A “pixação” é ininteligível para os transeuntes e são realizados com apenas uma cor durante a madrugada. Mesmo com essas diferenças, GG criou a “diretoria do grafite” e inseriu um grafiteiro para fazer parte do grupo de “pixadores”, com a determinação de que qualquer desenho realizado na paisagem citadina deveria contemplar a sigla PE. De acordo com o relato do grafiteiro GAMBÁ:

(...) Hoje, a PE tem representante, inclusive, no grafite: O bom de marcar os PE's no grafite, como falei, é coisa simbólica. (...) Então eu faço meus grafites tudo baseado na década de 90. Os bonequinhos, negócio de música, dançar, esses negócios, mas eu penso por aí por quê? Porque eu quero mostrar o pessoal em cima do grafite. (...) E eu ficava falando: um dia eu vou ser PE, um dia eu vou ser PE. Aí eu vi que eles voltaram, aí eu fui e perguntei: eu posso fazer o grafite e só colocar, só marcar o PE? Tem problema não (...).



FIGURA 19 – No boné do desenho, observa-se a sigla PE escrita pelo grafiteiro GAMBÁ.

Fonte: Foto cedida pelo grafiteiro.

Sabe-se que a “pixação” é uma prática predominantemente masculina, porque necessita de um porte físico adequado e de força para escalar monumentos e prédios. Para além disso, a atividade exige a circulação dos jovens pela madrugada. Mas, em toda a cidade de Belo Horizonte, a atividade é realizada por, no máximo, quatro jovens do sexo feminino. O que se destaca, aqui, é que a “pixação” representa, para os jovens do sexo masculino, uma forma de expressar a virilidade em busca de reconhecimento social até mesmo para estabelecer relações com as mulheres. Assim, os “Pixadores de Elite” contam com a presença de apenas uma “pixadora”, representando a sigla na cidade, conhecida como 01 (zero um) ou Presidenta. A SUSU é uma das poucas mulheres que participa da cena de “pixação” em Belo Horizonte e destaca a sua percepção em relação à prática: “(...) pô, aquela é a SUSU, assim, rola um certo... Como é que é que fala? Uma certa fama. Ego, né? Uma fama assim, você sente isso assim! (...) Ah, rola, véio, porque tipo assim, já rolou de gente achar que SUSU era homem, fraga?”. Na figura 20, observa-se uma “pixação” realizada pela SUSU.



FIGURA 20 – Foto mostrando a “pixação” da SUSU - jovem integrante da PE feminina.

Fonte: Foto cedida pela “pixadora”.

Além de os “Pixadores de Elite” integrar subgrupos como a “velha guarda”, “nova geração”, “conselho”, grafiteiros e “pixadora”, destaca-se a presença de mais dois jovens que se identificam com outra forma de intervenção urbana, denominada “grapixo”. Essa seria uma fase intermediária entre o grafite e a “pixação”, caracterizada pela alcunha do “pixador” com contornos coloridos e sombreamento das letras, utilizando técnicas do grafite. Nos “grapixos” realizados pelo BONI e SABRE – membros da PE – observa-se uma preocupação com a estética das letras e com as cores utilizadas. Além disso, os proprietários dos muros da cidade a serem utilizados para a atividade, em geral, autorizam a prática. Isso se deve porque a intervenção urbana exige longas horas e deve ser realizada durante o dia. Na foto abaixo, verifica-se que o “grapixo” foi feito em uma das principais vias da metrópole – Avenida Amazonas – o que seria inviável para o jovem se arriscar em ser surpreendido por policiais, caso o muro não fosse autorizado. Nas figuras 21 e 22, observam-se os “grapixos” realizado pelo BONI e SABRE – “pixadores” da PE e, em alguns momentos, realiza “grapixos” pela metrópole.



FIGURA 21 – “Grapixo” realizado pelo BONI na Avenida Amazonas em Belo Horizonte.

Fonte: Créditos da autora.



FIGURA 22 – “Grapixo” realizado pelo SABRE.

Fonte: Foto cedida pelo “pixador”.

Apesar de GG também assumir uma postura autoritária perante o grupo, ele sabe que os “Pixadores de Elite” não são tão renomados como nos anos 90. Então, a principal característica desse líder é a habilidade de criar subgrupos que possam compor a PE e, conseqüentemente, espalhar a sigla pela cidade. Ao mesmo tempo, ele se fortalece enquanto Presidente e estabelece laços de amizade, solidariedade e cooperação entre os membros do grupo. Diante da reconstrução histórica da PE a partir das lideranças, fez-se necessário descrever as relações sociais estabelecidas entre os membros dos “pixadores de Elite” com o propósito de demonstrar como o grupo se configura nos dias de hoje.



FIGURA 23 – Assinatura de GG – atual Presidente da PE.

Fonte: Créditos da autora.

2- A UNIDADE DO GRUPO

A partir das estratégias dos Presidentes para a organização dos “Pixadores de Elite”, verificaram-se três momentos distintos durante a permanência do grupo na paisagem citadina, denominados de PE do INXS, PE do COBRA e PE do GG. Para entender o modo como os membros se inserem no grupo seria conveniente fazer uma periodização da PE: anos 1990 e anos 2000. Durante os anos 90, para que um jovem se inserisse no grupo, ele tinha que ser visto adquirindo três atributos: a fama, o “ibope” e a “disposição”. Para se obter fama, era necessário que o jovem possuísse uma quantidade expressiva de “pixações” espalhadas pela cidade, incluindo os muros, os viadutos, as marquises, os “pixos” realizados nos altos dos prédios e nas avenidas movimentadas. Essa fama é concedida apenas entre os pares, uma vez que as “pixações” são ininteligíveis aos olhos dos transeuntes. Segundo um membro dos “Pixadores de Elite”:

(...) É os lugares que você pega. Os lugar, tipo assim, você vai ali, faz uma “pixação” no pirulito, quem passa em Belo Horizonte toda, vai ver que tá ali, vai ser filmado, vai ser mostrado. E isso me motivou a “pixar”, por causa que você tem uma certa fama entre aspas, entre as pessoas que “pixam” e aquelas que admiram a “pixação”, né? Porque elas pensam assim: pô, como que é que ele fez aquilo ali, como que ele subiu naquele prédio? Por, por qual motivo ele tá fazendo isso, tá entendendo? Porque atrás da “pixação” gera muita, uma polêmica acerca de uma motivação, né? Porque a gente tava ali, as pessoas pensam que a gente “pixa” pra sujar a cidade, pra emporcalhar a cidade, mas não, nós tamos expressando, nós expressa ali na parede. Mostrando ali, é, o que a sociedade é... tá fazendo com as pessoas, o que as pessoas acima que estão no governo tá fazendo com as pessoas que tão lá embaixo. Nas favelas, nas comunidades, entendeu? (...).

A “pixação” que, porventura, se torna manchete de jornal e revista proporciona ao jovem o “ibope” esperado, pois a repercussão midiática e pública do seu “pixo”, realizado na cidade, faz com que ele tenha uma notoriedade entre os “pixadores” mais famosos da cidade. Para isso, o jovem precisa ter habilidade e destreza para se arriscar ao subir nas marquises e em topos de prédios; circular pela madrugada e ter coragem e ousadia para lidar com a prática, conhecida pela “pixação”, como “disposição”. De acordo com o relato de um “pixador”:

(...) Ah, muitos que você sabe que vai dá “ibope”, que sua “pixação” vai ser afamada, paga, num existe isso prédio novo, prédio velho, entendeu? Abandonado ou habitado, é... vai do momento que você tá passando... você sabe que aqui ali vai ser um lugar de “ibope” pra sua “pixação”, você vai fazer (...).

Assim, para exemplificar a inserção de um jovem na PE, destaca-se a “pixação” realizada pelo SKILO, em 1993. INXS divulgou uma vaga na PE e informou, enfaticamente, que a primeira “pixação” que contemplasse as três características primordiais para a inserção no grupo, o jovem, que a produziu, poderia fazer parte dos “Pixadores de Elite”. Na mesma noite, SKILO, com apenas dezessete anos, escalou o prédio da Prefeitura de Belo Horizonte com o uso de um cabo de aço, o que lhe exigiu força física, destreza e habilidade para alcançar o local almejado. Ao chegar no topo do prédio público, ele lançou o seu corpo para dentro do terraço, onde havia uma porta de aço que era conectada até o Relógio da Prefeitura. Ele arrombou a porta, subiu pelas escadas e “pixou” a sua alcunha nas quatro faces do monumento, escrevendo, também, “nossa geração rebelde”¹⁷. No dia seguinte, a “pixação” foi manchete dos jornais de Belo Horizonte e ele ocupou uma posição entre os “Pixadores de Elite”. A repercussão midiática e pública, ressaltando o vandalismo dos “pixadores”, e a precariedade da segurança do local proporcionaram ao jovem o “íbope” e a fama tão vislumbrada entre os “pixadores” através da “disposição” em “pixar”, características exigidas para a sua inserção na PE. Um dos membros entrevistados ressalta que “(...) a PE, a história da PE igual (...) os “íbope” que a PE tem, nenhum desses caras conseguiu”.



FIGURA 24 – A esquerda, demonstra-se a altura da escalada até o relógio da Prefeitura de Belo Horizonte. À direita, a “pixação” de SKILO no mesmo local.

Fonte: À esquerda, site Panoramio e, à direita foto cedida por um “pixador” dos anos 90.

¹⁷ Os relatos constam que SKILO “pixou” por duas vezes o Relógio da Prefeitura de Belo Horizonte: uma para se inserir na PE e outra para permanecer no grupo.

Após a inserção do jovem na PE, os jornalistas procuraram-no para uma entrevista e ele fez o seguinte comentário: “não “pixo” para cachorro mijar, mas para urubu cagar”, demonstrando a grandiosidade do seu ato, a sua valentia e, mais uma vez, a superioridade da sua “pixação” em relação às outras realizadas pelos jovens. Ao se adentrar na PE, o novo membro comemorava através de “pixações” nos muros, escrevendo a sua alcunha e a sigla do grupo juntamente com os “pixadores” mais próximos, divertindo-se pelas ruas da capital mineira e, algumas vezes, consumindo bebidas alcóolicas. Não havia qualquer cerimônia especial. Caso aceitasse o convite, ele poderia escrever a sigla PE pela cidade. Os novos membros não eram apresentados aos demais. Os jovens reconheciam a sua inserção no grupo através das alcunhas e da sigla PE escrita pelos muros. A partir da sigla “pixada” no muro, eles se conheciam nos locais frequentados pelos “pixadores” da metrópole, tema que será tratado no capítulo 3.

Como a prática é considerada ilegal, a comemoração contava apenas com a presença de mais dois jovens para não chamar a atenção dos policiais e nem dos moradores. As características para se inserirem na PE eram, também, fundamentais para a sua continuidade os “números de identificação”. Além disso, como a “galera” é considerada uma família, pode-se observar mais duas qualidades para o prosseguimento do integrante nos “Pixadores de Elite”: o respeito pelos membros e a lealdade em relação à sigla PE em cada “pixação” realizada pelo jovem.

Nos anos 1990, SKILO foi filmado ao vivo pelo jornal televisivo do canal mais popular do Brasil, transmitindo as imagens na íntegra da sua “pixação” realizada na BR-040 – rodovia que liga Belo Horizonte ao Rio de Janeiro – localizada na zona Sul da metrópole. Ao perceber que estava sendo filmado, ele colocou a camisa para esconder o seu rosto e escreveu SKILO e as letras PE. Também, nos anos 1990, as propagandas televisivas transmitiam a campanha para a reforma do Hospital Santa Casa de Belo Horizonte – localizado entre o cruzamento de duas avenidas movimentadas – solicitando à população belorizontina a doação de latas de tinta para a inauguração de uma nova fachada do hospital. A propaganda fazia menção à letra “A Casa” de Vinícius de Moraes, o que motivou SKILO a “pixar” essa localidade.

A Casa – Vinícius de Moraes	Propaganda transmitida na TV
“Era uma casa	“A Santa Casa vai ser
Muito engraçada	pintada,
Não tinha teto	Já tem as tintas
Não tinha nada	Foram doadas
Ninguém podia	Você podia ajudar com
Entrar nela (...).”	amor (...).”

Após a reforma do Hospital da Santa Casa, SKILO “pixou” a sua alcunha nos muros do hospital e promoveu a PE, mais uma vez, no cenário urbano, proporcionando notoriedade e superioridade dos membros do grupo em relação aos demais “pixadores”. Ao comemorar o sucesso da “pixação” entre os pares, eles adaptaram a letra da música para os “pixadores” e comentaram nos locais de encontro.

Letra adaptada pelos “Pixadores de Elite”
“A Santa Casa vai ser “pixada”, já tem a tinta, foram roubadas, você podia ajudar com amor, dando pezinho ao “pixador”.”

Assim, SKILO passou a ser alvo dos policiais e, como estratégia para não ser apreendido, ele relatou a um jornalista que se arrependera e que estava incentivando os demais “pixadores” a abandonarem a prática e queimarem as carteirinhas, conforme demonstrado na figura 25. Esta tática não foi só empregada pelo SKILO, como, também, pelo GG, 02 (zero dois) da PE nos anos 1990 e atual Presidente do grupo como estratégia para se preservarem em relação aos processos judiciais, uma vez que os “Pixadores de Elite” provocaram uma “onda” de “pixações” na cidade, principalmente, escrevendo as suas alcunhas nos dispositivos e monumentos públicos. Então, eles declaravam que se arrependeram.

Os “pixadores” utilizam a mídia para se tornarem reconhecidos no cenário da “pixação” e para se protegerem em relação aos possíveis constrangimentos que a prática pode proporcionar. Como a maioria das manchetes de jornais e revistas se refere à prática deles como vandalismo, os próprios “pixadores” se apropriam do termo para se identificarem como tal. Mas o que se destaca no reconhecimento dos próprios “pixadores” como vândalo difere da conotação negativa que a mídia impõe aos jovens. Para eles, ser vândalo diz respeito à coragem e à ousadia que um jovem deve possuir como característica marcante da masculinidade.

Assim, os “pixadores” passam a colecionar as manchetes de jornais e revistas – garantindo-lhes “ibope” – como fonte de história do grupo, memória e status, uma vez que a “pixação”, nos mais diversos suportes urbanos, pode ser apagada da paisagem citadina, seja pelo desgaste da tinta, pela renovação de fachadas das residências, seja pela restauração dos patrimônios e dos monumentos públicos. Por isso, essas intervenções urbanas são consideradas efêmeras. Como nem sempre é possível adquirir as reportagens nas bancas de revistas, os “pixadores” se dão ao trabalho de ir até as Bibliotecas Públicas com o pretexto de consultar os acervos e retiram de lá as páginas que lhes interessam, danificando, dessa forma, os acervos.

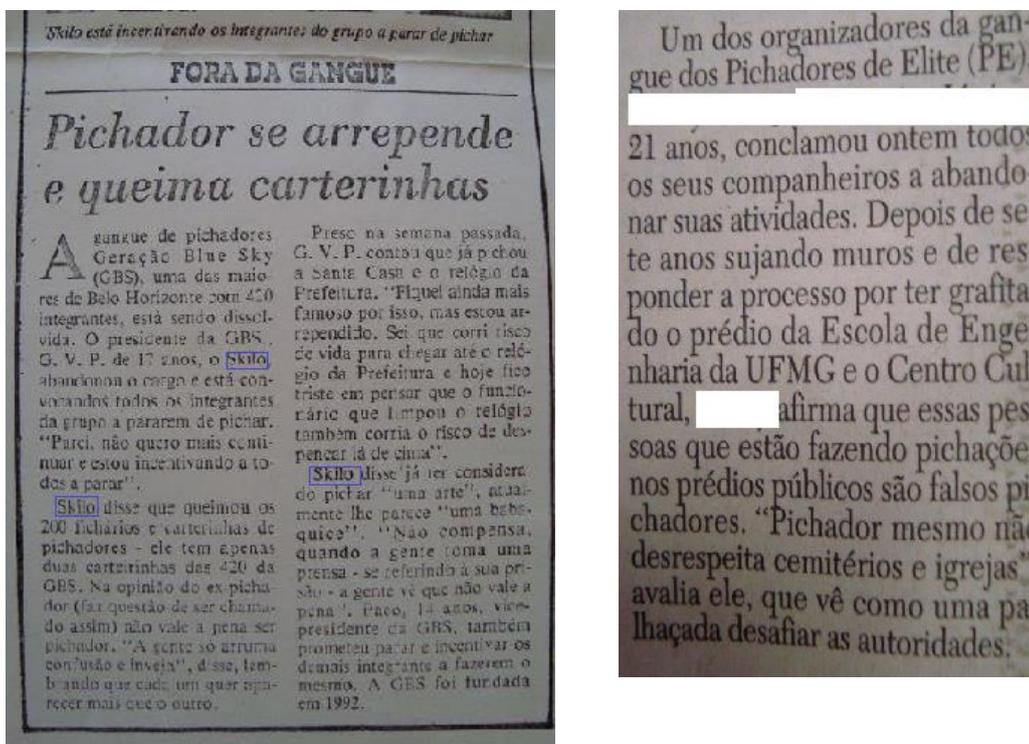


FIGURA 25 – À esquerda, demonstra-se o relato do arrependimento do SKILO em relação às “pixações”. À direita, o relato do GG ressaltando que as “pixações” em prédios públicos são realizadas por falsos “pixadores”.

AIR, outro integrante da PE dos anos 1990, com apenas dezesseis anos, morador de um bairro tradicional em Belo Horizonte, estudante do Ensino Médio de uma renomada escola particular da capital, se tornou reconhecido devido a sua “pixação” em uma estátua no Museu de Mineralogia Professor Djalma Guimarães – conhecido como Rainha da Sucata – na Praça da Liberdade, local onde abrigava o Palácio do Governo e algumas Secretarias do Estado. Além da sua alcunha, ele fez os olhos, a boca e o bigode do monumento o que lhe rendeu desavenças com os policiais ao ser apreendido. Consta que essa “pixação” foi realizada no dia 12 de outubro de 1995 – feriado nacional em que se comemora o Dia da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida – data em que possui pouco movimento de automóveis e transeuntes na metrópole. No mesmo ano, ele escreveu o nome, com o qual é reconhecido pelos “pixadores”, em um monumento da Praça Afonso Arinos, localizada no centro da capital mineira. Não lhe foi possível escrever a sigla PE nessa localidade, pois um dos principais inimigos dos “pixadores” – os taxistas¹⁸ – estava por perto para espantá-lo durante a realização da prática e denunciá-lo aos policiais. Nesse caso, o motorista o surpreendeu e correu atrás do jovem, mas, sem sucesso, o que lhe rendeu ainda mais prestígio, pois isso se configurou uma “fuga com êxito”.

Na figura 26, nota-se o depoimento do AIR, destacando que “pixar perde status em Belo Horizonte” como um artefato empregado para evitar possíveis retaliações dos órgãos governamentais. A partir do momento em que os “pixadores” utilizaram a mídia para declararem o abandono da “pixação”, eles passavam longas semanas sem escrever nos muros da cidade, uma vez que já estavam sendo investigados pelos policiais. Esses identificam os “pixadores” de duas formas, seja pelas próprias grafias impressas nos muros, seja pelas buscas realizadas nas próprias casas dos jovens. Os “pixadores” costumam fazer álbuns com os recortes de jornais que relatam seus feitos, já que esses recortes podem ser fontes de incriminação. Em função disso, os “pixadores” precisam estar sempre atentos para a necessidade de esconderem seus álbuns.

¹⁸ Os “pixadores” ressaltam que os taxistas lhes são os maiores inimigos, uma vez eles circulam pela cidade durante a madrugada, impedindo-lhes de realizarem as “pixações”, além de denunciá-los.

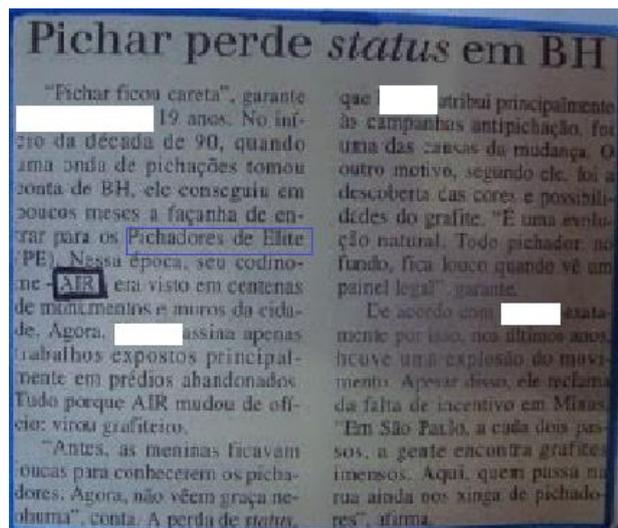


FIGURA 26 – Reportagem feita com AIR para quem “pixar” perdeu status, estratégia para dizer que abandonou a prática.

Fonte: Foto cedida por um “pixador” dos anos 90.

Além da “pixação” realizada por SKILO e por AIR para se inserirem e permanecerem no grupo, destaca-se a “pixação” de PACO realizada no túmulo do Padre Eustáquio e do ex-governador Olegário Maciel no Cemitério do Bonfim. Para obter fama e ser reconhecido pela “disposição” entre os “pixadores”, estrategicamente, PACO aguardou a semana em que se comemora o Dia do Padre Eustáquio – 30 de agosto – para “pixar” o túmulo e obter “ibope”, uma vez que já sabia que seria publicada uma quantidade expressiva de matérias com a sua alcunha e a sigla da PE. Como a “pixação” foi realizada durante a madrugada, ele aproveitou a calmaria do local e “pixou” o túmulo do ex-governador Olegário Maciel. Essas “pixações” enaltecem os “Pixadores de Elite” perante os demais grupos da capital. Além das manchetes em jornais televisivos e impressos de Minas Gerais, destaca-se a reportagem no Programa *Fantástico*, transmitido aos domingos, pela rede televisiva mais conhecida no Brasil, além de reportagem na retrospectiva feita pela *Revista Veja*. Um membro dos “Pixadores de Elite” relata a sua percepção para a inserção na PE:

(...) As pessoas que, que se identificaram mais, como assim, que colocaram “pixação” em monumentos, em lugares bem vistos, em lugares públicos onde que as pessoas passam, olham. Onde até mesmo os jornais filmam, né? São, são assim que as pessoas entraram nos “Pixadores de Elite”, né? Quem tem mais “pixação”, que coloca mais nos prédios e lugares mais expostos aonde que o público vai passar, vai ver, vai comentar. Vai gerar um certo fuzuê de conversa acerca daquela “pixação” que tá ali naquele lugar. Entendeu? E é assim que entra né? (...).



FIGURA 27 – Reportagem sobre a “pixação” realizada no túmulo do ex-governador Olegário Maciel, no Cemitério do Bonfim.

Fonte: Foto cedida por um “pixador” dos anos 90.



FIGURA 28 – “Pixação” realizada por PACO no túmulo do Padre Eustáquio no Cemitério do Bonfim.

Fonte: Foto cedida por um “pixador” dos anos 90.

Como mencionado na presidência dos anos 2000, a inserção de um jovem na PE não está intrinsecamente relacionada à fama, à “disposição” e ao “ibope”, tão destacado nos anos 1990. Com a nova estruturação da “galera”, através dos subgrupos intitulados “velha guarda”, “conselho”, “nova geração”, grafiteiro, “grapixador” e “pixadora”, percebe-se que a inserção dos membros se configura de outra maneira. Apesar de as características exigidas pela PE dos anos 1990, para se inserir no grupo, serem consideradas os atributos mais almejados entre os

jovens, o que configura os “Pixadores de Elite” dos anos 2000 é a retomada do lema “uma vez PE, sempre PE”. Tanto o “conselho” quanto a “velha guarda” integram os “pixadores” que fizeram parte da PE sem qualquer restrição. Por outro lado, foi possível perceber a presença de antigos “pixadores” na “velha guarda” que fizeram parte de outros grupos dos anos 1990. A composição do subgrupo por esses jovens se justifica pela vontade que tiveram de fazer parte dos “Pixadores de Elite”, mas não tiveram oportunidade nos anos 1990. Após os anos 2000, com a nova constituição do grupo, eles se inseriram na “galera” com o objetivo de se tornarem os melhores “pixadores” de BH.

A “nova geração” aceitou o convite feito pelo Presidente GG. A partir dos anos 2000, não houve qualquer disputa acirrada entre os jovens para se inserirem na PE. Mas os membros pertencentes à nova configuração desejam ser reconhecidos no cenário da “pixação”. Eles, também, aproveitam o contato com os demais “pixadores” para adquirirem informações sobre a atividade, aprenderem e aperfeiçoarem as caligrafias e se informarem dos riscos que a prática oferece, caso sejam apreendidos por policiais e, sobretudo, para estabelecerem relações próximas com o grupo intitulado como família.

Enquanto INXS e COBRA inseriam os membros que possuíam a maior quantidade de “pixações” (fama), manchetes em jornais (“ibope”) e coragem e ousadia (“disposição”) com a prática, GG integra aqueles que aspiram à inserção na PE. Mesmo que não sejam os mais renomados “pixadores” da cidade, eles possuem lealdade com a sigla, pois as escritas nos muros são precedidas da PE. O relato de um membro da “velha guarda” problematiza a inserção de jovens no grupo nos anos 2000: “(...) você “pixava” muito para entrar. Agora o GG tá pondo nêgo, que num tem muita “pixação”. E num é tradição, né?”.

Assim, o que se observa no encontro entre as duas gerações de “pixadores” são integrantes das mais diversas idades, dos mais diferentes níveis socioeconômicos e, principalmente, de escolaridade - desde o Ensino Fundamental até a Pós-graduação. Os membros possuem uma ocupação profissional, muitas vezes, relacionada à arte como grafiteiros e designers, bem como aqueles que trabalham com marketing e vendedores de produtos de futebol das torcidas organizadas de Minas Gerais. Percebe-se, também, a integração de jovens de distintas crenças religiosas, como católicos e evangélicos e, também, de ateus. Outro fato interessante que se observa é a presença de membros integrantes das duas torcidas organizadas, remetendo ao lema “a torcida organizada em prol do ‘pixo’”.

Os “pixadores” da “nova geração” procuram obter fama, “íbope” e “disposição”. Com a popularização dos recursos tecnológicos – internet e aparelhos celulares - os jovens se apropriaram de outras artimanhas para se tornarem reconhecidos no cenário da “pixação”. Na foto seguinte, observa-se que a reportagem sobre a falta de segurança nas escolas públicas foi transmitida em um jornal televisivo, mostrando a “pixação” do FREK. Assim, os jovens enviaram mensagens ao “pixador” com o propósito de avisá-lo de que a sua alcunha foi exibida no programa. O “pixador” recorreu até um site de vídeos, pausou a imagem para obter uma foto e a divulgou nas redes sociais. Inclusive, um dos comentários faz menção sobre a alcunha deste “pixador” espalhada pelas mais diversas regiões da metrópole.



FIGURA 29 – “Pixação” realizada por FREK em uma Escola Pública de BH e transmitida por jornais televisivos.

Fonte: Foto cedida por um “pixador” dos anos 2000.

Os calendários anuais realizados por estabelecimentos comerciais com imagens da cidade tornam-se, também, uma forma de obter “íbope”. A Praça Nossa Senhora das Graças, conhecida por Praça Fórum, localizada no centro de Ibirité – Região Metropolitana de Belo Horizonte – um lugar que possui grande movimentação de automóveis e de transeuntes, foi fotografada e estampou, sem nenhuma intenção, a alcunha de FREK, em um muro branco no fundo da imagem. Este calendário tornou-se um objeto de “íbope”, uma vez que a sua “pixação” circulou pelas mãos de muitos moradores da cidade, e ele divulgou a sua “detona” para o restante dos “pixadores” através das redes sociais.



FIGURA 30 – Calendário de um estabelecimento comercial em Ibirité – Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Foto cedida por um “pixador” dos anos 2000.

Além do vandalismo tão mencionado nas reportagens, a quantidade expressiva de termos depreciativos, como sujões e marginais, passam a incorporar o vocabulário desses jovens para designar características positivas que um “pixador” deve ter ao vivenciar em uma metrópole: coragem e ousadia. Através das escritas nos muros, o ataque realizado pelos “pixadores” ao ideal de uma cidade sem conflitos e que estabelece normas e padrões de conduta propicia, cada vez mais, a união entre os integrantes do grupo. A cada repercussão midiática e pública das “pixações” realizadas pela PE, mesmo que utilizem atributos depreciativos, consolida o jovem através da fama, do “ibope” e da “disposição” para “pixar”.

A divulgação de uma nota expressando que - “(...) os alvos católicos sugerem uma punição muçulmana a essa juventude mal-educada. Uma boa coça de vara de marmelo. Uma lambada por cada lata de tinta que esses vândalos tenham usado (...)” – despertou a hostilidade do grupo em relação aos símbolos católicos, culminando em várias “pixações”, por parte dos membros do grupo, na Igreja Matriz de Santa Luzia – localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Além das alcunhas e da sigla PE, eles escreveram “Deus me perdoe”.

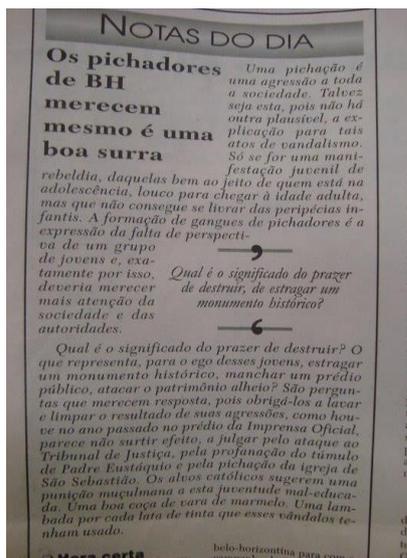


FIGURA 31 – Reportagem: “Os pichadores de BH merecem mesmo é uma boa surra”.

Fonte: Foto cedida por um “pixador” dos anos 2000.



FIGURA 32 – “Pixações” realizadas na porta da Igreja Matriz de Santa Luzia pelos membros da PE com a seguinte frase: “Deus me perdoe”.

Fonte: Foto cedida por um “pixador” dos anos 2000.

2.1- REUNIÕES DOS “PIXADORES DE ELITE”

Segue-se com a periodização da PE para ressaltar a realização das reuniões tanto nos anos 1990 como nos anos 2000. Os “pixadores das antiga” – expressão utilizada pelos membros para se referirem aos “pixadores” dos anos 1990 – frequentavam as reuniões realizadas por INXS e por COBRA apenas uma vez ao final de cada ano. Os encontros do grupo ocorriam em um espaço público no centro da capital mineira, local onde funciona a Estação Central do

Metrô, chamada Praça Rui Barbosa ou, mais comumente conhecida, como Praça da Estação. Além de ser o centro da Metrópole, é um lugar com intensa movimentação de automóveis e de transeuntes e com vários pontos de ônibus, conectando a área central aos demais bairros da capital, bem como à Região Metropolitana. Por isso, o local de reunião foi, estrategicamente, pensado pelos Presidentes dos anos 1990 para facilitar a participação dos membros, pois, naquela época, a infraestrutura de mobilidade urbana era ainda mais precária. Inclusive, os recursos tecnológicos eram limitados para a população belorizontina, uma vez que não havia telefones celulares com planos acessíveis, muito menos utilização da internet e das redes sociais para se comunicarem com facilidade e para marcarem encontros com os integrantes. Um membro dos “Pixadores de Elite” relata:

(...) E por aí vai, pela internet eles acha tudo, naquela época a gente não tinha nem celular, que você tinha que juntar mão de ficha de telefone, colocava lá, ficava desesperado, ligando, esperando os outro acabar de ligar. Pra você ligar, não tinha celular, véio, então era tudo mais difícil, tipo pra contato então, era praticamente impossível vocês ter contato com outro tipo de pessoa e o “pixador” não confiava muito em ninguém não. Hoje em dia, os cara já posta lá no face: eu sou fulano! (...).

Conforme descrito no Capítulo I, o grupo se constituiu a partir da imagem e semelhança da Tropa de Elite da Polícia do Exército. Os soldados dessa organização são reconhecidos pelos “números de identificação” (01, 02, 03...), atributo, também, apropriado pelos “Pixadores de Elite”. Apenas o Presidente da PE ocupava uma posição superior em relação aos outros membros da “galera”. Os “pixadores” que, porventura, abandonassem a prática ou diminuíssem a frequência das suas alcunhas nos muros da cidade poderiam ser retirados desses “números de identificação”. Evidentemente, qualquer membro dos “Pixadores de Elite” poderia ser expulso, mas nunca se registrou um caso de expulsão, uma vez que eles se identificaram com o lema “uma vez PE, sempre PE”.

Com o passar do tempo, muitos jovens diminuíram ou abandonaram a prática, o que requereu a intervenção da liderança. Essa intervenção constituiu basicamente em convidar jovens com mais “disposição” para ocupar postos chaves. Uma medida dessa natureza não vinha desacompanhada de tensões, uma vez que implicava desalojar algum membro de sua posição privilegiada. O meio utilizado para neutralizar essa tensão era o recurso retórico à noção de família. O líder lembrava aos membros que a PE é, na verdade, uma grande família a qual todos pertencem, ainda que eventualmente, não mais no mesmo status. Assim, nos anos de 1990, a principal pauta das reuniões era como destituir membros importantes de seus números

de identificação. Discutia-se, por exemplo, o que fazer com o 04 (zero quatro), já que ele não tinha mais a “disposição” que se esperava de um 04. A diminuição das “pixações” nesse período se deve a várias razões: paternidade, escolhas profissionais e, até mesmo, estudos. Conforme mostram os relatos de alguns integrantes da PE:

(...) Mas agora é... a respeito do filho assim, o que acontece, a “pixação” já estava meio escassa, porque quando você passa a namorar, de uma certa maneira assim, você já começa, igual eu te falei, você já começa a deixar o grupo mais longe, aquele grupo você já fica mais distante. Aí foi aconteceu de eu ter um filho, a “pixação” já não tinha mais importância na minha vida (...).

(...) É... Eu cheguei um tempo até parar, eu não queria mais “pixar”. E pela idade eu achei que era mais coisa, mais assim, mas sempre eu gostava, de vê, aí vinha um cara da minha época. Vamos? Então, vamos! Mas sempre que eu tinha oportunidade assim, desses intervalos que eu parei se eu tivesse em um lugar, aparecesse uma lata, eu “pixava”. Eu num tava comprando, saindo, igual aquele entusiasmo, porque a equipe já tinha parado, o pessoal já tinha parado, aí eu saí. Mas só que eu sempre trombava, trombava com outro e a gente ia (...).

Durante vinte anos de atuação dos “Pixadores de Elite” na paisagem citadina, observa-se a ausência de restrições em relação à mobilidade dos membros. Um “pixador” diz que “(...) aí eu parei um tempo, eu fiquei parado um tempo, depois eu voltava, parava, voltava. Agora que eu voltei pra regaçá mesmo”. De acordo com o relato:

(...) Aí veio essas coisas, aí ficou aquela coisa assim, todo mundo foi parando. Eu, em 99, e fui até 2000... assim, devagar, mas sempre dando meus rolé. De 2000 pra cá eu dei uma parada. ... ajudava nos ‘detona’ que eu fiz, eu fiz os detona.. aí em 2002... os 2000 e 2001 eu fiquei parado. 2002 eu fui e dei uma regaçada até 2003 e parei de novo. Aí fui 2005, 2006 e 2007 eu fiz umas. Aí 2009 eu comecei a dar umas voltadas. ... dei uns rolés bons e tal, e que tem até hoje umas ‘preza’ ainda. E também parei de novo (...).

Se, nos anos 1990, ocorria apenas uma reunião anual, a partir dos anos 2000, a PE se reconfigurou devido às estratégias propostas pelo atual Presidente, assim como o acesso aos telefones celulares e, principalmente, devido à popularização das redes sociais. Isso facilitou o contato cotidiano entre os membros para discutirem as datas em que a maioria dos integrantes pode participar. Os encontros são marcados mensalmente e não possuem pauta definida, pois o principal objetivo do grupo é o lazer e a diversão. As reuniões possuem a presença dos membros da “velha guarda”, “nova geração”, “conselho”, grafiteiro, “grapixador” e da “pixadora”. Verifica-se que os membros convidam “pixadores” de outros grupos para a reunião como uma forma de serem prestigiados e obterem reconhecimento.

A convocação para a reunião é realizada pelo Presidente em um grupo secreto do Facebook chamado “EELLIITTEEE”. O propósito desse grupo consiste em divulgar as fotos

dos “pixos” realizados pelos membros com a sigla PE, valorizar a caligrafia, motivar as práticas e divulgar os “ibopes” dos “pixadores” para se fazerem reconhecidos entre os membros. Percebem-se, também, alguns *posts* solicitando ajuda, depoimentos de conflitos pessoais vivenciados e as mais diversas informações.

Em sua maioria, as reuniões são marcadas às quintas-feiras, no horário das 20 horas. Eles se apropriaram de um posto de gasolina, localizado em um bairro de classe média na região leste de Belo Horizonte, próximo a uma avenida movimentada, e o denominaram de “Sede da PE”. Como o GG – Grande e Gordo – possui dificuldades para se mobilizar pela cidade, estrategicamente, ele pensou em um local que facilitaria o seu acesso sem depender de outros integrantes para a locomoção. Outro aspecto que o espaço oferece é a proximidade com um pequeno estabelecimento comercial que facilita a aquisição de bebidas alcólicas, refrigerantes e aperitivos, tornando o ambiente ainda mais descontraído.

Aos poucos, os membros se apropriam do espaço. Por volta das 21 horas, verifica-se a presença da maioria dos integrantes. À meia noite, o atendimento do estabelecimento comercial se encerra e as luzes do posto de gasolina se apagam. Então, os membros da “velha guarda” e do “conselho” se retiram do local, pois possuem compromissos profissionais no outro dia. Já a “nova guarda” aproveita o encontro para circular pela cidade com a presença de outros integrantes com o propósito de escrever a sigla pelos muros da metrópole. Hoje, os meios de transporte são mais acessíveis, pois alguns membros possuem motos e carros, o que facilita a circulação pela cidade com os materiais necessários para “pixar”. As reuniões se assemelham a uma conversa entre amigos em bares ou restaurantes.

A reunião da família se tornou um encontro de “pixadores” antigos e atuais, membros de outros grupos, “pixadora”, “grapixador” e grafiteiro. A alegria do Presidente em tornar a “Sede da PE” um local de encontro e diversão é perceptível através do comportamento eufórico que apresenta, ao ver a chegada de cada membro. Muitas vezes, ele fala alto, impõe como determinado jovem deve proceder em relação à prática e deseja ser vangloriado por todos. Os integrantes percebem essa particularidade do atual Presidente, mas respeitam a sua singularidade sem criar discórdias. Em alguns momentos, eles expressam ao GG que está excedendo em suas opiniões o que não é motivo para conflitos. Por ser uma reunião de “pixadores”, o assunto principal é falar da fama, do “ibope” e da “disposição”. Os novatos se comportam de maneira tímida, aprendendo a atividade com os demais e, ao mesmo tempo, se fazendo reconhecidos. Os “pixadores das antiga” entusiasmam o novato a “pixar” os locais que

possuem mais destaque no cenário urbano e, também, elogiam a caligrafia, o que é um grande incentivo para um “pixador”, iniciando a sua carreira. Esse local é um espaço de aprendizagem e de prestígio. Abaixo, as convocatórias realizadas pelo Presidente para as reuniões, seguida do símbolo da PE:

“REUNIAO AMANHÃ QUINTA FEIRA DIA 31*10*2013

CONTO ATÉ COM QUEM NAO PUDER IR!! MAS, POR FAVOR, TENTEM. NAO FALE QUE TENTOU, DISEMBOLA CONSIGO MESMO... TENDE IR...POIS EU SEI QUE VAI SAO OS DE SEMPRE... (INXS) essa é uma missão e não é pegadinha do malandro,.. é uma ordem do atual PRESIDENTE DE SUA FUNDAÇÃO

FUNDAÇÃO PIXADORES DE ELITE! DESDE 03*03*1992!. — com COBRA.”

“** MUITO BOA TARDE IRMAOS!!...**
AMANHA A PARTIR DAS 20HS REUNIAO
(endereço) BAIRRO FLORESTA!...
CONTO COM VCS!..1 FORTE ABRAÇO A TDS!!..
GGBS P.E01.”

“MUITO BOA TARDE IRMÃOS Q ASSIM ELA O FAZEM!!!...HOJE A PARTIR DAS 20HS REUNIÃO DE ELITE...VENHA, VAMOS NS CONFRATERNIZAR AFINAL, PIXAÇÃO E AMIZADE ETC.COM!!”



FIGURA 33 – Foto com o mascote da PE para a convocatória de reuniões.

Fonte: Foto retirada do grupo secreto “EELLIITTEEE”.

Durante os encontros, percebe-se a circulação de suportes para a escrita como papéis e papelões, folhas de rascunhos, cartolinas ou cadernos, conhecidos pelos “pixadores” de “folhinhas”. As “folhinhas” possuem características importantes na relação entre os

“pixadores” de Belo Horizonte: esse aspecto diz respeito à efemeridade da “pixação”, uma vez que ao “pixarem” o muro, eles reconhecem que as fachadas podem ser transformadas a qualquer momento. Assim, a “coleção de folhinhas” serve para conservar a memória¹⁹ da assinatura do “pixador” na cidade. Não só os muros são efêmeros como também a carreira de um “pixador”. Assim, as “folhinhas” servem como lembrança das relações estabelecidas entre os membros do grupo. Nos encontros, percebe-se um cuidado por parte dos integrantes da PE ao escreverem as suas alcunhas nessas “folhinhas”, pois sabem que serão lembrados futuramente através dessas escritas. Eles trocam as assinaturas para se fazerem reconhecidos no grupo. A estética da letra deve ser bem aprimorada, uma vez que os “pixadores” possuem um forte vínculo com a escrita.



FIGURA 34 – Assinaturas dos integrantes nas “folhinhas” na reunião dos “Pixadores de Elite”.

Fonte: Créditos da autora.



FIGURA 35 – Assinaturas dos integrantes nas “folhinhas” na reunião dos “Pixadores de Elite”.

Fonte: Créditos da autora.

¹⁹ Pereira (2005).

Como a reunião não tem uma pauta previamente definida e eles se encontram com o único propósito de divertimento e lazer, mencionam-se alguns assuntos mais relevantes no encontro. A própria atividade de “pixar” inclui a circulação de três ou quatro jovens pela cidade, podendo ser realizada a pé, de ônibus, de carro ou de moto. O principal tema a ser abordado é a circulação pela cidade, principalmente, para que os membros relatem como foram realizadas as suas “pixações” e os riscos que sofreram em relação à prática. Nas reuniões, eles podem ser conhecidos, reconhecidos e se informarem em relação aos “pixos” realizados na metrópole, trocando experiências, dando gargalhadas e brincando com as mais diferentes peripécias que a atividade propicia. Outro assunto que é tema do encontro da PE são as conquistas de títulos dos maiores clubes de futebol de Minas Gerais: Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube. Como a maioria dos integrantes pertence às torcidas organizadas, os estudos em relação a esse tema²⁰ retrata a violência entre os membros. Na reunião dos “Pixadores de Elite”, nota-se a presença de integrantes de ambas as torcidas organizadas – Galoucura e Máfia Azul - inclusive, com camisetas e bonés dos clubes de futebol. O lema intitulado pelo INXS na década de 1990, “a torcida organizada em prol do pixo” foi extremamente identificado pelos integrantes do grupo. Assim, não se observa qualquer desavença ao comentarem os títulos, pois se respeitam e sabem que qualquer palavra negativa proferida ao outro pode desencadear algum conflito. Mediante tantos símbolos que caracterizam a masculinidade, a virilidade e o reconhecimento dos “pixadores”, faz-se necessário descrever a relação estabelecida com a SUSU.

2.2- A PRESENÇA DA PIXADORA NO GRUPO: SUSU

A SUSU, uma jovem de 24 anos, moradora de um bairro localizado à Região Noroeste de Belo Horizonte, caracterizado pela baixa infraestrutura para atender a população local. Sua escolaridade se limita ao ensino médio completo e é funcionária de uma empresa localizada no Centro da capital mineira; essa é uma das poucas mulheres que praticam a “pixação” na cidade de Belo Horizonte. A presença da SUSU nos “Pixadores de Elite” confere ao grupo um caráter especial observado nas relações estabelecidas entre os membros e a “pixadora”.

²⁰ Toledo (1996) e Pimenta (2000).

O modo pelo qual a SUSU se inseriu nos “Pixadores de Elite” foi completamente distinto em relação aos demais membros. Previamente, os “pixadores” devem possuir interesse em participar do grupo e obter alguma notoriedade no cenário da “pixação”. Entretanto, ela se inseriu para aprender as técnicas, as estratégias e buscar informações em relação à prática. Para a PE, integrar uma mulher, também, proporcionou uma distinção em relação aos outros grupos constituídos na capital mineira.

Em 2010, o atual Presidente – GG – convidou SUSU a fazer parte da família e, prontamente, ela aceitou o convite, segundo ela “(...) a hora é agora”. Nessa época, ela não possuía tanto reconhecimento no cenário da “pixação”, mas a sua “disposição” (coragem e ousadia) para realizar a prática proporcionou à “pixadora” a fama e o “íbope” tão almejado pelos demais. As relações estabelecidas com os membros do grupo e o contato com os mais diversos “pixadores” da cidade propiciaram o desenvolvimento da sua caligrafia e o manuseio correto dos materiais utilizados para escrever a sua alcunha nos muros da metrópole. Para se ter uma ideia do quanto a “pixadora” possui “disposição”, na mesma noite em que se inseriu na PE, ela escreveu a sua alcunha e a sigla do grupo, em um muro de uma avenida movimentada da capital mineira. Isso serviu para comemorar a sua satisfação em pertencer a uma “galera” tão renomada de Belo Horizonte. Um dos membros da PE ressalta que “(...) hoje todo mundo fala assim, nó, aquela menina ela é a Susu? Aí todo mundo nó, a Susu, aquela menina que subiu no negócio ali, nó é aquela mulher que ‘pixa’”.

Como o Presidente não apresenta oficialmente o novo membro aos demais, ela se tornou conhecida através dos muros e, aos poucos, foi estabelecendo contato com cada integrante da PE. A presença da SUSU no grupo despertou o interesse, inclusive, de alguns “pixadores” que já haviam abandonado a prática para circularem pela cidade com o objetivo de escrever as suas “detonas”, agradecendo a sua presença no grupo. Diante de tais considerações, percebe-se o quanto integrar uma mulher interfere nas relações estabelecidas pelos membros no interior do próprio grupo. Tal fato pode ser constatado através do relato de um “pixador” da “velha guarda”: “(...) eu não sou de ter confiança pra sair e dar um ‘rolé’ com qualquer pessoa. Aí veio a SUSU. Aí, tipo assim, a SUSU dá uma confiança. Que é minha parceira e coisa pra sair aí eu fico mais tranquilo”.

Além de obter uma distinção perante os demais grupos, a presença da “pixadora” circulando pelas ruas da cidade com apenas mais um “pixador” proporciona segurança ao membro para realizar a prática, uma vez que a natureza da “pixação” é transgressora. Assim,

um casal, ao caminhar durante a madrugada pela metrópole, despista possíveis desconfianças por parte dos policiais, pois não acreditam que uma mulher possa estar envolvida com tal atividade: “pixar” com uma mulher consiste em uma estratégia para driblar a polícia.



FIGURA 36 – Assinaturas do SUÍNO e SUSU – membros da PE – ao circularem pela cidade.

Fonte: Foto cedida pelo membro da PE.

Como o grupo investigado não atribui características depreciativas aos próprios membros, SUSU é conhecida por “Garota de Ipanema” pelos “Pixadores de Elite”. Tal expressão se refere à letra de música composta por Vinícius de Moraes, contando a história de uma garota linda que residia no bairro Ipanema da cidade do Rio de Janeiro. Como SUSU nasceu e morou no bairro Ipanema em Belo Horizonte, os membros a denominam através dessas características. Com uma beleza particular, além de ser considerada meiga e inteligente pelos “pixadores”, os jovens escrevem suas alcunhas e, em alguns momentos, expressam nos muros a expressão “para SUSU”, uma forma de homenageá-la e propiciar fama à “pixadora”, pois espalham a alcunha dela pela metrópole. O relato de um “pixador” demonstra, claramente, a relação que os membros estabelecem com ela: “(...) quando eu tô na área da SUSU, eu mando para SUSU. Agora em outro lugar, eu mando como se ela tivesse comigo. Entendeu?”. Abaixo, o relato da “pixadora” aponta para a distinção que ela presencia no grupo:

(...) Ah, sei lá, é porque é complicado você encontrar uma pessoa que você identifica, fraga? Tipo assim, que vê a “pixação” da mesma forma que você vê. Que num vai falar pô, véi, você “pixa”, você bonitinha desse jeito, ou então você velho desse jeito “pixando”. Então quando você

encontra uma pessoa ali que tipo, que vai puxar a mesma coisa que você, que vai dar um mesmo “rolé”, que vai ser tipo bom, fraga. Tipo assim, aí já identifica já, já rola aquela química assim (...).

Apesar de as mulheres oferecerem segurança aos “pixadores” para despistarem os policiais em relação à prática, isso pode lhe render um rótulo depreciativo denominado pelos “pixadores” de “Maria Colorgin”. Tal expressão se refere à analogia às “Marias Chuteiras”, ou seja, mulheres que desejam estabelecer relações amorosas apenas com jogadores de futebol famosos. O termo “Maria Colorgin” refere-se àquelas mulheres que desejam obter fama através da circulação com “pixadores” que possuem notoriedade no cenário da “pixação”.

CAPÍTULO 3 – DAS REUNIÕES ÀS RUAS: A ATUAÇÃO DOS “PIXADORES DE ELITE” PELA CIDADE DE BELO HORIZONTE

Após descrever as singularidades e a dinâmica das relações estabelecidas entre os membros da PE, faz-se necessário expor como os “pixadores” atuam no espaço urbano através das influências do Rio de Janeiro, São Paulo e de Brasília sobre o grupo “Pixadores de Elite”. Essas influências são observadas na paisagem urbana através dos estilos de letras e da forma como inscrevem as suas alcunhas nos suportes urbanos. Posteriormente, as influências de São Paulo no subgrupo “nova geração” serão descritas com o intuito de apresentar as mais diversas técnicas e estratégias adotadas pelos “pixadores”, ao estamparem as suas assinaturas pela metrópole. Através das escritas dos muros, observam-se as alianças estabelecidas pelos membros da PE, bem como os mais diversos conflitos com integrantes de outros grupos. Por último, os locais frequentados pelos “pixadores” serão descritos a partir do estilo de vida.

3.1- O SPRAY E OS ESTILOS DE LETRAS

Para deixar as suas marcas pela cidade, é necessária a compra do material específico. Os recursos para obtenção desses materiais são provenientes dos trabalhos formais ou informais, mas é possível que parte desses recursos seja proveniente de furtos. É importante ressaltar, entretanto, que não existe um fundo comum de recursos; algo como uma “caixinha”. Presume-se que cada “pixador” terá meios para arcar com seus custos. Isto contribui para que a “pixação” tenha um caráter sazonal:

(...) Depende da fase viu. Depende da fase da minha vida, sinceramente. Tem dia que eu “pixo” simplesmente porque eu gosto, tipo tô feliz vou lá “pixar”. Tem dias que eu “pixo”, porque tipo algo me atingiu e eu tô mal pra *caralho* e num tem palavra, num tem ninguém que vai me tirar daquela situação ali, eu vou e “pixo” e melhora. E quando eu tô insatisfeita com alguma coisa também. Depende, tudo é tipo uma fase assim, fraga? (...).

Os “pixadores das *antiga*” adquiriam as latas de spray em depósitos de construção, optando pela cor azul del rey das marcas Coralit e Colorgin. A “nova geração” escolhe a cor conhecida pelo preto fosco, uma vez que permanece por mais tempo na paisagem urbana, devido a sua resistência ao calor e às chuvas. Além disso, atualmente, existe uma variedade de

marcas de spray possibilitando aos “pixadores” escolherem àquelas que possuem preços mais acessíveis. Em Belo Horizonte, há dois estabelecimentos comerciais que vendem esses produtos aos “pixadores”, localizados no centro da capital mineira e na região leste de Belo Horizonte, lugares acessíveis aos moradores das mais diversas regiões da cidade. Além disso, esses locais realizam lançamentos de DVD’s e exposições de “pixos”, como, também, sorteios de produtos para atraírem os possíveis clientes / “pixadores”.



FIGURA 37 – Latas de spray nos estabelecimentos comerciais de Belo Horizonte.

Fonte: Créditos da autora.



FIGURA 38 – À esquerda, Flyer do lançamento do DVD chamado “Foda-se”. À direita, convite para a comemoração de um ano da loja, com sorteios e exposição de “pixos”.

Fonte: Flyer adquirido no estabelecimento comercial.

Além dos sprays, os “pixadores” podem comprar os “bicos” ou os “pinos” das latas separadamente, uma vez que a espessura da letra depende do suporte urbano no qual a “pixação” será realizada. Eles possuem uma preocupação estética em relação às alcunhas que serão escritas nos muros, ou seja, uma preocupação com a criação artística. Os “bicos” são conhecidos por *cap*, uma expressão em inglês que significa tampa. Geralmente, os “pixadores” utilizam os *fat cap* para as letras que serão inscritas com uma espessura mais grossa e os *skinny cap* para as letras com espessura fina. Além desses materiais, a distância entre a lata de spray e o muro interfere, também, na espessura da letra; ou seja, quanto mais próximo do concreto, mais fina a letra e vice-versa.



FIGURA 39 – À esquerda, “bicos” ou “pinos” utilizados nas latas de spray pelos “pixadores”. À direita, a espessura de cada *cap* vendido em um estabelecimento comercial.

Fonte: Créditos da autora.

Percebe-se, então, que o envolvimento do “pixador” com a prática exige, primeiramente, uma quantidade expressiva de assinaturas em cadernos, folhas e papéis, e em locais com pouca movimentação, para que possam treinar as letras que serão impressas nos muros da cidade; a partir disso, adquirem as habilidades manuais e as técnicas de utilização do spray com o propósito de serem reconhecidos pela estética da letra. Nota-se que a prática exige um longo tempo de experiência para que o “pixador” possa adquirir uma notoriedade no cenário urbano. Aos doze anos, começa-se se interessar pelos “pixos”. Após três anos, adquire-se uma estética da letra bem dotada, assim como as habilidades necessárias para utilizar o spray. Caso isso não ocorra, o “pixador” pode ser chamado de “caga-muro” – uma expressão utilizada para aqueles

que não possuem uma preocupação com a letra que será inscrita nos suportes urbanos²¹. Enfim, esse rótulo é utilizado para aqueles que não pertencem ao grupo, uma vez que os vínculos entre os membros da PE são tão fortes que eles não se denominam com atributos depreciativos, pois pode prejudicar, inclusive, a reputação do grupo perante os demais.

Após adquirirem o material para a “pixação”, os jovens marcam encontros em qualquer ponto da cidade para circular pelas ruas com o propósito de escreverem as suas alcunhas e a sigla PE. Essa circulação pela cidade é denominada de “rolés”²². Mesmo que haja fortes laços de amizade, solidariedade e cooperação entre os membros da PE, os “rolés” podem ser realizados com os “pixadores” pertencentes a outros grupos da metrópole. Não há qualquer determinação de “pixar” apenas com os integrantes do grupo, pelo contrário, é bem visto no cenário da “pixação” aqueles que estabelecem parcerias com os mais diversos “pixadores” da metrópole. Na figura 40, nota-se o “rolé” realizado pelo SABRE, membro da PE, com o SKOT do grupo RM (Rebeldes da Madrugada) e TOCO do MDP (Morro do Papagaio).

(...) O ato de “pixar” é isso né? Você num, tipo assim, você mora aqui no Centro e conhece uma pessoa que mora em Ibirité, você marca um com ele. Vamo dá um “rolé”? Vamo dá um jeito de fazer uma “detona”? É essa parceria que forma os “pixadores”, né? Tipo assim, nunca que a pessoa sai com a mesma pessoa, tipo assim é, ela vai, ela vai procurando outras pessoas outro incentivo, pessoas, tipo assim é pessoas mais audaciosa pra “pixar”, né? (...).

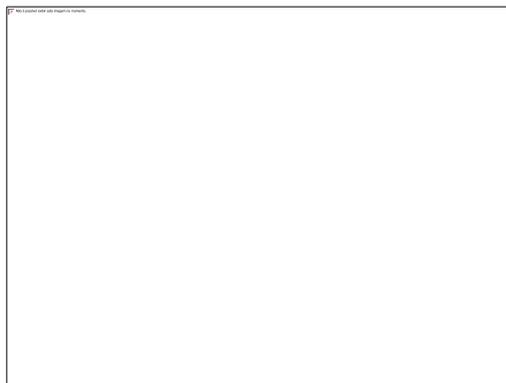


FIGURA 40 – “Rolé” realizado por três membros pertencentes a grupos distintos.

Fonte: Foto cedida pelo SABRE.

²¹Ao se referir aos “pixadores” que não possuem uma estética de letra bem dotada, os “pixadores das *antiga*” denominam tal expressão de “mobral”.

²² Os demais trabalhos sobre a “pixação” denominam a circulação dos “pixadores” pela cidade de “rolês” – com acento circunflexo. Nos relatos dos membros dos “Pixadores de Elite”, eles destacam o termo “rolés” – com acento agudo.

Os “rolés”, geralmente, são marcados durante a madrugada entre 01h00 às 04h00 da manhã e, preferencialmente, de segunda a quarta-feira, uma vez que não há uma grande movimentação de automóveis e de transeuntes pela metrópole. As datas comemorativas como os feriados são, também, dias propícios para realizar as “detonas”, pois a população belorizontina aproveita esses dias para agendar viagens com amigos ou familiares. Isso não impede os “pixadores” de percorrerem a cidade em outros dias e horários, mas o risco de serem apreendidos por policiais e surpreendidos por moradores se torna mais evidente.

Ao realizarem as “detonas”, os jovens devem agitar com força e repetidamente a lata de spray com o propósito de misturar a tinta. Dentro do produto, há uma “bola de gude” ou uma “esfera de metal” que facilita a mistura desse fluido que está sob alta pressão e produz um som extremamente agradável para os “pixadores”. Ao apertar o “pino” ou “bico”, o líquido é expelido para fora do produto emitindo um som satisfatório. Inclusive, o cheiro da tinta é prazeroso para os praticantes dessa atividade. Consta-se que o próprio ato de “pixar” desperta sensações corporais juntamente com o risco que a prática propicia. Todo esse processo de preparação para escrever a “detona” nos muros é denominado, pelos jovens, de “adrenalina”. Segundo o relato de um membro dos “Pixadores de Elite”:

(...) Porque é igual todo mundo fala, é a “adrenalina” que dá, eu não conheço outra coisa que te dê uma sensação assim, uma “adrenalina”, acho que nem velocidade, nem nada, acho que é uma “adrenalina” que te dá ali, na hora que, é até difícil de explicar. Então, por exemplo, você está falando em “pixar” em um local autorizado. Ah, se amanhã for legalizado a “pixação”, você vai poder “pixar” todo lugar. Acho que muita gente vai parar, não vai ter muita graça, aí, mesmo assim, ainda assim, vão querer “pixar” onde não pode. Porque é aí que eu acho que tá o “X” da questão. O proibido é ser gostoso, ser um atrativo a mais. Se fosse legal, todo mundo faria. Então ia acabar sendo uma coisa muito popular, muito comum. O comum não é interessante, né? (...).

Após a escrita nos muros, eles escondem os “bicos” ou “pinos” das latas de spray para se protegerem de serem pixados pelos policiais, caso sejam apreendidos, tema que será descrito no próximo capítulo. Há, inclusive, relatos de um jovem que faleceu devido à intoxicação da tinta na pele do corpo²³.

Conforme relatado anteriormente, existem vários locais usados para “pixação” e para obter fama, “ibope” e “disposição”. Muito além dos patrimônios, monumentos e dispositivos públicos como escolas e hospitais, bem como os órgãos governamentais, cemitérios e igrejas, as demais “pixações” são realizadas nas avenidas movimentadas e no centro da capital mineira,

²³ Souza (2007).

pois são locais que circulam o maior número de transeuntes. Também, percebe-se uma preferência pelos integrantes de “pixar” o caminho realizado pelos transportes públicos com itinerários preestabelecidos. No caminho feito pelos ônibus, eles estampam nos muros as suas “detonas”, para que as pessoas possam visualizar, com frequência, as suas alcunhas, o que lhes proporciona fama. Outro local extremamente visado pelos “pixadores” são os Estádios de Futebol, pois as suas “detonas” são vistas por um número expressivo de pessoas e “pixadores” pertencentes às Torcidas Organizadas. Em função da revista policial realizada nos portões de entrada e da impossibilidade de levar os materiais de “pixação” para o estádio, os estabelecimentos comerciais passaram a produzir latas de spray bem pequenas que podem ser escondidas nos calçados dos “pixadores”, para facilitar-lhes o registro de suas “detonas” no local.



FIGURA 41 – Lata de spray bem pequena utilizada pelos “pixadores” para escreverem as suas alcunhas nos Estádios de Futebol. Constatase que a lata de spray é um pouco maior que um isqueiro pequeno.

FONTE: Créditos da autora.

Por mais que os jovens procurem frequentemente esses lugares para escrever as suas alcunhas e a sigla da PE, o reconhecimento do “pixador” também pode ser concebido pela quantidade de “pixações” espalhada pela metrópole. Então, eles mapeiam a cidade com o propósito de visitar cada bairro de Belo Horizonte para imprimir a sua marca nas mais diversas regiões da cidade, a fim de que possam ser reconhecidos no cenário da “pixação”. Como os “Pixadores de Elite” possuem membros moradores de diversas localidades, o percurso pelas ruas é facilitado, uma vez que cada integrante conhece a região que habita.

Os membros da PE só foram convidados a integrar o grupo a partir da experiência adquirida em outras galerias de “pixação”. Mesmo que não haja uma disputa acirrada, como nos anos 1990, é necessário que o jovem possua uma notoriedade no cenário da “pixação”. Por volta dos 12 e 13 anos, os membros começaram a “pixar” a cidade de maneira tímida, pois o risco que a prática propicia pode desmotivá-los a seguir com a atividade. Primeiramente, eles formaram grupos pela proximidade de moradia para se divertirem e estabelecerem relações sociais. No início da carreira, eles escolhem a alcunha que será inscrita nos muros das grandes cidades, transformando os “pixos” ao longo dos meses até definirem aquele que o identificará como “pixador”. Se, por um lado, a “pixação” é considerada marginalizada devido à pecha de sujeira imposta pela população, pelos órgãos públicos e pela mídia, os “pixadores” concebem a prática como uma “arte proibida”. O significado da arte, aqui tratado, diz respeito à preocupação estética das letras e a maneira como eles se aperfeiçoam durante anos para se tornarem “pixadores” reconhecidos. Segundo os membros da PE:

(...) “Pixam” onde tiver branco ali, inclusive a gente, hoje em dia, a gente tem vivido esse problema que é escassez de espaço, tem tanto “pixo” na cidade tá difícil, você sai pra “pixar” hoje e é difícil pra você conseguir um espaço, tá difícil, tanto é que dizem que o Lacerda vai fazer aí uma operação aí agora, aí no final do ano e início do ano que falou que vai acabar com isso, como se fosse possível, e não vai acabar, ele vai vir com alguma medida ignorante, uma medida extrapolada, com certeza vai prender muita gente por outros motivos mas não por esse, mas não vai acabar com isso, porque, afinal de contas, não tem como acabar, é uma arte, arte não tem fim. Enquanto tiver tinta, enquanto tiver espaço branco, alguém vai tá ocupando aquele espaço e não vai conseguir acabar com isso, talvez ele vá tirar de circulação, um ou outro, ali, por um determinado período, mas quando o sujeito sair, ele vai conseguir, porque isso tá na alma. É uma arte, então o sujeito carrega aquilo com ele (...).

(...) Por exemplo, a “pixação”, no caso, é escrita, tô falando da escrita. Ela é uma arte por quê? Porque você pode criar a sua marca, você vai fazer ela, eu vou fazer, mas eu nunca vou conseguir fazer igual a você, nunca, só você vai fazer do seu jeito, eu posso fazer parecido, igual, idêntico nunca, não vai ter jeito, então é muito pessoal, mesma coisa um quadro branco, por exemplo, Renoir, você pegar e tentar reproduzir, você vai fazer parecido, igual, só o original, só que o pintor fez. Então, isso já é o primeiro ponto, que acho que é a característica pessoal. E eu acho que a outra coisa que caracteriza é a maneira como você vai intervir naquele espaço que está desocupado, que está sem vida, que tá sem cor, sem nada, sem expressão, um espaço que não te diz nada. Então você passa ali hoje e você vê aquele espaço branco, vazio, oco, aquela coisa inerte, sem, enfim, sem sentido, a partir do momento que você intervém naquele espaço com uma escrita, com a sua escrita, que no caso que é a sua marca pessoal, então ele já não é mais um espaço vazio, você está passando e ele já passou a ter um significado pra você, pra outras pessoas que passarem e olharem também, um significado negativo ou positivo, tanto faz, não interessa, mas ele morto, inerte, insignificante assim, ele não está mais, ele já foi ocupado de alguma forma (...).

Antes da fama, do “ibope” e da “disposição”, o “pixador” deve ter uma preocupação estética. Como exemplo, cita-se SKITER que escolheu, primeiramente, a alcunha denominada

BISORO e, logo em seguida, RAF. Esses nomes não renderam *status* entre os “pixadores”, o que fez com que ele estetizasse a alcunha SKITER, culminando em seu sucesso como “pixador”. O seu relato aponta para a preocupação estética das letras: “(...) às vezes estética é tipo fazer uma letra mais ou menos casada. Por exemplo, assim ó, o S combina com K, no meu caso, combina com I, combina com T, combina com E, combina com R. Isso é estética, tipo assim, tem um padrão de letra”.

Outra característica observada nas relações entre os “pixadores” está relacionada com os estilos de letras e o modo de se expressar as “detonas” nos muros. A partir da facilidade em estetizar determinada escrita, o estilo de letra pode ser visualizado na paisagem citadina com base nas seguintes denominações: carioca, brasiliense, paulista e mineira.

(...) Carioca e a paulista e tem a brasiliense, letras, tipo assim, letras que foram criadas é... tipo assim, no Rio de Janeiro, São Paulo, em Brasília. E foram tragas de lá, quando as pessoas que viajaram pra é... jogo do Atlético, do Cruzeiro. E viram lá, foram pegando o alfabeto e introduzindo em Belo Horizonte (...).

Como a PE de Belo Horizonte foi constituída através da PE carioca, as escritas predominantes na paisagem urbana dos anos 1990 era o estilo carioca. Esse estilo é caracterizado por escritas, geralmente entre quatro a cinco letras que possuem facilidade para estetizar, elaboradas de maneira rápida em função da natureza transgressiva da atividade. Eles utilizam as latas de spray para escreverem as suas “detonas” de maneira arredondada, embolada, irreconhecíveis pela população belorizontina. Predominantemente, os subgrupos denominados “velha guarda” e “conselho” se identificam com esse estilo de letra.

(...) As pessoas elas, de alguma forma, elas preferiam a carioca, a predominância era a carioca, era o estilo da letra, e você via no muro. Era muro, era pedra. Hoje você sai e assim uma coisa que eu fico tentando entender assim, hoje você sai dos anos dois mil pra cá, tipo pouco tempo assim, de uns dez anos pra cá que os meninos começaram a tipo subir no prédio, tipo até essa influência paulista, num sei, mas antes parecia que a predominância era carioca (...).



FIGURA 42 – À esquerda, “pixação” realizada pelo AIR e à direita, “pixação” realizada pelo OSKA no estilo carioca, ambos membros da PE.

Fonte: Fotos cedidas pelos “pixadores”.

Como a PE provocou uma explosão de “pixações” pela metrópole, os Policiais Civis começaram a identificar a alcunha de cada “pixador” com a finalidade de apreendê-los. A estratégia empregada pelos membros dos “Pixadores de Elite” consistiu em buscar as letras de Brasília para continuarem “pixando” a cidade sem ser reconhecidos. As letras inscritas uma dentro da outra, indecifrável até pelos “pixadores”, foram denominadas de estilo brasiliense.



FIGURA 43 – “Pixação” do estilo brasiliense realizada pelo COBRA – o segundo Presidente da PE.

Fonte: Fotos cedida pelo “pixador”.

Apesar das influências dos estilos carioca e brasiliense em Belo Horizonte, certos “pixadores” dos anos 1990 criaram um estilo próprio de letras denominado mineira. A “pixação” mineira consiste em letras de fôrma e inteligíveis pela população, podendo identificar o nome da alcunha do “pixador” estampada nos muros da cidade. Não se sabe ao certo se o

estilo foi criado pelos “Pixadores de Elite”. Porém, os membros da PE concebem o estilo mineiro como superior aos outros. Inclusive, eles se identificam como os precursores da “pixação” mineira.

(...) Era tipo as cariocas que nós fazemos, mas só que mais antiga, só que aí nós aperfeiçoamos. Colocamos nosso estilo nela. É igual a paulista, a paulista lá em São Paulo ela sempre foi... igual eu te mostrei, esses trem que o (...) faz, essas letras mais fininha, sempre foi assim! Nós é que esticamos a letra, colocamos ela grandona, colocamos ela com um desenho dentro da letra, colocamos carinha, essas coisas. Nós que colocamos, nós colocamos estilo, só que ficou o nome paulista e o nome carioca no estilo de letra que nós inventamos, num foi eles que inventaram, a letra é nossa. O estilo de letra é nossa! A gente adaptou, a gente trouxe o estilo e adaptou o nosso. A gente criou o próprio estilo nosso, tanto que eu faço vários tipos de carioca, tem carioca que, tem letra de carioca que eu faço que foi eu que inventei. Não é estilo nenhum do Rio que você num vai ver nunca no Rio esse tipo, essas letras (...).



FIGURA 44 – À esquerda, “pixação” do estilo mineiro realizada pelo SUÍNO e pelo SABRE. À direita, “pixação” realizada pelo OSKA. Membros dos “Pixadores de Elite”.

Fonte: Fotos cedida pelos “pixadores”.

Após os anos 2000, o estilo paulista passou a fazer parte da “nova geração” dos “Pixadores de Elite”. Esse estilo se caracteriza por letras separadas e grandes realizadas, geralmente, nos altos dos edifícios ou viadutos, destacando-se visualmente na paisagem urbana. Como a PE é um grupo que possui uma heterogeneidade de membros, aqueles que se identificaram com os estilos carioca, brasiliense e mineiro nos anos 1990 não possuem as habilidades exigidas para realizar o estilo paulista, uma vez que é necessário adquirir experiências anteriores para o aprendizado de técnicas e estratégias. Segundo o relato:

(...) Hoje você sai e assim uma coisa que eu fico tentando entender assim, hoje você sai dos anos dois mil pra cá, tipo pouco tempo assim, de uns dez anos pra cá que os meninos começaram a tipo subir no prédio, tipo até essa influência paulista, num sei, mas antes parecia que a predominância era carioca (...).



FIGURA 45 – “Pixação” do estilo paulista realizada pelo STOCK.

Fonte: Foto cedida pelo “pixador”.

3.2- “DETONAS”: ETERNIDADE, TÉCNICAS E TÁTICAS.

Através dos estilos de letras utilizados pelos “Pixadores de Elite”, observam-se algumas técnicas adotadas pelos membros com o propósito de manterem as suas “detonas” por um longo período na paisagem urbana. Além do “preto fosco” possuir uma boa aderência nos muros da cidade, a escolha pelos suportes urbanos é, também, uma preocupação entre “pixadores”. Comumente, os estilos carioca, brasiliense e mineiro são realizados através das latas de spray. Assim, eles procuram as fachadas de casas, edifícios ou estabelecimentos comerciais que possuem revestimentos em ladrilho resistente às mudanças de temperatura, conhecido como “muros de pastilha”. As fachadas construídas com pedras de madeira, filetada, ardósia, granito e mármore são denominados como “muros de pedra”. Tanto o “muro de pastilha” quanto o de “pedra” possuem alta capacidade de fixação das “detonas” realizadas com as latas de spray. Ou seja, os “pixadores” inscrevem as suas assinaturas nesses locais com a finalidade de eternizá-las na paisagem citadina.



FIGURA 46 – “Pixação” realizada pelo NOK, SABRE e SUÍNO em “muros de pastilha”.

Fonte: Foto cedida pelos “pixadores” da PE.



FIGURA 47 – À esquerda, observa-se a “pixação” do MORROW, YES, RINCO e FUGA. À direita, a “pixação” realizada pelo YES, MORROU, FUGA e GG. Ambas realizadas em “muros de pedra”.

Fonte: Fotos cedidas pelos “pixadores” da PE.

Assim, os “muros de pastilhas” e “de pedras” se tornaram uma forma de eternizar as assinaturas realizadas pelos “pixadores”. Como esse suporte urbano é encontrado em poucos imóveis de Belo Horizonte, a regra estabelecida entre os “pixadores” consiste em deixar espaços para que os demais possam eternizar as suas alcunhas. Isto é denominado de “encaixe”, ou seja, as assinaturas se encaixam com o propósito de contemplar o maior número de alcunhas possível realizadas pelos mais diversos “pixadores” de Belo Horizonte. Logo após o preenchimento dos “muros de pastilha” ou “de pedra”, os “pixadores” denominam tal imagem de “agenda”. De acordo com o relato de um membro da PE,

(...) É, a gente chama de “agenda”, né? Painéis, que não são assim muito grandes e tal. Igual, esses dias pra traz, fiz ali no Floresta, na rua Itajubá, muito legal, por sinal. Tem “pixo” ali de três gerações, e eu fui, arrumei, dois cantinhos lá e consegui fazer o meu. Então assim, eu acho bonito (...).



FIGURA 48 – “Agenda” realizada em um “muro de pedra”.

Fonte: Fotos cedida por RODOX – membro da PE.



FIGURA 49 – “Agenda” realizada em um “muro de pedra”, localizado à Avenida do Contorno.

Fonte: Fotos cedida por RODOX – membro da PE.

As expressões utilizadas pelos membros, “BH com força total na agenda” e “o importante é marcar presença” diz respeito à grandiosidade que as “pedras” e as “pastilhas” possuem ao receber as assinaturas dos “pixadores” que serão eternizadas. Inclusive, nos percursos realizados pelos membros da PE, percebe-se o respeito pela alcunha de um “pixador” que abandonou a prática, mas que possui a sua marca na paisagem citadina. Ou seja, as “pixações” antigas – chamadas de “reliquias” - devem ser respeitadas pelos atuais “pixadores” em função da memória da “pixação” na cidade. O relato de um dos membros dos “Pixadores de Elite” aponta:

(...) Então tá bem novinha assim, tipo tá bem conservada. Num vai acontecer nada porque o SANGRÔ num tá na pista mais. Só que tipo ali, é como se fosse assim uma espécie de “reliquia” do negócio. (...) o SANGRÔ que fez ali e tal (...).



FIGURA 50 – À esquerda as “reliquias” das “pixações” do SANGRÔ e POISON, membros da PE, realizada na Região Hospitalar nos anos 90. À direita, as “reliquias” das “pixações” do COBRA e SANGRÔ realizadas à Avenida Álvares Cabral nos anos 90.

Fonte: Fotos cedidas por um membro da PE.

Se os atributos almejados pelos membros dos “Pixadores de Elite” consistem em obter fama, “ibope” e “disposição”, além da preocupação estética com a letra e, por último, manter a sua alcunha por um longo período na paisagem urbana, nota-se mais um suporte utilizado pelos “pixadores” na metrópole: a porta de aço dos estabelecimentos comerciais que permitem a permanência das alcunhas durante longos anos na paisagem citadina. Para os comerciantes, não há qualquer impasse em manter os “pixos” nesses locais, uma vez que, ao abrir os estabelecimentos, as alcunhas se tornam ocultas aos olhos dos clientes. Os motivos pelos quais os “pixadores” assinam as suas “detonas” nessas portas consistem no fato de as marcas serem realizadas para os demais “pixadores”. Assim, após o horário comercial, aqueles que percorrem as ruas da cidade pela madrugada podem visualizar as mais diversas inscrições realizadas por integrantes de outros grupos.



FIGURA 51 – “Pixações” realizadas pelos membros da PE nos portões de aço dos estabelecimentos comerciais.

Fonte: Fotos cedida pelos membros da PE.

Ao percorrerem pelos diversos espaços urbanos, os membros possuem mais uma técnica influenciada pelos “pixadores” paulistas com o propósito de facilitar a inscrição das alcunhas na paisagem citadina. Para alcançar os lugares mais altos dos muros, os “pixadores” fazem uma escada humana denominada de “jeguerê”. Nesses casos, há de se confiar na habilidade daquele que fica no chão, uma vez que, ao movimentar o corpo de maneira brusca, este pode prejudicar a “detona” que está sendo realizada. Um membro da PE ressalta que “(...) em São Paulo sobe-se mais também, nos lugares, nos prédios, eles escalam muito, né? Tem escada humana, um sobe nas costas do outro, o outro vem. Até oito pessoas subindo, aquela torre ali humana. Aqui em Minas não tem muito isso”.

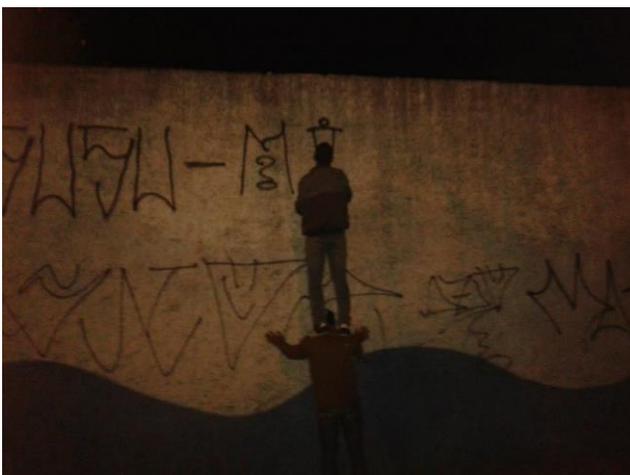


FIGURA 52 – A técnica “jeguerê” influenciada pelos “pixadores” paulistas.

Fonte: Foto cedida por um membro da PE.

Os “rolés” são marcados com os “pixadores” pertencentes aos distintos grupos da metrópole. Ao visualizar os muros da cidade, observam-se as homenagens realizadas à família PE, aos membros e àqueles que faleceram pelos mais diversos motivos²⁴. Como “pixação” é considerada lazer e diversão, e as técnicas exigem cooperação entre os “pixadores”, as homenagens nos muros da capital mineira se tornaram uma forma de agradecimento pela amizade estabelecida através da prática de “pixação”. De acordo com os relatos dos membros do grupo:

(...) Ai o pai dele foi e reuniu todos os “pixadores” que o conheciam, que frequentava a casa dele e falô assim: “pixa” aí a memória do meu filho né? Porque era um cara que “pixava”, a “pixação” dele, falava, “pixava”, expressava no muro aquilo que ele sentia né? Aquilo talvez que a gente, no dia a dia, a gente anda nervoso, e a gente, como que eu vou expressar uma coisa que eu tô sentindo né? Esse é o ideal do “pixador” (...).

(...) Tipo assim, aí não, aí eu já levo mais pro lado da amizade. Tipo assim, levo mais pro lado da amizade. Quando eu vou lá, eu faço e eu faço pra SUSU. Eu ponho pra ela, eu ponho muito pro OSKA, também. Antigamente, a gente fazia: para fulano, entendeu? Mas o salvo, a intenção do salvo pra ele. Quando eu tô na área da SUSU, eu mando para SUSU. Agora em outro lugar, eu mando como se ela tivesse comigo. Entendeu! Então já é assim, era como se o OSKA tivesse comigo. O OSKA é um camarada que sempre onde é que eu vou, eu marco pra ele. O OSKA, o BONI (...).



FIGURA 53 – À esquerda, “pixação” realizada pelo GAROTO homenageando o COBRA. À direita, “pixação” realizada pelo SNIL e BONI homenageando toda a família PE.

Fonte: Foto cedida por um membro da PE.

²⁴ Não houve relatos de “pixadores” pertencentes à PE em relação às mortes de membros em função da prática. Os diversos motivos estão relacionados ao uso excessivo de drogas, acidentes de carros, suicídio e envolvimento com o mercado ilegal de drogas.

A “escalada”²⁵ é mais uma influência dos “pixadores” paulistas na “pixação” mineira. Essa técnica consiste em escalar as janelas dos edifícios residenciais ou comerciais sem nenhuma proteção. Para isso, o “pixador” deve ter um porte físico adequado, força, habilidade e destreza para realizar a atividade, além da coragem e ousadia. Aos poucos, eles adquirem experiência e confiam em si próprios para realizar tais intervenções. Ao escalar, os “pixadores” sobem pelas janelas dos edifícios e inscrevem o nome com o qual é reconhecido pelos pares em poucos segundos. Ao finalizarem as suas “detonas”, eles se preocupam em caminhar calmamente pelas ruas da cidade, escondendo os materiais utilizados no “rolé” sem dar “esparro” – expressão utilizada pelos membros do grupo para se referirem à maneira discreta com que a “pixação” deve ser praticada. Na figura 54, nota-se a “pixação” de SACK no segundo andar do edifício, através da técnica “escalada”.



FIGURA 54 – “Pixação” de SACK no segundo andar de um prédio através da técnica “escalada”.

Fonte: Foto cedida pela “pixadora”.

Após os anos 2000, o cenário da “pixação” na capital mineira se transformou. O estilo paulista adotado por diversos “pixadores” exigiu a aquisição de novos materiais e produtos para realizarem as suas inscrições na paisagem urbana. As “detonas” caracterizadas por letras retas

²⁵ “Pixo” é um documentário produzido por João Wainer e Roberto Oliveira que retrata a “pixação” como fenômeno cultural em São Paulo. Os “pixadores” ressaltam a escalada como o “top de linha” da “pixação”, uma vez que escalam até o último andar do edifício para inscreverem o nome da “grife” – uma congregação de grupos de “pixadores”. Portanto, nos “Pixadores de Elite” não se observa, com frequência, essa técnica. Inclusive, o “jegerê” da janela – uma técnica bastante empregada entre os “pixadores” paulistas – é uma das categorias mais arriscadas da “pixação”, pois qualquer movimento brusco dos “pixadores” pode ser fatal, uma vez que estão nos altos dos edifícios.

e que possuem uma visibilidade na Metrópole foram incorporadas pelos “pixadores” que compõem o subgrupo “nova geração” dos “Pixadores de Elite”. Cabe ressaltar que as técnicas influenciadas pela cidade de São Paulo não foram transmitidas pela “velha guarda” ou pelo “conselho” da PE. Eles aprenderam tais estratégias devido aos contatos e às conversas estabelecidas com os mais diversos “pixadores” de Belo Horizonte, como também, pela difusão da prática através das redes sociais. Assim, os “pixadores das *antiga*” não dominam o estilo paulista. Isto acarreta algumas tensões entre os membros dos anos 1990 e 2000, uma vez que expressam, nas reuniões, qual época possuem estilos renomados. Conforme o relato de um membro da PE, “(...) a gente mais antigo, a gente olha mais é a caligrafia. Que você passa, você vê, você fica doido né? As letras ultimamente mudou muito. Não tem nem comparação com as letras de antigamente com essas letras agora não. Não sei da onde que eles tiraram essas letras não!”.

Como os materiais adotados pelos “pixadores” paulistas se diferem dos sprays utilizados pelos cariocas, brasilienses e mineiros, os membros da “nova geração” influenciados pelo estilo paulista adquiriram novos materiais para escreverem as suas alcunhas no cenário urbano. Nos depósitos de construção, os membros da “nova geração” compram produtos como cabo extensor, rolos de pintura, pigmento e tinta. Para diluir a tinta, mistura-se um pouco de água e, caso queiram diferenciar a cor, coloca-se o pigmento. Esse processo é realizado pelos “pixadores” antes do “rolé”. Ao chegar ao local de destino, o “pixador” coloca a tintura em um recipiente de uso doméstico e fixa o cabo extensor ao rolo para iniciar a prática. Essa prática é realizada em torno de dez minutos, afinal são necessárias várias camadas para que as letras se destaquem nos suportes urbanos. Um membro da “nova geração” ressalta:

(...) É um cabo para o pintor profissional. O sujeito que pinta parede, pintor profissional, usa aquele extensor pra pintar. Então, o “pixador” adaptou aquilo ali pra fazer arte. Então emenda um, dois, três, da altura que você quiser fazer. Você pode juntar um cabo pra limpar piscina, que é bom também. Estica, ele é tipo uma antena que vai encaixando um dentro do outro assim, fica pequeno, mas estica ele que é uma beleza! (...).

Assim, observa-se a “pixação” da SUSU – estilo paulista – com o cabo extensor e o rolo de pintura para facilitar as letras retas, separadas e com uma visibilidade aos olhos do cidadão. Os vagões de trem é um local almejado pelos “pixadores”, uma vez que circulam com as suas “detonas” por diversas cidades de Minas Gerais.



FIGURA 55 – “Pixação” realizada pela SUSU em um vagão de trem.

Fonte: Foto cedida pela “pixadora”.

As singularidades de cada “pixador” e as particularidades das edificações exigem experiência, ousadia e coragem de cada integrante da PE para realizar as suas “pixações”. Também, é preciso sabedoria para burlar os moradores, os policiais, os porteiros dos prédios e os seguranças para tornar o “rolé” dotado de vivências únicas. Assim, destaca-se a “pixação” realizada por FREK²⁶ – mais um membro da PE – para descrever algumas de suas táticas ao se adentrar em um edifício movimentado de Belo Horizonte. De maneira tranquila, FREK e mais dois “pixadores” entram no prédio comercial identificando-se com os próprios nomes e solicitando ascender até o último andar – local onde se encontra um laboratório de exames renomado na cidade – a necessidade de retirar sangue para evitar possíveis problemas de doença foi a justificativa utilizada, assim, eles acessam o elevador até o último andar. Nesse pavimento, existem escadas conectando até o terraço, local almejado pelos “pixadores”. Geralmente, no percurso, pode-se encontrar portas de ferro lacradas com cadeados, exigindo do “pixador” a habilidade de serrar essa fechadura. Nos altos dos edifícios, as alcunhas são inscritas de maneira contrária às habituais, ou seja, de “ponta-cabeça”. Esse processo possui a duração de trinta minutos, até se retirarem do local com êxito. O relato de membro da PE demonstra como funciona essa prática:

²⁶ FREK é um jovem que já inscreveu a sigla PE nos suportes urbanos, mas se identifica com a sigla da sua “quebrada” – como no caso do COBRA. Assim, o “pixador” prefere escrever ao lado da sua alcunha, a sigla VSI (Vândalos Sinistros do Ibirité).

(...) Então, varia muito, de acordo com o lugar, de acordo com as pessoas como você está, por exemplo, na praça sete, quando “pixaram” lá, eles dormiram dentro do prédio, chegaram lá, ficaram lá, por exemplo, quando tem o elevador, tem a escada, ninguém desce, ninguém usa escada, se você quisesse chegar lá na escada, sentar lá no meio, fazer o que você quiser, pode se drogar, pode, sei lá, se prostituir, fazer o que te der na telha, porque ninguém passa por ali. É um vão, praticamente inabitado, né? Então, o sujeito fica ali, espera fechar o prédio todo. Quando fechou, encerrou o horário comercial ali e tal, ele pega e sobe. Geralmente, tem um sótão, tem uma saída de emergência, uma escada de incêndio, uma coisa assim, que só vai ter um vigilante geralmente, lá em baixo na portaria, o cara tá lá em cima, ele fica ali á à vontade (...).



FIGURA 56 – À esquerda, FREK serrando o cadeado para acessar o terraço do edifício comercial. À direita, a sua alcunha escrita no alto do prédio.

Fonte: Foto cedida pelo “pixador”.



FIGURA 57 – À esquerda, a alcunha realizada pelo FREK. À direita, a alcunha realizada pela SUSU. Ambas de “ponta-cabeça”.

Fonte: Foto cedida pelos “pixadores”.

Ressalta-se mais um material utilizado pelos membros dos “Pixadores de Elite”: os borrifadores. Os borrifadores possuem um bico regulável, bem como, uma bomba tipo pistão, utilizado para a pulverização de plantas. Os jovens adaptaram esse material para estampar as suas assinaturas nos muros chapiscados. A preparação da tinta é realizada com bastante água e, em seguida, deve-se peneirá-la para retirar os resquícios de concreto e não entupir o bico do borrifador. Na próxima foto, nota-se a quantidade de “pixações” do FREK feita com o borrifador no muro chapiscado de uma empresa renomada, localizada na Rodovia Fernão Dias – uma estrada que liga Belo Horizonte a São Paulo. De acordo com os relatos:

(...) ele comporta dois litros e ele é utilizado na verdade com diesel, mecânica, lava a jato, porque eles borrifam óleo, no motor em motos, em lava a jato eles borrifam produtos, limpar né? Para lavar né? E daí você bombeia ele, bota água com xadrez, ou uma tinta bastante rala e sai, pode ir, ser feliz, fica uma beleza (...).

(...) Xadrez é o pigmento que vem pra piso, esses pisos de geralmente de residências mais humildes, tinham aquele piso queimado, vermelho, amarelo, verde, azul, enfim! Aquilo ali. É um pigmento pra colocar em tinta a base de água. Então assim. O sujeito compra, pega a água, pega a tinta, pega uma bisnaguinha daquela, duas bisnaguinha em dois litros de água, fica bom, fica bem escuro e coloca nesse borrifador, uma coisa que é utilizada pra regar plantas (...).



FIGURA 58 – Pixação realizada pelo SACK com borrifador.

Fonte: Foto cedida pelo “pixador”.

Por último, citam-se os canetões utilizados para marcar suas assinaturas em superfícies lisas como, por exemplo, portas de elevadores, orelhões, vidros e azulejos. Em festas, encontros e outras atividades de lazer, os “pixadores” carregam consigo um canetão, pois podem ser escondido nas vestimentas. Abaixo, FREK utilizou o canetão no lavabo de uma festa.



FIGURA 59 – “Pixação” do FREK no lavabo de uma festa.

Fonte: Foto cedida pelo “pixador”.

3.3- AS “TRETAS”

Os membros da PE se apropriam dos mais diversos suportes urbanos espalhados pela cidade para adquirir fama, “íbope” e “disposição” e se tornarem os “pixadores” mais renomados da cidade. Assim, algumas regras foram criadas pelos “pixadores” da metrópole que regulam o comportamento dos membros tanto em relação aos seus pares quanto em relação aos integrantes de outros grupos. Essas regras garantem um contexto de previsibilidade no transcorrer das relações sociais estabelecidas entre os grupos e certa estabilidade. No entanto, existem momentos nos quais essas regras são rompidas e eclodem conflitos, denominados por eles de “tretas”.

O primeiro aspecto a ser apresentado diz respeito à escolha das alcunhas a serem inscritas nos muros. Para facilitar-lhes a estética das letras, as assinaturas devem conter em torno de cinco letras; além disso os “pixadores” devem possuir destreza para escrever de maneira ágil, devido à natureza transgressiva da atividade. Essas alcunhas são os nomes com os quais os “pixadores” são reconhecidos entre os pares. Além do sentimento de pertencimento ao grupo, a identificação do “pixador” com a sua assinatura lhe exige um investimento de meses ou anos para que sua marca seja definitiva e distintiva perante os demais. Assim, a primeira regra que há nas relações entre os “pixadores” refere-se ao respeito a sua assinatura, ou seja, a sua alcunha não pode ser utilizada por nenhum outro “pixador”. Caso contrário, evidencia-se o conflito ou a “treta”. Ao se tornar “pixador”, FUGA (morador do bairro Amazonas) se

preocupou com esses aspectos, no entanto, um novo jovem que iniciava a sua carreira de “pixação”, também escolheu o nome FUGA (morador do bairro Nacional) como a sua alcunha, fato que culminou em rivalidades, por meio de lutas corporais.

(...) Porrada né! Nós ferveu na porrada né? Até aqui, no Centro aqui. Aí um ficava riscando a “pixação” um do outro. Ele subia num lugar e eu subia e riscava e ficava só assim. Aí teve um dia que nós tava no Centro aqui (...) aí apareceu (...) e o Fuga RCS, nós brigamos lá na Olegário Maciel. Eu dei nele uma paulada e os menino tacou. Aí ele correu e nós pegamos eles dentro da loja. Arreventamos eles. Depois disso eu não vi eles mais não (...).

Como se nota, a resolução do conflito foi regida pela lei do mais forte. Se prevaleceu, nesse caso, a vontade do FUGA do Amazonas, foi simplesmente pelo fato de ele ter mais força física do que o FUGA do Nacional. Nesse caso, qualquer forma de arbitragem esteve ausente.

Outra prática observada em relação aos conflitos estabelecidos entre os “pixadores” diz respeito à “rasura” ou “atropelo”. Esses termos se referem à escrita de uma “detona” sobre outra já “pixada”. Para os “pixadores”, esse fato seria uma falta de respeito, uma vez que o nome estampado no muro deve possuir uma visibilidade aos olhos dos transeuntes. De acordo com os relatos, percebe-se o quanto é uma ofensa para o “pixador” possuir a sua “detona atropelada”.

(...) 95,96, tinha muita guerra, muita guerra mesmo. Antigamente, tinha muita coisa de cortar “pixação” do outro. Hoje, num tem isso mais. Até uma coisa que eu acho que... eu nunca curti, já cortaram muita “pixação” minha, mas eu nunca foi assim de cortar (...).

(...) Geralmente, quando o cara é “pixador”, ele é “pixador”, ele não é de briga, ele não é de confusão, desde que, também, um “pixador”, pra ele arrumar confusão, se alguém fizer em cima, ou riscar, ou o que a gente chama de “atropelar”, aí sim, pode gerar alguma confusão (...).

(...) É uma “rasura”, você vai lá e faz um ‘x’, tira o cara, na minha época tinha até que... colocar cuzão em cima da “pixação” do cara, fazer um ‘x’, rabiscar mesmo a “pixação” do cara. Cortar. Na minha época, tinha muito. É o “atropelo”. É o atropelando, é o “atropelo”. Tem o “atropelo” que você faz por cima da do cara mesmo, faz a sua “pixação”. Mas na minha época o cara cortava mesmo. Ele rabiscava e escrevia a dele por cima ainda. Em cima da do cara e ainda colocava em cima da do cara por causa do cara cortar, pra ver que foi ele que cortou. ... porque era guerra, aquela coisa assim (...).

(...) Das antiga, “atropelo” era “treta” mesmo, confronto assumido pra todos verem, afronta mesmo. Aí se trombasse na rua, no shopping e no Mineirão, já era... podia ficar e enfrentar ou correr pra não apanhar (...).



FIGURA 60 – “Atropelo” ou “rasura” por cima de várias “pixações” no centro da capital mineira.

Fonte: Foto cedida por um “pixador” dos anos 90.



FIGURA 61 – Nota-se a expressão “Os mais abusados” por cima de antigas “pixações”, chamados de “atropelo” ou “rasura”.

Fonte: Foto cedida por um membro da “velha guarda”.

Como a PE dos anos 2000 integra “grapixadores”, nota-se uma peculiaridade em relação a essa forma de intervenção urbana e os “atropelos” ou “rasuras”. O artigo 65 da Lei dos Crimes Ambientais – Lei 9605/98 – dispõe que pichar ou por qualquer outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano, estipula pena de detenção de três meses a um ano e multa²⁷.

²⁷ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm.

Em 2011, a Lei 12.408 descriminaliza o grafite, caso seja realizado com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística²⁸. Destaca-se o parágrafo 2º do artigo 65 da Lei dos Crimes Ambientais:

§ 2º Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional.

No entanto, o “grapixo” estaria situado entre a ilegalidade da pixação e a legalidade do grafite, uma vez que se utilizam das letras do “pixo” e as técnicas do grafite. Então, essa forma de intervenção urbana não está regulada pelas leis que a criminaliza ou descriminaliza. Alguns “pixadores” se autodenominam como legais. A descriminalização do grafite impactou as relações estabelecidas entre os “pixadores”, “grapixadores” e grafiteiros. Os “grapixadores” e grafiteiros passaram a utilizar da lei com o propósito de intervirem nos espaços públicos. Com isso, muitas “pixações” passaram a ser apagadas na cidade devido aos “grapixos” e grafites realizados nos muros das residências e de estabelecimentos comerciais com a desculpa de serem legalizadas. Aqui, é importante salientar que a mudança da lei impactou as relações estabelecidas pelas pessoas envolvidas com as intervenções urbanas, promovendo, inclusive, algumas “tretas” entre eles.

O relato de um membro dos “Pixadores de Elite” aponta para mais uma situação de conflito. Em um determinado muro da cidade de Belo Horizonte, havia duas “pixações” de jovens que pertencem a outros grupos da cidade. No entanto, dois integrantes da PE resolveram “grapixar” o muro para destacar as suas marcas na paisagem citadina. Os “pixadores” que tiveram as suas “pixações” apagadas pelos “grapixadores”, postaram nas redes sociais palavras ofensivas, expressando que as suas “detonas” foram “atropeladas” e que desejavam tirar satisfação com tais “grapixadores”. A “treta” consistiu na falta de respeito dos “grapixadores” da PE em relação aos “pixadores” de outros grupos. Assim, para se retratarem, o pedido de desculpa foi realizado através da doação de latas de spray para que as “tretas” não culminassem em situações ainda mais desagradáveis.

²⁸ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm.

Outro fato interessante que diz respeito às intervenções urbanas denominadas “grapixos” se refere à concessão da autorização dos muros para realizarem tal prática. Após a descriminalização do grafite, os proprietários das residências e dos estabelecimentos comerciais concedem as fachadas aos “grapixadores” com o propósito de evitar a “pixação”. No entanto, cartazes de propagandas políticas e publicitárias são afixados por cima dos “grapixos” autorizados. Tal fato, também, é considerado como “atropelo”. Ou seja, há um investimento de tintas e horas de trabalho para serem inscritas as assinaturas na paisagem urbana, e considera-se uma falta de respeito tanto dos políticos quanto dos publicitários que estampam mensagens sobre os “grapixos”. Assim, eles difamam os políticos e publicitários, que atuam na comunidade, pelas redes sociais, arrancam os seus cartazes até que essas pessoas possam pagar pelas tintas que foram utilizadas na intervenção, para que seja retocado o que foi “atropelado”.



FIGURA 62 – Observam-se os cartazes afixados por cima do “grapixo” realizado por BONI (PE), considerado como “atropelo”.

Fonte: Foto cedida pelo “grapixador”.

A partir desses cartazes de propagandas políticas e publicitárias, BONI – membro da PE - passou a escrever sobre suas intervenções urbanas a seguinte expressão: “proibido fixar cartazes”, conforme demonstrado na figura 63.



FIGURA 63 – Nota-se a expressão “proibido fixar cartazes” em um “grapixo” realizado por BONI, membro da PE.

Fonte: Créditos da autora.

O terceiro aspecto observado através dos membros pertencentes à PE se refere ao “quebra-quebra”. Esse termo especifica uma competição travada nos edifícios da metrópole, concedendo *status* ao “pixador” que alcança o topo do prédio. Diferentemente dos “atropelos” ou “rasuras”, o “quebra-quebra” é uma rivalidade estampada na paisagem citadina. Aquele que escala o ponto mais alto dos edifícios e escreve a sua “detona” obtém maior reconhecimento e prestígio entre os “pixadores”. No entanto, isso pode acarretar “tretas”, pois os “pixadores” não admiram aqueles que quebram as suas “detonas”. Porém, essa rivalidade já faz parte do cenário da “pixação”. Os relatos apontam como essa prática é percebida pelos “pixadores” da PE:

(...) Já, direto tem né? Chega um e risca sua “detona” assim, e já começa a ficar mais sério o negócio... Chega e vamos supor, você faz uma janela no segundo andar de um prédio, aí outro chega e vai no terceiro. Aí você quer voltar pra ir no quarto né? pra você sempre ser o mais alto (...).

(...) Ó existe, geralmente a maioria deles é resolvidos no “pixo” mesmo. Então, por exemplo, tem aquela coisa, eu faço um “pixo” aqui e o outro faz mais alto. No mesmo lugar, um pouco mais alto. Quem fez embaixo não vai gostar, embora eu acho que isso é uma mera bobagem. Porque, pô, se o cara fazer mais alto é porque ele conseguiu fazer mais alto, se quiser, vai lá e faz mais alto ainda se der. Mas, geralmente, o pessoal não gosta, isso cria uma certa birra entre os dois, envolvidos no caso. O que fez embaixo e o que fez em cima (...).

Na figura 64, observa-se a “detona” de CLAF – membro da PE – no alto de um edifício em Belo Horizonte. Para explicar essa “treta”, por exemplo, as desavenças estabelecidas pelo “quebra-quebra” se referem ao esforço dos “pixadores” ao escalarem até o segundo andar de

um edifício. Então, outro “pixador” alcança o topo do suporte urbano, demonstrando o quanto ele tem “disposição” – coragem e ousadia – para se arriscar em relação à prática e, logo, obter notoriedade no cenário da “pixação”. Essa foto, cedida pelo membro da PE, circulou pelas redes sociais com a seguinte frase: “o mais esperto sempre ganhará o mais alto”, forma de obter fama, “ibope” e reconhecimento do grupo ao qual pertence. No entanto, a mesma frase desmerece os outros que alcançaram andares inferiores o que possibilita, mais uma vez, as “tretas” travadas entre os “pixadores”.



FIGURA 64 – “Quebra-quebra” em um edifício de Belo Horizonte. CLAF – membro da PE – alcançou o topo do local.

Fonte: Foto cedida pelo “pixador”.

A partir dos anos 2000, com a popularização da internet, os pixadores passaram a estabelecer algumas “tretas” através das redes sociais denominadas de “mata-mata” do “pixo”. Através dos grupos formados nas redes sociais, eles escrevem a alcunha de dois “pixadores” consagrados, na cena da metrópole para que os demais opinem qual deles é o mais renomado – trata-se de uma forma de convocar “tretas” *online* entre os “pixadores”. Abaixo, observa-se como é a convocação ao “mata-mata” do “pixo”:

“AE RAPAZEADA * MATA MATA * NOVO, MAIS NÁ MORAL AÊ, SE OCÊ NÃO ENTENDE DE PIXO, NEM COMENTA! VAI TÁ SÓ FORTALECENO SEM PUXÁ SACO SÓ PQ O MANO É SEU CAMARADA! É PELO PIXO QUE OCÊ VÊ NA PISTA!”

Logo após a convocação, coloca-se a alcunha de dois “pixadores”, como, por exemplo, “Pixador 1 X Pixador 2”. Essa prática pode afamá-los ou constrangê-los, e isso é observado pela quantidade expressiva de comentários com atributos positivos e depreciativos de ambos.

Um dos membros da PE se sentiu inferiorizado em relação ao “mata-mata”, pois muitos “pixadores” votaram no concorrente. Assim, ele circulou pelas ruas da cidade escrevendo a sua alcunha ao lado de cada “pixação” realizada pelo rival, convocando o outro “pixador” para uma disputa nos muros.

(...) Eu vou “quebrar”, aí eu fui saindo destes dias pra cá agora, fui no bairro do cara, entrei dentro do bairro do cara, pra mostrar pro cara, se o cara fosse... já que eu perdi pra ele, eu vou mostrar pra ele, no muro. No dia que alguém vir me questionar eu falei não, eu mostro pro cara no muro (...).

(...) Eu não entro em “mata-mata” de “pixo”. Na época do Orkut, tinha o tal do mortal do “mata-mata” do “pixo” (...) Falou assim, eu não entro no “mata-mata” de “pixo”, eu não discuto em “mata-mata” do “pixo”, porque, pra mim, “pixação” é no, é no muro. Não é em internet. E outra coisa, eu respeito a caminhada de todos, e tem muita gente que tá falando aí que nem sabe quem é o fulano e tá lá ó! (...).

3.4 – OS POINTS

Há mais de vinte anos, os membros dos “Pixadores de Elite” estampam as suas marcas pela paisagem citadina. Através dessas inscrições, observam-se as alianças estabelecidas entre os membros, os “rolés”, assim como as “tretas”. A organização do grupo através das reuniões, das inserções dos membros e a relação estabelecida entre os “pixadores” na sede da PE demonstram os fortes laços de amizade, cooperação e solidariedade vivenciados pelos membros da “galera” que se autodenominam de família. Para além do próprio ato de “pixar”, vários pontos da cidade foram frequentados pelos “pixadores” para manterem contatos, tanto nos anos 1990 quanto nos anos 2000, denominados de “points”.

Nos anos 1990, os “pixadores” da capital mineira se encontravam no Shopping Cidade – localizado no centro da metrópole – um lugar de fácil acesso aos jovens daquela época. Eles se reuniam às mesas da praça de alimentação para conversar sobre a prática de “pixação”, para trocar informações e para estabelecer contatos com os mais diversos “pixadores” da cidade. No entanto, os gerentes dos bares e restaurantes começaram a exigir consumação mínima para aqueles que frequentavam o local. Tal fato fez os “pixadores” migrarem para a pista de patinação do Central Shopping – também, localizado no centro da Metrópole.

Em 1991, tanto o Shopping Del Rey quanto o Minas Shopping foram inaugurados em Belo Horizonte, localizados na região da Pampulha e na região Nordeste, respectivamente. A construção desses centros comerciais foi apropriada pelos jovens como um espaço de lazer e

diversão. Isso facilitou o contato com os “pixadores” moradores das mais diversas regiões da capital mineira pelos Presidentes da PE dos anos 1990, com o propósito de escolherem, inclusive, aqueles que possuíam os atributos necessários para integrar o grupo.

(...) A gente ficava reunido tudo no Shopping Cidade, no Central Shopping... se formava as “galeras” dos bairros... e dos bairros a gente vinha pro centro ... pra reunir (...).

(...) Era encontro no shopping, tinha o Central Shopping aqui, que tinha a GDC, Galera da Central, polícia pegou todo mundo lá dentro, porque eles estavam aprontando pra caramba, tinha os meninos, encontravam muito no Shopping Cidade, encontrava aqui no fliperama que tinha aqui no maleta, era os “points” de BH, se cê quisesse achar qualquer gente famosa da época, era ir em algum desses lugar (...).

(...) É o Central Shopping era o mais da minha época do centrão, porque lá era um lindo shopping, lá tinha tudo, tinha pista de patinação de gelo e tal. Então, a gente ia pra lá porque era bonito. No Shopping Cidade, porque no centro num tinha outro shopping... com loja, bacana e tal. O que que acontece, lá era onde que todo mundo passeava (...).

(...) Aí os “points” que tinha, que era de “pixador” tinha, que era esse do Central Shopping... aí acabou a pista de patinação do shopping, virou Shopping Del Rey, dia de sábado, com a pista de patinação, quando inaugurou o Shopping Del Rei em 92. Aí eles fizeram uma pista de patinação aí virou “point” também. Todo sábado, tudo quanto é “pixador” tava lá. Ninguém ia pra andar de patins. Ficava aquele turmão em volta. Às vezes era no BH Shopping. Aí acabou de patinação, porque... é porque na verdade é igual o Rap, o Rap tem o encontro hoje, hoje por exemplo, você quer um ponto de “pixação” era o rap, e ninguém vai lá pra ver rap, pra ver o duelo. Eu falo dos “pixadores” tal e tal. Aí eles vão lá porque virou um “point” ali, começaram a se encontrar ali e o negócio foi crescendo e tal. É a mesma coisa o Shopping Cidade, a gente ia pro Shopping Cidade, ninguém consumia nada, ninguém fazia nada, ficava aquele tanto de gente só pra jogar conversa fora. Então tipo assim, a gente aproveitou um espaço, começamos a nos encontrar ali e virou um “point” da galera (...).

Como ressaltado, a PE se constituiu por membros de diferentes níveis socioeconômicos e pela “dispersão territorial”, diferentemente dos grupos que foram objeto das etnografias realizadas na capital paulista e carioca. O relato abaixo ilustra bem isto.

(...) Não, não, a maioria nem é favelado não. DPC [Demônios “Pixadores” do Cachoeirinha] a maioria era boy, tanto é que os caras tinha filho de advogado, filho de delegado, promotor lá, num sei o que... um monte nem era favelado não, por exemplo o INXS não era favelado, eu não sou favelado, o GG não era favelado, o BLONDE não era favelado, o CAFU não era favelado. Mas a maioria dos bairro tem a favela, muitas vezes os caras tem a ligação, as vezes não (...).

Os “pixadores” dos anos 1990, em sua maioria jovens, não possuíam interesses pelas instituições de ensino. Os principais objetivos se constituíam em encontrar os amigos para ser reconhecidos entre os pares, estabelecer contatos e buscar informações acerca da prática. Além disso, esses “points” se tornaram um lugar de aprendizagem, uma vez que muitos “pixadores” frequentavam os espaços com os materiais escolares. Assim, eles se auxiliavam em relação aos

trabalhos que deveriam ser apresentados na escola. As “coleções de ibopes” passaram a ser apresentadas nas salas de aula para divulgarem as suas assinaturas. O discurso da mídia era transmitido aos colegas de classe, ressaltando o quanto os “pixadores” eram mal vistos pela população belorizontina. Inclusive, eles expressavam que as punições deveriam ser mais severas. Outros aproveitavam os cadernos das matérias para estetizarem as letras nas páginas finais, o que propiciou o desenvolvimento da caligrafia de muitos “pixadores” da cidade.

(...) Só que eu fiz o negócio com tanta vontade, porque o meu trabalho foi o único que tirou 10 no colégio inteiro. E nem os professores entenderam o negócio que eu fiz. Eu lembro que eu peguei, eu comprei um monte de folha de papel craft, emendei elas assim em umas trinta folhas. Fiz assim tipo um murão. Aí coleí todas assim e tal. Fiz um desenho assim da parede como se fosse um muro de tijolo assim, e levei lá no Shopping Del Rey. Pedi pros caras “pixar” o negócio como se fosse “pixação” mesmo. Depois fui lá, aonde que eu fui, fui no Planalto e pedi pros meninos “pixar”. Aí todo mundo que eu via, ah, você é “pixador”, “pixa” aqui tal num sei o que. Aí o trem ficou como se fosse um murão. O negócio era gigante. Aí e coloquei na... aí quando eu fui apresentar o trabalho, eu preguei na parede da sala todo assim, aquele negócio todo “pixado”. Ô, todo mundo endoidou, até o professor falou assim, que que é isso e tal? Aí eu fui começando a contar a história. Aí num sei o que, que a cidade tá infestada num sei o que, que as pessoas praga urbana, mas que na verdade... e que nessa época também tinha muito negócio de o cara “pixar” frase, em vez do cara “pixar” o apelido, o cara “pixava” frase. Aí eu fiz uma frase lá que eu lembro que tinha muito na época que era uma que o cara “pixava”. Apague a rua que a lua tá linda. aí eu “pixei” esse negócio assim embaixo assim e tal. E tinha uns negócios lá de ditadura, num sei o que, tal e tudo. Aí ficava, ficou louco e tal. Nó, que negócio legal que num sei o que. Eu lembro que eu até vendi esse papel depois pra alguém. O cara viu e disse me dá que eu quero esse negócio aí de qualquer jeito (...).

(...) E inclusive eu até desenvolvi minha caligrafia muito por causa do “pixo”. Desde novo e tal, então eu fui desenvolvendo uma caligrafia no dia a dia normal, pro estudo, minha letra era bem feia, depois que eu comecei a “pixar”, ela melhorou (...).

Além disso, eles adquiriam livros sobre a história de Belo Horizonte com o propósito de buscarem informações sobre a construção dos monumentos e dos patrimônios públicos para escreverem as suas alcunhas.

Aos finais de semana, as danceterias ou boates concentravam um número expressivo de “pixadores”: Trash (Praça Duque de Caxias, bairro Santa Tereza), Escape (Avenida Tereza Cristina) e Arena (Eldorado). Esses “points” tocavam músicas do estilo *flash house* – um nome apropriado pela juventude brasileira em uma época que a *dance music* se destacou pela presença de DJ’s²⁹ – e os mais bem vistos entre os “pixadores”, além de frequentar esses espaços, deveriam ter habilidade para encenar uma coreografia, denominada por eles de “passinhos”. Os jovens com mais fama deveriam lidar com esses modos expressivos da época.

²⁹ *Disc jockey*: responsável por selecionar e transmitir as músicas nas boates e danceterias.

(...) Vamos pra arena? Vamos. Aí todo mundo bonitinho, boyzinho. Aí ia lá, dançava *Flash House*, curti uma musiquinha, e falava assim, eu tenho uma lata de spray, vamos sair pra “pixar”? Aí quem era “pixador” saía. Arrumadinho e tal. Tinha medo de ser roubado, tinha medo tipo assim, todo mundo tem medo de rodar. Mas tipo assim tinha medo de polícia pegar, e tal aquela coisa toda. Voltava pra casa, lava a mão beleza. Hoje em dia, as coisas foram mudando (...).

(...) [*Flash House*] é o estilo de música, é música, é *dance* dos anos 90, foi criado *Flash House* em 91 pelo DJ Alberto, e eu comecei a frequentar boate, mais ou menos em 94 (...).

(...) [*Flash House*] é as músicas né? Dos anos 90 né? Que tocava. *Dance* né, que a gente dançava os “passinhos” (...).

(...) [DJ Alberto] É e ele é o pioneiro do *Flash House* praticamente né, assim, é um dos mais famosos assim, nessa área de boate. O FUGA, ele dançava também. A gente fraga mais ou menos o mesmo “passinho” (...).

(...) Aí depois começou o *Flash House* que é uma batida mais marcada. Com voz, com tal, aí que entrou os “passinhos”. Isso daí também durou até 99 eu acho (...).

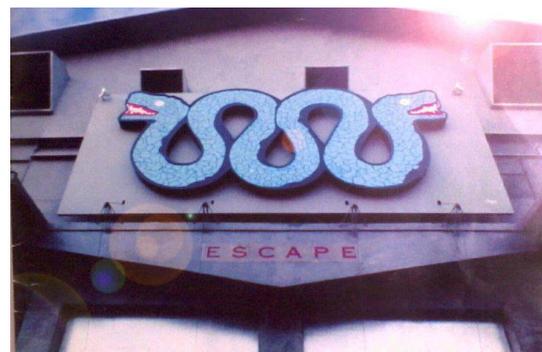


FIGURA 65 – Boates Trash e Escape frequentadas pelos “pixadores” dos anos 90.

Fonte: Fotos cedidas por um membro da PE.

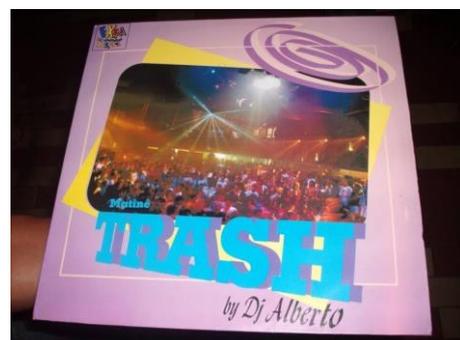


FIGURA 66 – À esquerda a boate Arena, também frequentada pelos “pixadores” dos anos 90. À direita, um disco de vinil do DJ Alberto com a seleção de músicas com o estilo *Flash House*.

Fonte: Fotos cedidas por um membro da PE.

A partir dos anos 2000, a juventude passa a ser influenciada pelo movimento Hip Hop, uma cultura artística que engloba quatro elementos: o Rap, o DJ, o Break e o Grafite³⁰ que são vivenciados também em ambientes exteriores ao grupo de “pixadores”. Hoje, os “pixadores” da capital mineira e região metropolitana se encontram no Duelo de MC’s³¹ – localizado embaixo do Viaduto Santa Tereza, no centro de Belo Horizonte. Ao acessar o local pela Rua da Bahia, nota-se, primeiramente, uma guarita policial. À frente dessa guarita, localiza-se o palco para a apresentação dos MC’s e o público, também encontram-se espaços reservados aos skatistas. Ao lado esquerdo, percebe-se a presença dos “pixadores”, provenientes de várias regiões de Belo Horizonte, que se encontram para estabelecer contatos, marcarem os “rolés”, falarem dos “ibopes” concedidos durante a semana, bem como trocarem informações acerca da prática de “pixação”. Segundo os relatos:

(...) O RAP é o lugar né zé, onde as pessoas vão pra identificar, tipo assim, tipo assim, você tem a semana toda pra você “pixar”, pra chegar na sexta feira, quando cê chegar ali, todo mundo chegar, conversar com você. Igual hoje, hoje eu vou lá, todo mundo vai comentar a dar grama que eu fiz na barragem da Pampulha, né? Todo mundo já vai comentar..não, éeee... porque eles comentam né tipo assim, pô cê pegou lá véi, cê é doido pra caramba. Eles comentam isso, eles tipo assim, eles colocam o incentivo, eles te afamam, mas não te afamando, te incentivando a pegar lugares mais, mais cabulosos ainda (...).

(...) Tem gente que leva caderno pro rap né e fica deixando uns assinar (...).

(...) É igual o Rap, o Rap tem o encontro hoje, hoje, por exemplo, você quer um ponto de “pixação” era o Rap, e ninguém vai lá pra ver Rap, pra ver o duelo. Eu falo dos “pixadores” tal e tal. Aí eles vão lá porque virou um “point” ali, começaram a se encontrar ali e o negócio foi crescendo e tal (...).

(...) Era conhecido, tinha muito disso daí, você encontrar com o cara pra dar um “rolé” só pra “pixar” também, igual hoje tem, você vai lá, tromba no Rap, e fala assim há não, vamos marcar pra dar um “rolé”. Só que você não tem mais contato com a pessoa. É só a questão da “pixação”. Aí você dá um “rolé” e tal, mas num é a mesma coisa. Eu vejo tipo isso daí, entendeu, isso daí se eu identificar com a pessoa, eu dou um “role” com ele. Agora se eu não identificar não (...).

Cabe ressaltar que os membros da “nova geração” são frequentadores assíduos do Duelo de MC’s. Não se percebe a presença dos membros da “velha guarda” e do “conselho” com tanta assiduidade, uma vez que eles possuem famílias, trabalhos formais e outros compromissos que

³⁰ De acordo com o relato dos jovens, nos anos 90, o estilo de música predominante era o *Flash House*. Mas, já existia o Rap na periferia da cidade.

³¹ MC significa Mestre de Cerimônias que improvisam rimas com conteúdos políticos e eleitorais.

os impedem de estar presentes no local. Como a “velha guarda” e o “conselho” do grupo integram pessoas dos anos 1990, pode-se perceber que eles não compartilham dos mesmos costumes, pois os estilos de músicas e danças são completamente distintos entre as duas gerações, uma vez que o Movimento Hip Hop influenciou, principalmente, os “pixadores” a partir dos anos 2000. Estes eventos ocorrem, geralmente, às sextas, no horário das 20 horas. Abaixo, nota-se a convocatória do Duelo de MC’s pelas redes sociais.

“Salve Família!

No mês de agosto o Duelo de MCs comemora 5 anos.

Celebremos! Cola com nós!! PAZ!!!”



FIGURA 67 – *Flyer* do Duelo de MCs em comemoração aos 5 anos de apropriação do local.

Fonte: Família de Rua.

A “Réu do Pixo” foi organizada por um “pixador” do Comando Piratas do Gueto (CPG) com a finalidade de reunir os “pixadores” moradores de distintas regiões de Belo Horizonte. Ele fez a convocação pelas redes sociais solicitando aos “pixadores” que não levassem as latas de spray e os demais materiais para a prática de “pixação”, uma vez que desejava manter o espaço apenas para a troca de experiências, informações e como lazer e divertimento. Assim, qualquer pessoa que transitasse pelo local percebia o agrupamento de jovens, mas era imperceptível aos olhos dos cidadãos o reconhecimento como “pixadores”. As reuniões eram realizadas às terças, no horário das 20 horas, uma vez que os jogos de futebol eram transmitidos às quartas e quintas, podendo impactar na presença do público. Além disso, terça-feira era um dia em que os jovens se encontravam no local para fazer os seus “rolés”, após a reunião.



FIGURA 68 – Flyer de convocação dos “pixadores” para a Reú do “pixo”.

Fonte: Convite enviado à autora.

CAPÍTULO 4 – OS PIXADORES DIANTE DA LEI

Em meados dos anos 1980, as primeiras assinaturas foram estampadas nos muros da cidade de Belo Horizonte. Após uma década, as “pixações” se espalharam pela Metrópole e foram realizadas nas avenidas movimentadas, nos monumentos, nos patrimônios públicos, nos órgãos governamentais, nos cemitérios e nas igrejas para a obtenção de fama, “ibope” e “disposição”. As “pixações” se tornaram um problema público, uma vez que a disseminação das alcunhas despertou o interesse dos órgãos governamentais para solucionarem o problema. Por outro lado, os “pixadores” responderam às ações do poder público de dois modos: construindo estratégias para a divulgação, por meio da mídia, do abandono da prática e, por outro lado, promovendo a alteração do tipo das letras para o estilo brasileiro, a fim de não serem reconhecidos pelos policiais. O presente capítulo descreve as relações estabelecidas entre os “pixadores” e os policiais, bem como com os órgãos governamentais.

4.1- CONFLITO ATENUADO

A pichação é considerada Crime Ambiental, conforme Lei 9.605/98, que prevê pena de “detenção de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa”³² para quem pichar qualquer monumento urbano. Por ser um crime considerado pela legislação como de menor potencial ofensivo, muitas vezes, o pichador (ou o “pixador”) é detido e liberado, fato que não o exime de responsabilidade, pois a pena pode ser transformada em Penas Alternativas.

Tanto a aquisição dos materiais necessários para inscrever as suas assinaturas nos suportes urbanos, assim como o próprio ato de “pixar” são reconhecidos pelos “pixadores” como proibidos, o que proporciona a sensação de “adrenalina” tão mencionada entre eles e que é imprescindível à prática. Nesse sentido, a proibição da atividade é um grande estímulo para a continuidade e a disseminação das assinaturas pela cidade. Já os locais reservados aos “pixadores” não são “pixados”³³, pois eles estabeleceram que o ato só pode ser realizado a partir

³² http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm

³³ Consta que o proprietário de um estabelecimento comercial reservou um espaço para os “pixadores” escreverem as suas alcunhas. No entanto, eles “pixaram” o muro, mas não o fizeram dentro do espaço destinado pelo comerciante, demonstrando que o ato só pode ser realizado na medida em que constitui uma transgressão.

da transgressão, como “pixar” os muros de proprietários e estabelecimentos comerciais, escalar edifícios, entre outros.

Desde os anos 1990, os policiais tentam impedir que os “pixadores” inscrevam as suas assinaturas pela metrópole. Acredita-se que, para os policiais, não há prestígio algum em chegar à delegacia com um “pixador”. Uma das ações, às quais recorrem os policiais ao detectar a atividade de “pixação” na cidade, consiste em pintar os próprios “pixadores” com as tintas utilizadas por eles. Essa ação fez com que os “pixadores” desenvolvessem algumas táticas para lidar com os policiais. A primeira delas consiste em retirar e esconder o “pino” ou “bico” da lata de spray. De acordo com os relatos:

(...) Não pode pintar o rosto. Porque se pintar o rosto, se um “pixador” lesado denunciar dá problema pro policial. Porque o cara pode morrer com isso. A tinta, o aerosol, aquele coisa toda. Pode dar uma intoxicação no cara, então eles pintam, eles costumam pintar a roupa, pinta o tênis, joga a tinta na cabeça, se você tiver com rolim, joga a tinta pra escorrer. Isso acontece. Então é, o policial, por isso que eles fazem assim, eles preferem te bater e te liberar do que te prender (...).

(...) Na realidade eles, eles hoje em dia eles gostam muito de fazer sacanagem, te bater, “pixar” sua cara, jogar tinta n’ocê entendeu? Não, hoje em dia, é raridade levar entendeu? Raridade (...).

(...) Aí levava nós pra debaixo de um galpão, num tinha ninguém, e só foi chegando gente uai, chegou mais de uns dez policial pra bater né em nós uai. Cada cacetada só nos osso, no pescoço. Bateu né em nós demais. Não, eles “pixou” até o olho da gente, deixou só, mandava a gente fechar e jogou tinta até dentro da boca da gente uai. Na orelha, o menino tinha cabelo grande, tinha que tomar banho, tinha que tomar banho até de gasolina, uai (...).

No caso de os “pixadores” serem surpreendidos pelos policiais, os praticantes da “pixação” correm para evitar qualquer tipo de constrangimento. Ao escapar da polícia – que se configura uma fuga com êxito – o membro passa a obter fama e “íbope”, pois os parceiros do “rolé” divulgam a sua “disposição” em relação ao ato de “pixar”. Caso sejam presos, a mídia transmite à população os “pixos” realizados pelos membros dos grupos, o que propicia notoriedade entre os pares. Muitas vezes, o aprisionamento de um “pixador” culmina em frases escritas pelos muros da cidade, como, por exemplo, “Liberdade de expressão”.

A segunda tática empreendida pelos membros do grupo para lidar com os policiais, consiste em dizer a eles que se trata de grafiteiros, já que o grafite foi descriminalizado no ano de 2010. Tais estratégias empreendidas pelos “pixadores” são relatadas nas reuniões como forma de diversão em relação à prática policial, e como forma de transmitir e informar aos novos integrantes como devem proceder ao circular pelas ruas. Entre os membros dos “Pixadores de Elite”, notam-se, inclusive, filhos de policiais:

(...) Aí ele falou assim, mas você toma cuidado viu! Porque policial não gosta de grafite não, porque grafite, maconheiro e “pixador” é tudo a mesma coisa. Que é realmente a ideia que a sociedade tem que “pixador”, grafiteiro e maconheiro é tudo a mesma coisa. Tudo é farinha do mesmo saco. Então, é isso que ele falou comigo da primeira vez. Ele custou a aceitar essa ideia de eu sair para fazer “grapixo”. Só que não tinha como esconder porque “pixação” você chega de madrugada, você vai tomar banho, entra pro seu quarto e pronto. Agora “grapixo”, você faz de dia, você chega em casa todo sujo de tinta, ou então com o olho todo vermelho porque eu tenho alergia de tinta. Chego com o olho todo vermelho e tal, aí o que que você vai falar? Que tava fazendo o quê? Então eu acabei falando que era “grapixo” (...).

Há mais uma peculiaridade na relação estabelecida entre os “pixadores” e os policiais. Além de “pixá”-los com a própria tinta, a ação repressiva é realizada por meio de espancamentos e de uso da força física. De fato, os presidentes da PE repassaram a liderança do grupo em função dos processos judiciais e de espancamentos sofridos, mas não deixaram de ser referência no cenário da “pixação”, e, menos ainda, de pertencer ao grupo, pois “uma vez PE, sempre PE”. Os relatos abaixo apontam para a atuação policial:

(...) Tem polícia que dá um couro na hora e libera (...).

(...) Na hora que eu assustei, o policial já tava em cima. Ele falou os homens, na hora que eu assustei, o cara me pegou. Eu fui tentar correr, mas eu não aguento correr. Aí ele me pegou debaixo do viaduto lá da Silva Lobo com a Amazonas, num tinha ninguém, eles chutaram a minha cara toda (...).

(...) A “pixação” e afixar cartazes é a mesma coisa. É a mesma pena, é poluição visual, num dá nada. O cara vai pegar, vai me levar lá pra delegacia civil. Vai ter que ficar comigo lá, vai ter que dá baixa no BO, o cara tá perdendo tempo comigo. Muitas das vezes o cara fala ó, pega esses trem e some daqui sô. Sempre é assim, sujou, a primeira coisa que o cara faz, joga o pininho fora. Que pelo menos não tem como o cara pintar a não ser quando o cara te pega no ato mesmo, o cara pegou você em flagrante mesmo, aí não tem jeito mais (...).

(...) E a polícia parece que... esses policial parece que é burro, eles levam o “pixador” pra passar raiva. Igual tem muito cara que igual eu já conversei que o cara falou assim: eu não vou te levar porque olha pra você ver, o plantão acaba cinco horas da manhã. Aí o cara te pega por volta de três horas da manhã, aí ele tem que ficar lá até lavrar o boletim, que eles demoram um ano, que eles parece que eles é analfabeto, eles digitam com um dedo, teve um dia que eu chamei o cara de analfabeto, você num sabe nem digitar. Não, não tipo assim, eles demoram pra eles digitarem aquela merda do tal do REDS, agora é tudo integrado, aí tem o REDS que é integrado com todas as polícias. Eles demoram mais ou menos uma hora pra digitar o tal do REDS, eles têm que digitar aquilo dali, que é o boletim de ocorrência. Tá, até eles digitarem, até a delegada... Eles têm que ficar lá na delegacia. Então, quantas vezes eles já largou serviço e tá lá por causa da merda do “pixador”. O cara te fala assim, eu vou te levar pra que? Eu vou te dou um coro, aí vai e te “pixa” você todo (...).

Destacam-se as orientações realizadas pelos policiais aos membros dos “Pixadores de Elite” para que evitem aparecer na mídia, pois caso isto ocorra, os próprios policiais serão cobrados por outras instâncias a apresentarem os integrantes envolvidos com tais autuações. Os conflitos estabelecidos entre os “pixadores” e os policiais se tornam evidentes diante desses relatos.

(...) Tudo que aparecia, aparecia reportagem eles já pegavam. Tanto é que quando eles me pegou eles até falou, ô véi, vocês é muito burro, vocês querem aparecer, tá fazendo num sei o que, por mim vocês podem “pixar” a cidade inteira, agora apareceu na televisão nós vamos atrás. Porque nós recebe ordem lá de cima e nós tem que pegar de qualquer jeito. Para apresentar pro homem lá (...).

Nota-se, a partir desses depoimentos, que se os “pixadores” são um alvo da ação policial, é muito mais pelos inconvenientes que, circunstancialmente, ocasionam à rotina de trabalho dos policiais do que pelo fato da pichação ser legalmente definida como um Crime Ambiental. Mas esse quadro se alterou a partir de 2010.

4.2- O RECRUDESCIMENTO DO CONFLITO

Os órgãos governamentais e a população belorizontina se mostram descontentes em relação aos “pixadores” e os rotulam de vândalos. Os “pixos” são dotados de sentido e significado apenas para aqueles que marcam as suas alcunhas pela paisagem urbana. De alguma forma, o poder público, a população das grandes cidades e a mídia indagam quais os motivos dos “pixadores” para destruírem os patrimônios públicos através das “detonas”. Sem resposta diante de tais atos, o poder público elabora programas sociais apoiados pela população e transmitidos através da mídia como eficientes. Desde os anos 1990, observa-se, na paisagem urbana, um aumento significativo de inscrições elaboradas pelos “pixadores”. Como discutido anteriormente, assim como eles incorporaram o vandalismo para o próprio vocabulário, significando coragem e ousadia, o tratamento do poder público dado aos “pixadores” apenas fortaleceu a identificação desses últimos com seus atos.

No dia 08 de abril de 2010, foi sancionado o Código de Posturas de Belo Horizonte que se destaca por uma série de normas que regulamentam a utilização do espaço público pelos

cidadãos belorizontinos; além da perspectiva de organização da cidade e a melhoria da convivência entre os habitantes³⁴.

Em poucos meses, a Prefeitura de Belo Horizonte elaborou um plano de governo intitulado “Movimento Respeito por BH” com o propósito de “garantir o ordenamento e a correta utilização do espaço urbano, através do cumprimento e efetiva aplicação da legislação vigente”³⁵. Para executar o denominado programa, realizaram-se parcerias com a Polícia Civil e Militar, o Ministério Público, o Poder Judiciário, a iniciativa privada e a comissão de Direitos Humanos. O “Movimento Respeito por BH” possui três frentes de atuação: a repressão qualificada, a sensibilização e o despiche.

A repressão qualificada consiste em inibir as ações dos “pixadores” através dos videomonitoramentos, da identificação das assinaturas com os autores, e da busca e apreensão dos “pixadores” através das redes sociais. A sensibilização, como a segunda frente de atuação do programa, tem como objetivo o redirecionamento dos focos dos “pixadores” para outras atividades culturais. E, por fim, a ação de despiche tem como finalidade limpar o patrimônio “pixado” com a doação de tintas pela iniciativa privada.

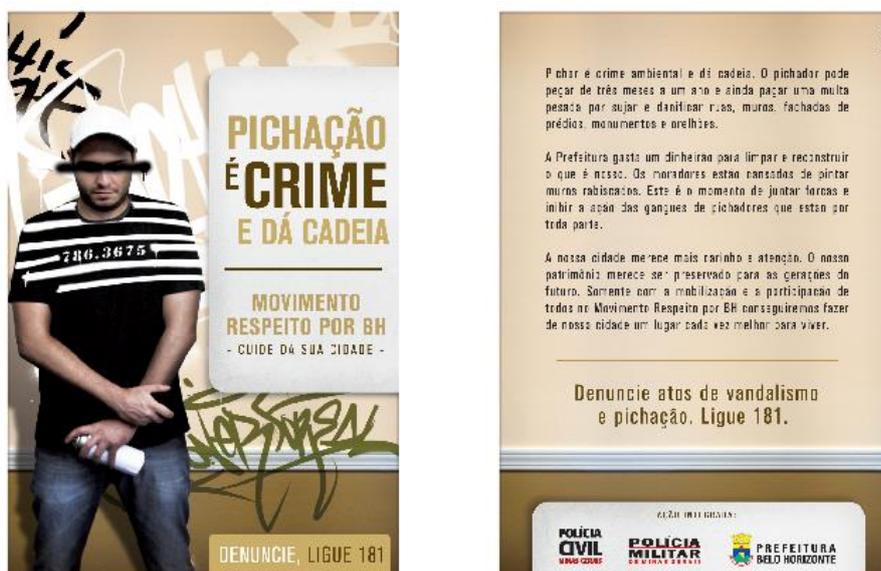


FIGURA 69 – Flyer do “Movimento Respeito por BH”, realizado pela Prefeitura de Belo Horizonte.

Fonte: Prefeitura de Belo Horizonte

³⁴http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=legislacao&tax=12157&lang=pt_br&pg=6480&taxp=0&

³⁵<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=47907&chPlc=47907&viewb-usca=s>

A descrição do “Movimento Respeito por BH” foi impactante no cotidiano dos “Pixadores de Elite”. A ação de repressão qualificada possibilitou a implantação da Delegacia Especializada no Combate à Pichação, culminando na prisão de seis “pixadores” pertencentes ao grupo “Piores de Belô”, por formação de quadrilha³⁶. O crime de formação de quadrilha - no mínimo três pessoas praticando determinada ilegalidade - está previsto no Código Penal, com a reclusão por, no máximo, três anos. A delegada responsável pelas prisões dos “pixadores”, Cristianne Moreira, relata: “(...) a gente tenta inibir a sensação de impunidade. Pichar não dá nada, então a nova linha de atuação é tentar comprovar formação de quadrilha”³⁷. Em 2008, Belo Horizonte foi uma das cidades escolhidas para sediar a Copa do Mundo, assim, em 2010, o Código de Posturas e o “Movimento Respeito por BH” foram sancionados pela atual Prefeitura. Tais leis foram divulgadas pelo próprio site da Prefeitura como ações previstas para o recebimento da Copa do Mundo de 2014 na cidade.

Como os adolescentes investem longos meses ou anos para estetizar as letras e inscrever as suas assinaturas nos mais diversos suportes urbanos, há uma identificação com as alcunhas escolhidas por cada integrante. Além disso, o sentimento de pertencimento ao grupo propicia o fortalecimento de laços de amizade, cooperação e solidariedade denominados, por eles, de família. Como o grupo compartilha dos mesmos valores e possui um estilo próprio de vida, o “Movimento Respeito por BH” é considerado, pelos membros, como um “Movimento (Des)Respeito por BH”. Segundo os relatos dos membros da PE:

(...) Formação de quadrilha? Vai entrar a quadrilha toda? Será que eles não pararam para pensar nisso? Não adianta, você vai prender um cara, e os outros? E a quadrilha que eles falam? Num justifica. Agora se prender faz o seguinte: eu acho que seria muito mais cabível para prefeitura o seguinte, prender o cara, pinta ali, você vai ter uma pena. Você vai cumprir tipo três anos num regime tipo socioeducativo. Toda reforma de estádio, reforma da Santa Casa, você vai ter que colaborar pelo menos com 8 horas. Tipo assim, num mês. Vai ter que ir lá pintar a Santa Casa, você vai ter que ir lá pintar lá um dia inteiro. Você vai pagar aquilo dali. Igual o (...) já pagou cesta básica, porque o (...) já foi enquadrado em 288. Formação de quadrilha. Antes era 288. Agora nem sei que número é. Por causa da “pixação”. Ele pagou cesta básica acho que num sei se foi quatro anos, ou se foi... só sei que foi um tempo grande (...).

(...) Mas a maioria, todo mundo trabalha, estuda, se faz alguma coisa que o povo julga errado, é fumar uma maconha aqui, sei lá, tipo algo assim. Mas crime mesmo, acho que tem, é, rola

³⁶<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/788339-policia-de-minas-prende-pichadores-por-formacao-de-quadrilha.shtml>

³⁷<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/788339-policia-de-minas-prende-pichadores-por-formacao-de-quadrilha.shtml>

“pixador” que é envolvido com o crime, mas não por causa da “pixação”, fraga? Acho que não tem nada a ver. Acho que é uma coisa que colocaram na cabeça da sociedade e pronto. Tanto que tipo um tempo atrás tipo acho que rolava até uma propaganda. Passava mesmo na televisão tipo querendo dizer que a pessoa entra no crime através da “pixação” fraga? Eu acho que num tem muito a ver não (...).

(...) Pelos “pixadores”, a sociedade odeia “pixador”, a sociedade odeia um monte de coisa, né? Que é ignorante, a sociedade é hipócrita, mas é ignorante, então através da ignorância vem a hipocrisia. O sujeito se preocupa muito, por exemplo, em ver um cara “pixando” um posto de saúde que é do lado de fora, mas não se atenta com um problema que tá lá dentro, que não tem médico, não tem um atendente, que não tem uma condição adequada, pra um paciente e tal! Gente, “pixo” é o quê? “Pixo” é visual, é estético, não tem nada a ver, gente, preocupa menos com o lado de fora da sua casa e preocupa com a parte de dentro. Acho que a parte de fora ali é público, é pra quem quiser intervir ali, aquele espaço tá ali é pra quem quiser. Quem não quiser que faça o uso da maneira que achar melhor, com grafite, “pixo”, com trepadeira ou sei lá o quê. É, arruma um jeito de colorir, de fazer alguma coisa (...).

A Polícia Civil vai criar uma delegacia para combater especificamente as gangues de pichadores que agem em Belo Horizonte. Munidos de latas de tinta e spray, os vândalos saem às ruas, principalmente na calada da noite, e emporcalham monumentos, fachadas de imóveis e muros. São pelo menos 300 pichações por mês na capital, o que levou o prefeito Marcio Lacerda (PSB) a sugerir ao governador Antonio Augusto Anastasia (PSDB) a criação da nova unidade policial. Segundo ele, a prefeitura vai ceder o espaço físico e a Guarda Municipal ajudará os policiais civis na identificação e localização dos pichadores.

O governo do estado confirmou a negociação entre a Polícia Civil e a prefeitura. A data em que a delegacia começará a funcionar e o local ainda estão sendo definidos. A unidade poderá ser montada na sede da Guarda Municipal, na Avenida dos Andradas, no Centro, com uma central de monitoramento eletrônico. As câmeras vão vigiar prédios públicos e locais de grande concentração de pessoas, como a Praça da Estação e o Parque Municipal Américo René Giannetti, no Centro, e o mirante das Mangabeiras, na Região Centro-Sul. A previsão é de que a central seja inaugurada na semana que vem.

**ESTADO E MUNICÍPIO VÃO
CRIAR UNIDADE POLICIAL
DEDICADA EXCLUSIVAMENTE
À INVESTIGAÇÃO DAS AÇÕES
DE VÂNDALOS QUE SUJAM E
DANIFICAM MONUMENTOS
E FACHADAS DE
PRÉDIOS EM BH**

FIGURA 70 – Reportagem da criação da Delegacia Especializada para combater a pichação.

Fonte: Estado de Minas

Cabe ressaltar que Belo Horizonte foi a única cidade que adotou a estratégia de enquadrar pichadores como formação de quadrilha. Mas a prisão dos membros dos “Piores de Belô” não inibiu a atuação dos “pixadores” pela cidade de Belo Horizonte. A partir daí, os integrantes do grupo modificaram os “rolés”, circulando pela cidade sozinhos ou com apenas mais um “pixador”. Além disso, os “pixadores” mantêm nas redes sociais um perfil para divulgarem os “ibopes” e outro perfil por meio do qual utilizam o próprio nome para tratar de assuntos pessoais, profissionais e familiares. O perfil do “pixador” é aberto ao público, uma vez

que eles expressam indignação frente à ação policial. Assim, qualquer investigação policial pode colher as informações necessárias de um pixador, mas as informações pessoais estão mantidas em sigilo. Segundo os relatos:

(...) Se a bomba estourar, nós estamos mais ou menos fudido porque é só nós dois, não tem formação de quadrilha. porque tipo assim, vai agregar um monte de gente, mas aí eu deixo a minha do jeito que tá (...).

(...) Porque atrás da “pixação” gera muita, uma polêmica acerca de uma motivação né? Porque a gente tava ali, as pessoas pensam que a gente “pixa” pra sujar a cidade, pra emporcalhar a cidade, mas não, nós tamos expressando aquilo que não queremos expressar de outras formas. Nós expressa ali na parede. Mostrando ali, é o que a sociedade tá fazendo com as pessoas, o que as pessoas acima que estão no governo tá fazendo com as pessoas que tão lá embaixo. Nas favelas, nas comunidades, entendeu? (...).

A ação de despiche é considerada, pelos membros da PE, como mais um “Movimento (Des)Respeito por BH”, uma vez que eles inscrevem as suas assinaturas nos suportes urbanos e desejam que as suas marcas permaneçam por um longo período na paisagem citadina. Os patrimônios ou propriedades pintados ou revitalizados e, principalmente, divulgados pela mídia se tornam um indício para retornar ao local e marcarem as suas “detonas” novamente. De acordo com o relato de um membro do grupo:

(...) Foi e tal. Aí foi porque os caras tava “pixando” o pirulito e tal. E tava “pixando” um monte de trem aí, e “pixou” aquela praça lá que tem no final da Afonso Pena lá. A Praça da Bandeira, que eles tinham acabado de reformar aí eles foram e “pixaram” o negócio lá. E mais era por causa de pixar o Pirulito. Eles limpavam “pixava”, limpava “pixava”, limpava “pixava”, aí o Ministério Público entrou no meio. Que até então era só polícia. Aí o Ministério Público entrou no meio, e mandou, criou tipo uma força tarefa e falou não, vou acabar com isso. É até um promotor lá que o cara é um terrorista lá. O cara num gosta de “pixação” de jeito nenhum (...).

Na figura 71, nota-se a ação de despiche do “Movimento Respeito por BH”, implantado após a cidade de Belo Horizonte ser uma das sedes da Copa do Mundo de 2014. A resposta da PE a esse movimento pode ser vista nas figuras 72 e 73. Os dizeres da foto 72 estão suficientemente legíveis. Quanto à foto 73, nela se lê: “Aí promotor, o pesadelo voltou”.



Belo Horizonte quer dar um basta à pichação. Moradores de toda a cidade se mobilizam para pintar muros, reunidos em mutirões de limpeza. Crianças, adolescentes e adultos dão uma lição de cidadania e de amor à capital. O movimento Respeito por BH promoveu, ontem, no Bairro São Geraldo, na Região Leste, mais uma ação de despiche, a exemplo das atividades nas regiões Centro-Sul, Norte e Pampulha. Desta vez, o alvo foram as paredes do centro de saúde. Enquanto rolos e pin-

FIGURA 71 – Reportagem de uma das frentes de atuação do Movimento Respeito por BH: despiche.

Fonte: Estado de Minas.



FIGURA 72 – Frase de um membro da PE, demonstrando o conflito existente entre o “pixador” e o órgão municipal.

Fonte: Foto cedida por um membro da PE.



FIGURA 73 – Frase de um “pixador”: “Ai promotor o pesadelo voltou”, referindo-se à atuação dos órgãos governamentais que enquadraram os “pixadores” por formação de quadrilha.

Fonte: Foto cedida por um membro da PE.

4.3- A ILEGALIDADE COMO FONTE DE IDENTIDADE

Os esforços do poder público para se contraporem à atividade de “pixação” acabaram por fortalecer ainda mais essa atividade. As condutas estabelecidas entre os “pixadores”, por meio dos “rolés” e do respeito pelas “detonas”, a concessão de espaços, para que os pares inscrevam as suas assinaturas nos suportes urbanos, e, principalmente, o contato estabelecido entre os “pixadores” nos “points” permitem a eles compartilhar um estilo de vida que reserva, para o ato de “pixação”, um lugar cada vez mais importante. Em vista disso, as ações realizadas pela Prefeitura e pelo Governo Estadual não provocam a diminuição das “pixações” pela cidade, apenas fortalecem a identificação dos jovens com a prática, estabelecem outras táticas para lidar com as possíveis intervenções, além de permitir-lhes considerar tais atuações como objeto de desprezo e de deboche.

Isso, na prática, contribui, de forma crucial, para a disseminação da “pixação” na cidade e, primordialmente, para as “detonas” realizadas nos patrimônios, nos monumentos e nos dispositivos públicos. Diante das atuações policiais, das leis sancionadas e dos programas implantados, observa-se que a busca pela fama, o “ibope” e a “disposição” se refere não só ao reconhecimento entre os pares, mas também ao conflito estabelecido entre os “pixadores” e os órgãos públicos, pois atacam “(...) o que é considerado precioso para a sociedade”. Os relatos apontam que eles concebem a prática como proibida, mas não se configura como um crime; ao contrário disso, os “pixadores” acreditam que estão demonstrando para a população belorizontina os problemas públicos que os órgãos deveriam solucionar:

(...) Tipo um ideal... Tudo por um ideal. Eu... eu corro atrás é por melhoria, cé entendeu? Da cidade. Pode ser vandalismo, pode ser o que for que eles achem, mas o meu pensamento não é querer estragar as coisas, é querer mostra, igual eu te falei: tirá as pessoa do lado ruim e querer cai pro outro lado, cê entendeu? (...).

(...) Por que não! Eu faço “pixação”, vou pagar por... por... coisa que eu tô fazendo. Se eu tô ai normal na rua, ai! Isso aí num vão podê me julgar por causa disso, não véi! Daqui uns tempo ele vão vê que nós vamos mudar alguma coisa pra melhor. Então nisso aí... Invés deles julgá nós, eles vão que nós tamo é incentivando pra muita coisa boa (...).

(...) Esse aqui é meu diploma de arte, entendeu? Por que que eu vou fazer artes plásticas? Isso já é de mim. Eu vou lá pra alguém ficar me regulando: não, isso aqui é arte. Isso aqui não é. Entendeu? Eu prefiro não ter formação artística, eu prefiro ser a arte do que ter alguém me regulando em questão de formação artística (...).

Na figura 74, apresenta-se uma reportagem cedida por um integrante do grupo ressaltando que “Pichadores limpam o que sujaram”. Para esses praticantes, não há qualquer sentimento de humilhação em tal repercussão midiática e pública. Contrariamente a isso, eles adquirem “íbope”, pois impactaram a cidade através das suas “detonas”. A reportagem foi realizada nos anos 90 e, até os dias atuais, o membro pertence à PE e realiza “rolés” semanalmente. Isso permite verificar que as estratégias de sanção não surtiram efeito para esse “pichador”, apenas fortaleceram o seu envolvimento com a prática, conforme se verifica nesse relato: “(...) Não, parava não, aí que a gente ficava mais nervoso ué! Às vezes, se a gente encontrasse com alguém “pichando”, a gente continuava “pichando”. Tem muitos que para né? Eu, no meu caso, eu num parava não. Aí que eu queria “pixar” mais ainda”. Outro membro relata:

(...) É, aquela... eu só lembro que eles tiveram que limpar. Aí só que, mas o problema maior é porque, foi nem porque eles “pixaram” a igreja, porque na época tava todo mundo pá, começou a “pixar” as igrejas tudo. Eles começou a queimar o filme, mas o problema maior foi que eles deixou uma frase, tipo assim, que já tava, o bicho já tava pegando. Porque os caras já tava começando... um papo de “pichando” a igreja, os caras “pixaram” a Prefeitura, “pixaram” a Santa Casa, começaram a “pixar” os monumentos tudo. Aí a polícia começou a pegar, começou a pegar. Só que não diminuía a “pixação”, pegava só que não diminuía, pegava, mas só que os caras não paravam. Aí eles pegaram e... aí o que que foi, aí eles começaram... aí depois da Prefeitura eles foram para pegar os caras de madrugada, fazendo operação de madrugada para pegar os caras (...).

Pichadores
limpam o
que sujaram



FIGURA 74 – “Pichadores” limpando as suas “detonas”.

Fonte: Reportagem cedida por um membro da PE.

A adequação ou transformação de alguns termos pelos membros da PE, como vandalismo e o “Movimento (Des) Respeito por BH”, refere-se ao conflito estabelecido entre os membros e os órgãos governamentais. Percebe-se, também, o uso da expressão “Tribunal de (In)Justiça”, para sugerir que, no Brasil, não há justiça. Nos anos de 1990, COBRA “pixou” o prédio do Tribunal de Justiça com a seguinte frase: “A Justiça é cega, então compra um óculos para ela!”, e assinou o nome pelo qual é reconhecido. Outros membros da PE também inscreveram as suas alcunhas no local. Abaixo, observam-se as “pixações” realizadas no Tribunal de Justiça localizado à Avenida Afonso Pena – uma das principais avenidas da Metrópole.



FIGURA 75 – “Pixações” realizadas no Tribunal de Justiça.

Fonte: Foto cedida por um membro da PE.

Como as reuniões da PE não possuem pauta definida e podem ser consideradas como um local de lazer e de diversão entre os membros, observa-se que os “pixadores” levam os processos judiciais instaurados contra eles como objeto de prestígio, conforme demonstrado na figura 76. Nesse encontro, o “pixador” chega à reunião ostentando a intimação que havia recebido, fato que culminou em aplausos pelos demais. Outro aspecto importante de ressaltar se refere às “detonas” realizadas nos próprios dispositivos da Polícia Militar, veja figura 77, demonstrando, claramente, a capacidade que os “Pixadores de Elite” têm para resistir à ação do poder público.

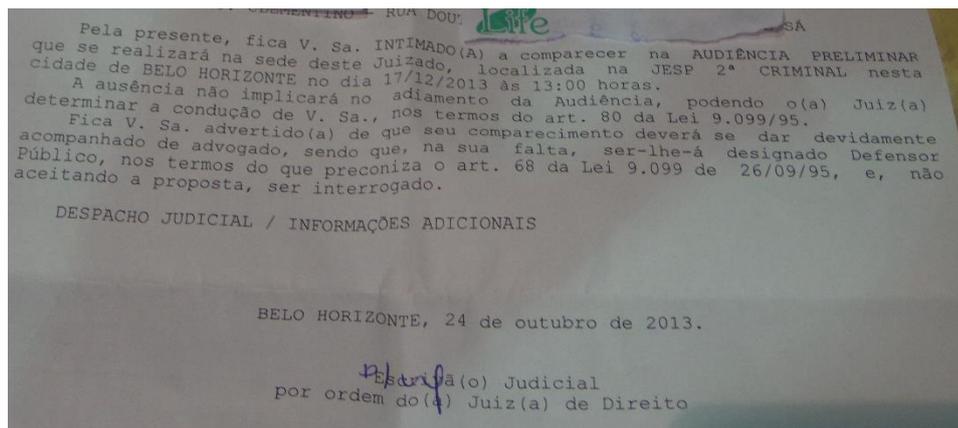


FIGURA 76 – Processo judicial instaurado contra um “pixador”.

Fonte: Créditos da autora.



FIGURA 77 – “Pixações” realizadas nos dispositivos da Polícia Militar.

Fonte: Fotos cedidas por membros da PE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua célebre distinção entre “funções latentes” e “manifestas”, proposta há mais de sessenta anos, Robert Merton (1949) postulou que quando uma atividade ou instituição persiste ao longo do tempo apesar de ser alvo de repressão sistemática isto é sinal de que alguma função não percebida e não intencionada essa atividade ou instituição cumpre. Seu exemplo era a chamada “máquina política”. Por mais que houvesse medidas legais contra ela, e meios institucionais de implementar essas medidas, as “máquinas políticas” mostravam-se indestrutíveis porque cumpriam funções que nenhuma outra instituição legalmente aceita era capaz de cumprir com a mesma eficácia.

Esse raciocínio de Merton se aplica às máquinas políticas, ao tráfico de drogas, à prostituição, mas, definitivamente, não se aplica à prática de “pixação”. A “pixação” não movimentava grandes fortunas, não gera empregos, não presta serviços de assistência social, enfim, não cumpre função alguma. Ela tem sido objeto de repressão há mais de vinte anos e, no entanto, persiste. Não penso que essa prática seja perene. Não me surpreenderia se em cinco anos não houvesse mais vestígios de sua existência.

Mas não há como desconhecer que essa prática tem encontrado maneiras surpreendentes de se reinventar. Seu surgimento em Belo Horizonte, conforme vimos, muito deveu ao espírito, por assim dizer, “empreendedor” de um jovem de 20 anos. Ele imprimiu sua marca por dois anos ao grupo que criou, foi arrancado subitamente da condição de líder e o grupo, arrisco dizer, não sentiu o impacto dessa perda. Outro jovem, com características bem diversas, o substituiu e imprimiu sua marca pessoal até ser também abruptamente arrancado de sua condição de líder. Seguiu-se um “vácuo” de liderança sem que isto significasse uma alteração significativa na organização e nas práticas do grupo, e a emergência da mais recente liderança – o tal GG – também não alterou esse quadro.

Mas o Brasil de hoje não é o mesmo de vinte anos atrás, e as mudanças ocorridas nas últimas décadas forçaram uma evolução na prática de pixação. De um “Pixador de Elite” se requer, hoje, uma agilidade nunca antes requerida. Devido ao advento de novas facilidades para o exercício da repressão policial, as marcas precisam ser deixadas com rapidez sem que com isso se perca a qualidade. E novos equipamentos precisam ser manuseados com maestria para que lugares nunca antes alcançados agora o sejam. Dado esse novo quadro, um ícone como INXS, a quem o grupo deve sua existência e seus primeiros tempos, não teria mais lugar nos “Pixadores de Elite”. Sua maneira de atuar tornou-se ultrapassada. Seu lugar numa espécie de

“conselho de sábios” é mantido, mas esse Conselho, conforme vimos, pouca ou nenhuma voz tem quando se trata de resolver conflitos cotidianos. Vimos, por exemplo, que desavenças ocorridas entre membros do grupo se resolvem entre eles. Rege a lei do mais forte. Durante todo o tempo que permaneci imersa no campo, não há registro de conflitos cuja solução adveio de uma decisão tomada por algum conselho superior.

Se a permanência dos “Pixadores de Elite” não pode ser atribuída a alguma “função latente” que a prática de pixar pode, porventura, ter, a que atribuí-la? Um fator óbvio é o baixo custo operacional. Não há “sede” a ser mantida, não há corpo de funcionários a ser pago, não há impostos, não há “capital fixo”; toda a despesa se resume aos equipamentos para pixar. Por outro lado, não há nada análogo ao que se poderia chamar de “escola de formação de pixadores”. Um clube de futebol ou uma Companhia de dança precisa de um longo investimento em “categorias de base” e sabe, de antemão, que uma porcentagem razoável dos neófitos em quem irá investir não trará qualquer retorno. Os “Pixadores de Elite” não correm riscos dessa natureza. Quando esse grupo chega a admitir um pixador em suas hostes ele já demonstrou suas capacidades. Há até, conforme vimos, um “treinamento adicional”, mas apenas a quem já comprovou suas excepcionais potencialidades. Por outro lado, como não há demanda por lealdades, evita-se ou atenua-se o risco da cisão do grupo em sub-grupos que possam vir a ganhar autonomia. Cabe lembrar que os “Piratas do Subúrbio” jamais se destacou dos “Pixadores de Elite” para se tornar um grupo a parte. Mas há uma razão que me parece mais decisiva: a perenidade dos feitos. Um experimento mental me ajudará a me fazer entender.

Suponha-se que o poder público consiga coibir a prática com enorme eficiência. Os “Pixadores de Elite” poderiam, com isto, passar uma longa temporada sem fazer um “rolé” bem sucedido, mas, ainda assim, a reação das autoridades, da imprensa, ou da sociedade de um modo geral a uma marca que se conseguisse deixar em um equipamento urbano de maior visibilidade seria suficiente para “recarregar as baterias” do grupo; seria suficiente para recolocá-lo em evidência perante todos os praticantes. Quando a prática ilegal envolve a movimentação de muito dinheiro ela não pode suportar longos períodos de inatividade, mas a “pixação” pode esperar. Ela pode permanecer “latente” por longos períodos.

Disto não resulta, entretanto, que ela não possa se extinguir. Não faço prognóstico sobre a viabilidade a longo prazo dos “Pixadores de Elite” ou de qualquer grupo dedicado à atividade de “pixação”. Não vejo proveito também em tomar essa prática como um sintoma (patológico?) dos tempos modernos. Ainda que possa haver um grão de verdade em considerá-la assim, é

uma verdade que não lança luz alguma nem sobre o modo como os grupos que se ocupam dessa prática se formam nem como se transformam com o passar do tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

CARVALHO, Rodrigo Amaro de. Entre prezas e rolês: pixadores e pixações de / em Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

FRANCO, Sérgio Miguel. Iconografias da MetrÓpole: grafiteiros e pixadores representando o contemporâneo. Dissertação (Mestrado – Área de concentração: Projeto Espaço e Cultura). Universidade de São Paulo, 2009.

ISNARDIS, Andrei. Pichações e pichadores na cidade de Belo Horizonte. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Minas Gerais, 1995.

MERTON, Robert K. *Social theory and social structure*. Glencoe: Free Press, 1949.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre Torcidas Organizadas de Futebol. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, 14 (2). p. 122-128, 2000.

SOARES, Flávia Cristina. A pichação dos jovens no Conjunto Taquaril. 2010. 60f. Monografia (Especialização em Administração Pública, Gestão Social) – Escola de Governo da Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2010.

_____. “Pixação em Belo Horizonte: identidade e transgressão como apropriação do espaço urbano”. In: Revista Ponto Urbe. São Paulo: V. 12, 2013.

SOUZA, David da Costa Aguiar de. Pichação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, (2007).

_____. Desvio e estetização da violência: Uma abordagem sócio-antropológica acerca da atividade dos pichadores dos muros no Rio de Janeiro. DILEMAS: Revista de Estudo de Conflito e Controle Social. Vol 5, nº2, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcidas organizadas de futebol. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

SITES CONSULTADOS

<http://chicomiranda.wordpress.com/tag/policia-do-exercito/> 02/11/2013

<http://www.favelaeissoai.com.br/noticias.php?cod=102> 02/11/2013

https://www.facebook.com/familiadrua/photos_stream 02/11/2013

http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=legislacao&tax=12157&lang=pt_br&pg=6480&taxp=0&. 02/11/2013

<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=47907&chPc=47907&viewbusca=s>. 02/11/2013

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/788339-policia-de-minas-prende-pichadores-por-formacao-de-quadrilha.shtml> 02/11/2013

http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=legislacao&tax=12157&lang=pt_br&pg=6480&taxp=0&. 02/11/2013

<http://www.hojeemdia.com.br/horizontes/vandalos-picham-biblioteca-publica-de-minas-e-esculturas-na-praca-da-liberdade-1.275929> 03/11/2014

<https://www.facebook.com/Originalrap100comedia> 02/11/2013

VÍDEOS

<http://www.youtube.com/watch?v=SW-h8w2SIhw> 02/11/2013

Pixo. João Wainer e Roberto T de Oliveira, 2009. 61 min. Sindicato Paralelo Filmes. São Paulo

FIGURA 1:

<https://www.facebook.com/paredesdarua/photos/pb.316759888347459.-2207520000.1414968995./670010999689011/?type=3&theater> 02/11/2013

FIGURA 2:

<https://viladoamor.wordpress.com/category/espiritualidade/page/2/> 02/11/2013

FIGURA 3:

http://www.albertomesquita.net/am/Graffiti/arles_gallery/imagepages/image85.html
02/11/2013

FIGURA 23:

<http://www.panoramio.com/photo/3799035> 02/11/2013

FIGURA 69:

Estado de Minas. Caderno Gerais, Belo Horizonte, 16/11/2008.

FIGURA 70:

Estado de Minas. Caderno Gerais, Belo Horizonte, 15/10/2010.